



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“PORQUE DESPIDAS DAS GRINALDAS, DOS VÉUS, DE TUDO, FICA A  
MULHER. E ELA TEM LÁ TUDO”

ANDREIA PATRÍCIA ALVES BARROS

Orientador da Dissertação:

PROF. DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Coordenador do Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Ângela Vila-Real apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Ângela Vila-Real, por tudo! Pelo apoio prestado no passado, por ter sido sempre tão paciente comigo, por ter aceite, mais uma vez, acompanhar-me à distância. Por todos os atendimentos, suporte e orientação. Por toda a disponibilidade e palavras sábias. Sem a sua colaboração, não seria possível. O meu mais sincero obrigada... por tudo!

A todos os professores do ISPA que directa ou indirectamente fizeram parte da minha jornada.

A todos os familiares que apoiaram este projecto com a mesma intensidade que apoiam todas as minhas decisões. Um agradecimento especial àqueles (familiares) que, de certa ou qualquer forma, tornaram a realização desta investigação possível.

Às amigas e amigos que me apoiaram, ajudaram, “aturaram” e não se cansaram de incentivar para que não desistisse. Vocês são a família que eu escolhi. Tornaram tudo mais fácil. Como sempre! Um agradecimento especial para a Andreia, Maria José, Marlene e Sérgio.

Aos meus irmãos. A vida, às vezes, prega-nos partidas e afasta-nos das pessoas que mais amamos. Mas acreditem... não há distancia que supere o amor que sinto por vocês.

Às participantes desta investigação, pela simpatia, disponibilidade e por terem me presenteado com narrativas que superaram as minhas expectativas! Um agradecimento muito especial para a Avó. Lembrar-me-ei dela, das suas palavras sábias, do seu tom meigo e acolhedor, da tranquilidade que me transmitiu durante o encontro para todo o sempre.

À minha mãe, por estar sempre ao meu lado! Sobre qualquer circunstância! Por ser um verdadeiro exemplo de superação, força e perseverança. Por ter tornado o meu ingresso neste curso possível, há 14 anos atrás. Sim... o tempo voa! Mas Mãe... consegui! Por ti e para ti! Obrigada... por tudo... e mais qualquer coisa!

## RESUMO

Introdução: Estudos relacionados com o género são cada vez mais centrais no mundo contemporâneo. Com a emancipação da mulher e aumento da literatura feminista existem cada vez mais estudos sobre a feminilidade, no sentido de se encontrar respostas para as mais variadas questões, como, por exemplo: é um construto biológico ou cultural? Como se desenvolve? Quais as principais ansiedades e conflitos? O que a diferencia do masculino? Qual o papel da família na construção da identidade feminina? Esta identidade deve ser compreendida consoante o contexto cultural? Na revisão de literatura apresentamos de forma sucinta algumas conceptualizações sobre o tema. Objectivo: Este estudo visa analisar a representação do feminino em mulheres angolanas, de três gerações diferentes, da mesma família. Método: A entrevista e respectiva análise baseiam-se no Método Qualitativo FANI de Hollway e Jefferson (2000). Participantes: A amostra é constituída por três mulheres angolanas, residentes em Luanda, Angola, com idades superiores a 30 anos, de três gerações diferentes, da mesma família. Conclusões: Confirma-se a controvérsia que existe dentro da psicanálise relativamente à génese e à definição do feminino. A maternidade constitui a essência do feminino para as participantes mais velhas. A mulher é valorizada pela sua personalidade, que compreende características positivas e direccionadas para o mundo objectal, e pela sua inteligência. Existe uma articulação entre o contexto cultural e político do país com o mundo interior das participantes. Verifica-se uma tendência para a desconstrução do género.

Palavras-chave: Feminino; Feminilidade; Mulher angolana; Colonização; Maternidade.

## ABSTRACT

Introduction: Gender-related studies are increasingly focal in the contemporary world. With the emancipation of women and the increase of feminist literature, there are an increasing amount of studies related to femininity in pursuit of answers to the wide array of questions such as: is it a biological or cultural construct? How does it develop? What are the main anxieties and conflicts? What are the differentiators from masculine? What is the role of the family in the construction of feminine identity? Should be understood according to the cultural context? In the review of the literature, we briefly present some conceptualizations about this subject. Purpose: This study aims to analyze the representation of the feminine in Angolan women, from three different generations in the same family. Method: The interview and its analysis are based on the FANI Qualitative Method of Hollway and Jefferson (2000). Participants: The subjects are constituted by three Angolan women living in Luanda, Angola, aged over 30 years, from three different generations in the same family. Conclusions: The controversy that exists within psychoanalysis regarding the genesis and definition of the feminine is confirmed. Motherhood is the essence of the feminine for older participants. The woman is valued for her personality, which comprises positive characteristics and a self-object world, and for her intelligence. There is a link between the cultural and political context of the country and the inner world of the participants. There is a trend towards the deconstruction of gender.

**Keywords:** Feminine; Femininity; Angolan woman; Colonization; Motherhood.

## ÍNDICE

Introdução.....	1
I – Revisão de Literatura.....	2
1.1. O desenvolvimento do feminino.....	2
1.2. A importância da identificação.....	5
1.3. O feminino e o corpo .....	9
1.4. O feminino e o materno.....	12
1.5. O feminino e o contexto cultural.....	13
1.6. Transmissão transgeracional do feminino.....	16
1.7. Pertinência e objectivo do estudo.....	17
II – Método.....	19
2.1. Delineamento.....	19
2.2. Participantes.....	20
2.2. Instrumento.....	21
2.3. Procedimentos.....	21
III – Análise dos Resultados.....	22
3.1. Entrevista da Avó.....	22
3.1.1. A inter-relação.....	22
3.1.2. Análise dos resultados.....	22
3.1.3. Resumo da narrativa.....	35
3.2. Entrevista da Mãe.....	37
3.2.1. A inter-relação.....	37
3.2.2. Análise dos resultados.....	37
3.2.3. Resumo da narrativa.....	40
3.3. Entrevista da Filha.....	41
3.3.1. A inter-relação.....	41
3.3.2 Análise dos resultados.....	41

3.3.3. Resumo da narrativa.....	46
3.4. Interligação das entrevistas.....	47
3.4.1. Semelhanças.....	47
3.4.2. Diferenças.....	48
IV – Discussão.....	49
Conclusões.....	59
Referências Bibliográficas.....	61
Anexos.....	71
Anexo A: Consentimento Informado.....	72
Anexo B: Entrevista da Avó.....	73
Anexo C: Entrevista da Mãe.....	80
Anexo D: Entrevista da Filha.....	83

## Introdução

Questões relacionadas com o género e com a sexualidade são cada vez mais centrais no mundo contemporâneo (Mitchell, 1996). Definir se a feminilidade é determinada biologicamente ou se a sua construção transcende à biologia ainda é uma questão que apresenta controvérsias dentro da psicanálise (Birksted-Breen, 1996). Partindo da noção de que a “Anatomia é destino”, Freud e alguns psicanalistas apresentaram a teoria sobre a feminilidade a partir da biologia. Nesta teoria, o sexo deve ser compreendido como resultado da biologia. A forma como a criança reage à diferença anatómica entre os sexos é que determina a feminilidade, o desejo pela maternidade, a identificação com a figura parental do mesmo sexo e a formação de carácter.

A partir dos anos 70 surgiram várias conceptualizações de revisão da teoria freudiana que ofereceram um novo olhar sobre a mulher ao espelharem uma “noção de género que não é motivada pela diferença sexual, embora a envolva” (Benjamin, 1991, para. 1). Robert Stoller (1976, 1993) foi central para a mudança de paradigma ao introduzir a noção de núcleo da identidade de género, que antecede à identidade de género, e corresponde ao sentimento de pertença ao sexo biológico, i.e., à masculinidade nos homens e à feminilidade nas mulheres. Os termos *homem* e *mulher* encerram, assim, uma distinção a nível biológico e os conceitos *masculinidade* e *feminilidade* uma motivação psicológica. Este conceito corresponde a uma interpenetração entre o biológico, o psicológico, o social e o cultural. Com o conceito de identidade de género temos, por um lado, o sexo como sinónimo do que é biológico e, por outro, o género como espelho das convicções socioculturais (Laplanche, 2007).

Deparamo-nos então com uma outra perspectiva: a cultural. Vários psicanalistas enaltecem a importância da cultura na formação de carácter, no desenvolvimento da estrutura psíquica e nos papéis de género que cada indivíduo vai assumir. Nesta perspectiva, o mundo exterior influencia o mundo interior através da “fantasia, introjecção e projecção, ambivalência, conflito, substituição, reversão, distorção, divisão, associação, compromisso, negação e repressão” (Chodorow, 1978, p. 47).

Considerando a interpenetração que o contexto cultural pode ter com o plano intrapsíquico, o objectivo deste estudo foi analisar a representação do feminino em mulheres angolanas de três gerações diferentes da mesma família (uma Avó, uma Mãe e uma Filha). No

decorrer do último século, o contexto sociopolítico de Angola atravessou por quatro períodos distintos: colonização, luta pela independência, guerra civil e paz. Se a forma como o género se manifesta em cada indivíduo varia consoante as relações objectais mantidas na fase inicial do desenvolvimento, consoante os conflitos e mecanismos accionados para a sua resolução, consoante o contexto cultural e o tempo histórico (Chodorow, 1978; Harris, 2000) então importa verificar se a situação histórica de Angola articula-se com o mundo interior da mulher e com a forma como representa o feminino. No capítulo da revisão de literatura apresentamos, a partir de alguns autores e de forma resumida, o desenvolvimento feminino. São abordadas também questões como a identificação, o corpo da mulher e as suas funções, a maternidade, o contexto cultural e a transmissão transgeracional do feminino. Para a estruturação da entrevista e análise dos resultados foi seleccionado o método qualitativo FANI de Hollway e Jefferson (2000).

## **I – Revisão de Literatura**

### **1.1. O desenvolvimento do feminino**

Apesar de espoletar várias críticas, principalmente a partir dos anos 70, a teoria freudiana continua a constituir o ponto de partida dos estudos sobre a feminilidade. Freud formula toda a sua tese sobre o feminino a partir do masculino. Defende que, no sentido de aceder à feminilidade, as meninas devem passar por duas tarefas importantes: a alteração da zona erógena (do clítoris para a vagina) e a alteração do objecto de amor (da mãe para o pai) (Freud, 1931/1969b). O clítoris, órgão considerado por Freud como análogo ao pénis, constitui a principal zona erógena feminina na infância. Quando percebe a diferença genital em comparação com o menino, a menina sente inveja do pénis e considera-se, por isso, inferior e desvalorizada. Numa primeira fase julga que, em determinada altura, possuiu um órgão igual ao masculino, mas que foi castrada. Este complexo de castração influencia e prepara a menina para a entrada no complexo de Édipo (Freud, 1924/1989a). Ela culpa a mãe pela ausência do pénis e o pai passa a ser o seu objecto de amor, na expectativa de lhe dar um bebé, substituindo assim o desejo do pénis (Freud, 1924/1989a). A mãe é considerada como rival, como objecto de ciúme, porque recebe o pénis-bebé que o pai recusa dar à filha. Como o desejo de ter um filho do pai não é realizado, o complexo edipiano vai se dissolvendo

lentamente (e talvez nunca totalmente) (Freud, 1925/1989b). Do complexo de castração podem resultar três vias de desenvolvimento distintas: *a)* Inibição sexual ou neurose provocada pela renúncia do prazer obtido através do clítoris por considerar a inferioridade genital; *b)* Complexo da masculinidade – acredita que vai possuir um pénis pelo que evita a passividade que conduz à feminilidade; *c)* feminilidade normal (Freud, 1933/1989c).

Muitos autores defendem que a consciencialização da diferença anatómica ocorre durante a fase pré-genital, mais cedo do que postulado por Freud (Chodorow, 1989). Nas perspectivas de Horney (1923/1967a) e de Klein (1932/1969), a inveja do pénis não constitui uma falha narcísica, mas uma reacção a outras experiências da fase inicial do desenvolvimento. Klein (1932/1969) considera que a menina não deseja o pénis para possuir a sua masculinidade mas como fonte de gratificação oral, devido à retirada do seio materno. Já para Horney (1923/1967a), a base do complexo de castração manifesta-se pelo facto do rapaz poder visualizar e tocar o seu órgão genital ao urinar e ter, por isso, mais possibilidades de gratificação. Horney (1926/1967b) sugere que existe nos homens um impulso inconsciente para depreciar as mulheres atribuindo-lhes e reforçando-lhes uma inferioridade, desde o nascimento, que não é real.

Ainda na teoria freudiana, a vagina, órgão feminino por excelência, é descoberta na puberdade com o abandono da sexualidade masculina, i.e., com a transferência, total ou parcial, da fonte de excitabilidade do clítoris para a vagina – segunda tarefa importante no desenvolvimento da feminilidade (Freud, 1925/1989b). Deutsch (1925) identifica a alteração da fase fálica para a fase vaginal, durante a adolescência, como a tarefa mais difícil do desenvolvimento libidinal da mulher. Nesta teoria, a vagina tem a função de receber a criança e não o pénis. Só quando renuncia ao prazer masculino do clítoris e reconhece a vagina como órgão sexual por excelência, capaz de desenvolver a sua função materna, é que alcança a fase final do desenvolvimento feminino e se torna, por isso, uma mulher.

Karen Horney (1933/1967c) assume uma posição contrária ao sugerir que a vagina não só é descoberta antes da puberdade, como “desempenha o seu papel sexual desde o início” (p. 157). Melanie Klein (1928/1996, 1932/1969) confirma estas sensações, bem como uma noção inconsciente da vagina e indica que o seu papel foi substituído pelo do clítoris devido à sua configuração interior. Kestenberg (1968), numa mesma perspectiva, sugere que estas sensações vaginais, presentes desde o período pré-genital, conceptualizado por si como “fase do genital interior”, convertem-se no desejo de ter um filho. Acredita que as

transferências que ocorrem até à adolescência entre o genital interior e o exterior constituem um modo de preparar a menina para a função dupla da vagina: reprodução e sexualidade. Nesta teoria, o desenvolvimento da feminilidade termina quando a mulher consegue integrar o seu papel de mulher como esposa e mãe. Para tal, o marido e o(s) filho(s) desempenham um papel importante como organizadores da sua feminilidade. Para Klein (1932/1969), a decisão de manter a feminilidade ou abandoná-la ocorre durante a fase pós-fálica, o que significa que na latência, os comportamentos femininos, com um carácter passivo e maternal, já estão constituídos. As três autoras defendem que consciencialização da vagina é reprimida (Klein, 1932/1969; Horney, 1933/1967c; Kestenberg, 1968).

A necessidade de integrar o órgão genital interior à sua imagem corporal, ao mesmo que tem que resolver as outras tarefas inerentes à fase anal ou fase de separação-individuação de Mahler é o que espoleta, para Bernstein (1990), as ansiedades genitais femininas. Estas ansiedades estão relacionadas com o facto de não pode ver e, por isso, aceder ao seu órgão genital, o que dificulta o seu manuseamento e a criação de uma representação mental desta parte do seu corpo. Esta inacessibilidade ao órgão faz com que tenha a necessidade de externalizar e concretizar o invisível. O medo de penetração, i.e., o medo de não conseguir controlar o acesso à vagina pelos outros ou por si própria, mesmo não sabendo a sua génese nem função, visto que a vagina é ainda passiva e inerte nesta fase, constitui a ansiedade genital central. A vagina é fantasiada como um buraco por onde podem entrar e/ou sair coisas.

Chasseguet-Smirgel (1986) refuta a teoria freudiana alegando que a mulher descrita como inibida, histérica e passiva não corresponde à imago materna onipotente internalizada pelas crianças na fase em que estão totalmente dependentes dos cuidados maternos. O desejo de se afastar da mãe primária faz com que a criança, de ambos os sexos, a desvalorize e projecte o seu poder e qualidades no falo paterno. Importa referir que a criança não lida apenas com a diferença anatómica, mas também com a diferença entre gerações (Chasseguet-Smirgel, 2005).

Não obstante a diferenciação entre os conceitos de masculinidade e feminilidade, Freud (1925/1989b) defende uma bissexualidade inata que influencia todo o desenvolvimento psicosexual – “todos os seres humanos, como resultado da sua disposição bissexual e da sua hereditariedade cruzada, combinam em si características tanto masculinas como femininas, de modo que uma masculinidade ou feminilidade puras continuam a ser construções teóricas de conteúdo incerto” (p. 154). Para Balsam (2001), a masculinidade e a feminilidade devem ser

compreendidas à luz de uma complementaridade entre os géneros e não de uma oposição. Dimen (1991), numa conceptualização também contra uma noção de identidade de género unitária, defende a importância de se analisar o contraste entre a masculinidade e feminilidade, pois considera que, enquanto organizador da mente, a identidade de género é construída pela diferença entre os dois conceitos.

Laplanche (2007) enfatiza o papel do outro na designação do género. Considera que a linguagem, as mensagens enigmáticas do adulto para com a criança, tanto prescritas a nível pré-consciente/consciente como inconsciente (expectativas e fantasias em relação à criança), influenciam a designação e desenvolvimento do género. Estas mensagens estão inscritas na linguagem corporal (por exemplo, cuidados maternos) e no código social passado à criança pelos familiares mais próximos (pais, avós, irmãos, etc.). As fantasias dos pais em relação ao género da criança são fortemente influenciadas pela sua própria experiência de género (Harris, 2000). Corbett (2008) também valoriza o plano interpsíquico da relação inicial com os pais na construção de género, dando grande importância aos desejos infantis inconscientes e aos desejos e fantasias dos pais. Na sua teoria, não existe um factor determinante ou uma relação dual ou triangular, como a edipiana, que defina o género. Este estabelece-se a partir de uma matriz complexa de trocas com os pais (mesmo antes do nascimento devido aos desejos e fantasias dos pais), com o meio, com o simbólico, com o corpo e com a forma como reage e integra a diferença anatómica.

Também com base na teoria de relações de objecto, Chodorow (1974) considera que o sentido de self é construído de forma diferente em rapazes e raparigas como resultado da relação inicial com a mãe (Chodorow, 1989). “O sentido básico de self feminino está conectado com o mundo” (Chodorow, 1978, p. 169), na medida em que a relação com a mãe desenvolve o sentido de self-contínuo com os outros e um mundo interior self-objecto rico e bissexual e é este funcionamento psíquico que permite o desempenho da função materna. O ego feminino é, por isso, caracterizado como tendo limites mais flexíveis.

## **1.2. A importância da identificação**

Freud (1921/1969a) descreve a identificação “como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (p. 115), que consiste em assumir características, totais ou parciais, do objecto tido como modelo no seu próprio ego. Schafer (1990) define como um

tipo de internalização que assume maioritariamente processos inconscientes, inclusive no período pós-edipiano, e que consiste “em modificar o self subjectivo ou comportamento, ou ambos, de forma a acrescentar semelhanças do objecto tido como modelo” (p. 16), independente da representação da relação e, por disso, diferente da introjecção. Identificando-se com a(s) representação(ões) do objecto e não com o objecto em si, o sujeito pode identificar-se com o pai, a mãe, outro familiar, amigos, figuras míticas, figuras de referência nacional, local ou mundial, artistas, etc. (Schafer, 1990).

No desenvolvimento da sua feminilidade, a menina tem uma posição privilegiada, pois o seu primeiro modelo de identificação é do mesmo sexo – a mãe (Stoller, 1993). Nesta identificação com a mãe, Freud (1933/1989c) define dois momentos importantes: a identificação com a mãe na fase pré-edipiana enquanto modelo, que influencia a vida sexual e social posterior; e a identificação na fase edipiana, em que considera a mãe como rival, pretendendo assumir o seu papel na relação com o pai. Outros autores falam de uma fase de identificação primária, referindo-se à fase de dependência total, em que a criança não se diferencia da mãe e cuja experiência de simbiose é contínua da relação mantida dentro do corpo da mãe; e de identificação secundária, quando assume os contornos efectivos do processo de identificação que implica uma noção de separação da figura de identificação (Chodorow, 1974).

A fase edipiana e as identificações necessárias para resolução deste conflito desempenham um papel fulcral na teoria psicanalítica. Klein (1932/1969) defende que o conflito edipiano manifesta-se mais cedo, i.e., entre o primeiro e o segundo ano de vida da criança, devido à retirada do seio materno. As frustrações orais e anais fazem com que a menina se afaste da mãe e vire para o pai como objecto de gratificação. A mãe passa a constituir o seu objecto de identificação. Nesta teoria, a feminilidade está assente na identificação projectiva. Sendo governada por mecanismos de projecção e introjecção, a criança introjecta os objectos, por exemplo, a mãe, por representação do seio como “bom” ou “mau”, dependendo se recebe as gratificações pretendidas ou não. O “mau seio” predomina sempre que projecta os seus próprios impulsos agressivos para o objecto, considerando-o como persecutório e temendo a destruição sádica do seu corpo (Klein, 1935). A relação com o seio constitui uma das bases mais importantes para o desenvolvimento emocional e sexual dos indivíduos (Klein, 1945) e determina a forma como a criança vai lidar com a frustração espoletada pelo pénis e, conseqüentemente, a sua relação em geral com os homens no futuro (Klein, 1932/1969). O medo da perda do amor do objecto, que caracteriza a posição

depressiva da criança, está presente desde as fases iniciais do conflito edipiano (Klein, 1945). Como a mãe é detentora do seio que nutre, do pénis do pai, dos bebés e é responsável pela sua gratificação, a introjecção de uma imago materna positiva (“seio bom”) é fulcral para o desenvolvimento feminino. A concentração da criança numa parte do objecto, como o seio ou o pénis, é considerada como uma identificação do self subjectivo com o objecto inteiro (Schafer, 1990).

Segundo Kestenberg (1980), por identificação à mãe, a menina, por volta dos 3 anos, faz o papel de mãe de todos (bonecos, pais, irmãos, etc.). Na fase fálica edipiana negativa, ela identifica-se com os rapazes e deseja penetrar a mãe para obter o bebé desejado. A inveja do pénis, característica desta fase, deve ser entendida como uma forma da rapariga se identificar com o sexo oposto, sem abdicar da sua feminilidade. São estas características masculinas que fortalecem a constituição bissexual. A fase fálica edipiana positiva é, por sua vez, caracterizada por um interesse heterossexual pelo pai. A mãe passa a ser percebida como rival, porque tem o amor paterno que ela deseja. Nesta fase, a feminilidade da menina é afirmada pelo pai ou irmão e a mãe constitui o seu modelo para a heterossexualidade.

Grande parte dos autores psicanalíticos sugere que a relação edipiana com o pai ganha expressão a partir da relação inicial com a mãe. A transição (da mãe para o pai), segundo Ogden (2012), emerge da relação com um objecto interno (que não é abandonado), a imago materna, para o investimento em objectos externos, o pai e a mãe edipianos. A menina desenvolve uma relação edipiana tanto com o pai como com a mãe e “a forma como [é] internalizada [e construída] não substitui, a sua ligação exclusiva e intensa com a mãe” (Chodorow, 1978, p. 127). No desenvolvimento feminino, o conflito edipiano é marcado pela “continuação das vinculações e preocupações pré-edipianas, pela oscilação sexual na triangulação edipiana e pela falta de uma mudança absoluta de objecto de amor ou de uma absoluta resolução edipiana” (Chodorow, 1978, p. 133 e 134). Este conflito influencia a formação da personalidade não só pelos processos de identificação, mas também pelos tipos de relação internalizados pelos rapazes e pelas raparigas, que são diferentes. A rapariga, por exemplo, não tem que renunciar o objecto interno como acontece com o rapaz. Se as relações manifestam-se de forma diferente, a resolução dos conflitos e os mecanismos de defesa desenvolvidos também são diferentes (Chodorow, 1978).

A maior parte dos autores, a partir dos anos 70, enalteceu a importância da relação inicial com a mãe como facilitador do desenvolvimento da feminilidade (Benjamin, 1991). É

importante, no entanto, considerar que, no sentido de desenvolver o seu self, a rapariga tem a difícil tarefa de se separar da mãe, ao mesmo tempo que depende dela para a identificação como mulher, para a integração do seu órgão genital e do papel de género feminino (Bernstein, 1990; Greenson, cit. por Piccioli & Bartolomei, 2003). Chodorow (cit. por Wieland, 1991) considera, inclusive, que o facto de serem do mesmo sexo é o que torna a identificação primária e a vinculação na fase pré-edipiana tão intensa e que não possibilita à rapariga separar-se totalmente. A identificação da menina com a mãe implica uma apropriação de valores, traços de carácter e comportamentos necessários para a formação da identidade feminina (Chodorow, 1974, 1978). “A aceitação da identidade de género [feminina] envolve uma valorização positiva de si própria e não uma admissão da inferioridade (...) envolve uma identificação com a mãe pré-edipiana, activa e cuidadora” (Chodorow, 1974, p. 63). A relação primária com a mãe ultrapassa os contornos da identificação e do desejo de ser como a mãe, na medida em que os seus elementos permanecem e influenciam as fases do desenvolvimento posterior, desenvolvendo-se também bilateralmente, i.e., a própria mãe, “alguém que já internalizou um conjunto de significados, fantasias e auto-imagens sobre o seu género e que traz para a sua experiência a sua própria relação inicial internalizada com a sua mãe” (Chodorow, 1978, p. 167), tende a ver a(s) filha(s) como uma continuidade de si.

Alguns autores (Wieland, 1991; Benjamin, 1991) consideram que papel do pai no desenvolvimento da feminilidade, bem como as suas fantasias e sentimentos conscientes e inconscientes, tem sido declinado pela literatura. Benjamin (1991) sugere que a aproximação ao pai para identificação precede à aproximação ao pai enquanto objecto de amor da fase edipiana. Como o pai foi mantido fora dos conflitos de dependência e representa o mundo externo, a menina aproxima-se dele na fase de separação-individuação na tentativa de se separar da mãe. A necessidade de se identificar com um objecto diferente tende a ser mais significativa nas raparigas devido à intensa relação que mantêm com a mãe e ao desejo de se afastarem (Bernstein, 1990; Benjamin, 1991). O pai permite à criança uma identificação simbólica com o seu ideal – um amor identificatório (Benjamin, 1991). O desejo de ter um pénis não se deve, para Benjamin (1991), à diferença anatómica, mas ao desejo de se individualizar, de afirmação dos seus próprios desejos. A resposta do pai para com a feminilidade da filha é importante para o seu desenvolvimento enquanto mulher. Ele deve permiti-la identificar-se com ele, ao mesmo tempo que reconhece a sua feminilidade (Bernstein, 1990; Schlesinger-Kipp, 2003).

A ideia da identificação primária *a* um adulto é substituída por Laplanche (2007) pela identificação primária *por* um adulto. De acordo com a sua teoria de sedução, formulada a partir da ideia da tradução de um código, o género é designado por um adulto através de mensagens prescritas numa linguagem social e nas relações inconscientes dos pais com a criança, onde se manifestam os seus desejos, fantasias e expectativas em relação ao bebé. Neste sentido, a identificação deve ser considerada como uma imposição do outro e não como uma subjectividade individual (Szpilka, 1999).

### **1.3. O Feminino e o corpo**

É a partir do corpo que o sentido de self se desenvolve (Lemma, 2010). É a partir do corpo que o sujeito se posiciona em relação ao outro em termos de semelhanças e diferenças, de dependência e de separação, ao mesmo tempo que deve integrar os seus desejos e limitações (Lemma, 2010). O ego corporal emerge, assim, de uma constituição intrapsíquica e interpessoal (Harris, 2000).

Em termos anatómicos, são as sensações e funções do corpo da mulher que a diferenciam do homem, nomeadamente, a imagem corporal, a menstruação, a gravidez, o parto, a amamentação, a menopausa (Marmor, 2004). Algumas destas experiências fisiológicas “envolvem desafios para os limites do ego corporal (“meu”/“não meu” em relação ao seu sangue ou leite, ao homem que a penetra, à criança que faz parte do seu corpo)” (Chodorow, 1974, p. 59). Assim sendo, a forma como a menina/mulher experiencia o seu corpo e os conflitos desenvolvidos a partir deste devem ser considerados para a compreensão do seu funcionamento psíquico (Bernstein, 1990).

O primeiro contacto corpo-a-corpo que o ser humano tem é com a mãe e para o desenvolvimento feminino é fundamental (Alizade, 1999; Balsam, 2001). É a partir do corpo da mãe, por isso da mulher, que a criança conhece o mundo (Klein, 1932/1969). Diferentes egos corporais femininos e subjectividades femininas podem emergir da relação com a mãe, por meio de complexos processos sociais e psíquicos, interpessoais e endógenos (Harris, 2000). Na fase inicial do desenvolvimento, a representação mental do corpo da menina, com limites e uma forma definida, é dificultada pela inacessibilidade e invisibilidade do seu órgão genital interior (Bernstein, 1990). Na puberdade, o ego corporal e a imagem corporal são redefinidos devido ao desenvolvimento do corpo e ao aparecimento da menstruação. Nesta

fase, a rapariga “confronta todas as questões sociais e psicológicas de ser mulher (...) [o que] numa sociedade em que as diferenças de género são centrais, esta confrontação [pode enfatizar] a sua ligação e identificação com a mãe” (Chodorow, 1978, p. 136). Por outro lado, as sensações vaginais intensas, devido ao aumento libidinal, reavivam as fantasias edipianas e a rapariga aproxima-se do pai (Kestenberg, 1968), mas deve abdicar da relação edipiana mantida com ele para poder manter uma vinculação com outros rapazes (Chodorow, 1978). Com o aparecimento da menstruação, o complexo de castração é revivido. A menstruação constitui, segundo Deutsch (1925), a constatação física de uma gravidez frustrada e a repetição cíclica ao longo da vida fértil da mulher faz com que os conflitos da puberdade sejam revividos, embora com uma intensidade decrescente. Sentimentos de orgulho pela maturação sexual alcançada podem manifestar-se tanto como sentimentos de ansiedade, vergonha, repúdio e vulnerabilidade (Meissner, 2005).

A fertilidade e, conseqüentemente, uma gravidez, pode ser considerada, para várias mulheres, como a prova da sua identidade de género, a prova de que o seu corpo feminino desempenha todas as funções a que está destinado (Pines, 1993). Se, para algumas feministas, é a caracterização da mulher pelo seu aparelho reprodutor que define o feminino (Deutsch, 1925), para outras, essa é uma forma natural de limitar a mulher à sua função reprodutora e a determinadas tarefas sociais (Butler, 2002). A gravidez é um processo contínuo, com alterações constantes tanto a nível fisiológico como emocional. É uma fase crítica para a mulher em que se manifestam conflitos passados, ansiedades e fantasias em relação ao bebé (Kestenberg, 1980, 1982; Pines, 1993). Uma fase em que, segundo Deutsch (1925), a libido regride para fases anteriores do desenvolvimento e, por isso, expressam-se tendências ambivalentes, características da fase oral e da fase sádico-anal. Por norma, estas tendências desaparecem quando o feto começa a mexer. A regressão para fases anteriores do desenvolvimento possibilita que o conflito ambivalente em relação à mãe da fase da separação-individação seja revivido. A mulher grávida sente necessidade de estar próxima da mãe para identificação, ao mesmo tempo que deseja se separar para construir a sua própria identidade como mãe (Bernstein, 1990).

Narcisicamente, a mulher encontra-se centrada no seu corpo e nas transformações que ocorrem devido ao desenvolvimento de um ser dentro de si. Este ser é, primeiro, considerado como uma parte do seu próprio ego (Deutsch, 1925; Pines, 1993). Quando os movimentos fetais intensificam-se, a criança prova que pertence ao mundo exterior, dando então lugar ao início da relação objectal com a mãe. A experiência do parto pode ser sentida como o marco

final do acto sexual e pode desencadear um êxtase para a mulher semelhante ao obtido pelos homens com a ejaculação (Deutsch, 1925). Após o nascimento, a relação com o corpo da mãe é mantida através do aleitamento. O seio materno representa, na teoria kleiniana, o primeiro objecto da criança. O facto da mãe ser responsável pela alimentação torna a vinculação mais intensa (Chodorow, 1974).

O clítoris, subvalorizado em algumas das teorias psicanalíticas clássicas, é na realidade um órgão que permite alcançar múltiplos, intensos e prolongados orgasmos devido à quantidade de músculos que o caracterizam (Sherfey, 1966, cit. por Marmor, 2004). Segundo Alizade (1999) é esta anatomia, considerada por Melanie Klein (1932/1969) como a desvantagem das mulheres, que possibilita à mulher atingir um elevado nível de prazer.

A menopausa constitui mais um período crítico na vida da mulher. É uma fase caracterizada por alterações físicas, pela ausência da menstruação e por possíveis fortes impulsos sexuais (Schlesinger-Kipp, 2003). A ausência da menstruação significa que a mulher não poderá mais engravidar, pelo que a imagem interna de um “bom útero”, i.e., um espaço interior bom e saudável, tem que ser redefinida (Schlesinger-Kipp, 2003). Algumas mulheres reagem a este período de forma vulnerável, depressiva e com sentimentos de hostilidade. Sentem medo de ser consideradas como menos atractivas para os homens, pois para além de não poderem engravidar, sentem-se a envelhecer (Meyers, 2002). Em muitas mulheres, inclusive, o desejo narcisista de serem amadas aumenta em conformidade com o envelhecimento e com a diminuição da atractividade (Deutsch, 1925/1984). Outras mulheres, com estas alterações, sentem-se livres, aliviadas pela perda da fertilidade, pois podem desassociar a actividade sexual de uma possível gravidez (Meyers, 2002). Por outro lado, esta fase torna possível uma reconciliação interna entre mãe e filha. Em algumas famílias, a gravidez por parte da filha corresponde ao período em que a mãe ascende à fase da menopausa. Quando isto acontece, a mãe revive a experiência da gravidez com a filha (Schlesinger-Kipp, 2003). Uma vez atravessado o período da menopausa de forma positiva, mesmo que associado a distúrbios emocionais, é possível para a mulher construir uma nova auto-imagem, talvez, de acordo com Meyers (2002), uma auto-imagem mais integrada, definida com todas as suas potencialidades como pessoa e não apenas pela sua função materna.

#### 1.4. O Feminino e o Materno

Segundo alguns autores, o desejo das meninas de ter um bebê aparece entre os doze e dezoito meses de idade, no entanto, apenas aos três anos é que “assume a qualidade de uma motivação manifestando uma disposição constitucional feminina primária” (Parens, Pollock, Stern e Kramer, 1976, cit. por Meissner, 2005, para. 17). Para existir um materno, segundo Leal (2001), tem que existir antes um feminino.

Com a gravidez, a mulher deixa de existir enquanto indivíduo singular e inicia-se a relação mãe-criança (Pines, 1993; Schlesinger-Kipp, 2003). Uma parte da libido investida no mundo exterior é retirada e deslocada para a criança, que faz parte do seu ego. Este investimento faz com que a criança constitua o seu ideal de ego e, por isso, o produto do processo de sublimação (Deutsch, 1925). Mesmo após o parto, a criança continua a ser o ideal do ego da mãe. Para Freud (cit. por Deutsch, 1925) é assim que se traduz a passagem do narcisismo para o pleno amor de objecto nas mulheres.

A maternidade efectiva inicia-se com o nascimento do bebê, i.e., com a separação física do corpo da mãe (Pines, 1993). A mulher deixa de ser apenas filha, extensão fálica da sua mãe, para passar também ela a ser mãe (Haudenschild, 2003). A relação mãe-filha (agora avó-mãe), caracterizada pela identificação ambivalente da primeira infância, pode modificar-se devido à “compreensão das tarefas necessárias para o desempenho da função materna” (Pines, 1993, p. 62) permitindo assim a resolução de conflitos entre si (Kestenberg, 1982). Com a maternidade, a mulher experiencia uma identificação dupla: por um lado, identifica-se com a sua mãe (ou com a figura materna idealizada) e, por outro, revive as suas experiências iniciais como filha por identificação à criança (Klein & Rivière, 1937, cit. por Chodorow, 1974). Esta identificação com a criança é mais forte se for uma menina. Com a maternidade, a mulher assume o papel da mãe na relação triangular do complexo edipiano (Chodorow, 1978). A maternidade constitui, assim, a “condição essencial para o acesso a uma nova dinâmica” relacional (Alvarez, 1995, p. 36).

“Porque as próprias mulheres são mães de mulheres, elas crescem com necessidades e capacidades relacionais, e com uma definição psicológica de self-em-relação, que as compromete com a maternidade” (Chodorow, 1978, p. 209). São estas capacidades que fazem com que a responsabilidade pela parentalidade nas mulheres se reproduza a nível social e, por isso, perpetuam a cultura falocêntrica. Sendo a maternidade um construto psicológico, para desempenhar as tarefas inerentes, é necessário que a mulher “até certo ponto e em algum nível

consciente ou inconsciente, tenha a capacidade e o sentido de self maternal” (Chodorow, 1978, p. 33). A função materna surge como “significante de afecto, ternura e cuidados, de capacidade de cuidar e tomar conta, de altruísmo, de defesa e de protecção do outro” (Leal, 2001, p. 67). O facto da mãe ser responsável pela alimentação do bebé e pelos cuidados primários faz com que a identificação primária seja mais intensa (Chodorow, 1974). A maternidade pode, no entanto, ser sentida pelas mulheres de forma ambivalente: às vezes sentem prazer e realização e, outras, podem sentir que condiciona a sua posição na sociedade (Chodorow, 1989).

### **1.5. O feminino e o contexto cultural**

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, económico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (Beauvoir, 1949b, p. 13). Enquanto ser fêmea nesta perspectiva não apresenta qualquer significado; ser mulher significa induzir ao corpo uma materialização cultural e histórica (Butler, 1990). Esta perspectiva filosófica, embora com limitações, remete-nos para uma conceptualização de género enquanto identidade construída no tempo (Butler, 1990), em que os seus termos são definidos pela sociedade e não pelo próprio indivíduo (Butler, 2004). Assim, o significado dos termos “masculino” e “feminino” podem alterar consoante o contexto cultural e geopolítico em que o indivíduo se insere (Butler, 2004). O género constitui uma “«relação» entre sujeitos constituídos socialmente em contextos culturais concretos (...) [e] não designa um ser substantivo, mas um ponto de união relativo entre conjuntos de relações culturais e históricas específicas” (Butler, 2007, p. 60 e 61). Factores como a raça, a classe social, questões étnicas, sexuais influenciam a forma como o género se constitui num determinado contexto, o que torna difícil separá-lo “das intersecções políticas e culturais em que constantemente se produzem e se mantêm” (Butler, 2007, p. 49). Partir do princípio político de que é possível definir uma identidade feminina que abranja todas as culturas e suas especificidades ganha a mesma expressão que a opressão das mulheres pela soberania masculina (Butler, 2007). Manter a categoria de mulheres como uma unidade consistente não considera as multiplicidades culturais, sociais e políticas que podem se verificar.

Para Benjamin (2004), o conceito de feminilidade da teoria freudiana deve ser compreendido à luz da estrutura patriarcal em que, culturalmente, assentavam as famílias

naquela época. Clara Thompson (1943, cit. por Marmor, 2004) não considera o conceito de “inveja de pénis” de Freud como universal, mas mais relacionado com o contexto cultural que as mulheres ocupavam. Marmor (2004) sugere que a importância que uma criança dá à ausência ou presença de um pénis depende das respostas que recebe do meio. Beauvoir (1949b) afirma também que é a consciencialização do papel do homem na sociedade que leva a menina a tomar consciência de si, mais do que a descoberta da ausência do pénis. Numa outra perspectiva, Butler (2007) sugere que a identificação de género pela situação edipiana representa a “interiorização de uma ordem moral que alcança a sua estrutura e energia a partir de um tabu imposto a partir do exterior” (p. 148).

Mitos como a Lenda da Génese, fortemente enraizados na sociedade ocidental e em África, nomeadamente em Angola, contribuíram para proliferar a teoria da supremacia masculina, visto que Eva não foi criada “com um fim em si”, mas sim para fazer companhia a Adão – “ela tem no marido a sua origem e o seu fim” (Beauvoir, 1949a, p. 209). Nas culturas falocêntricas, as raparigas foram, desde cedo, educadas a assumir um papel passivo em relação aos rapazes (Beauvoir, 1949b). Qualidades como a inteligência, determinação, perspicácia, autonomia não eram consideradas como atractivas (Beauvoir, 1949b).

A “mulher” deve ser compreendida pelas suas especificidades e à luz de uma cultura e política que promoveram a opressão das mulheres em prol da soberania masculina. A estrutura patriarcal conduziu a fortes críticas dentro da literatura por desconsiderar essa opressão que as mulheres sofreram ao longo do tempo (Butler, 2007) e as consequências psíquicas subsequentes. O sistema jurídico que oprime a mulher é o mesmo que tem a capacidade de promover a sua emancipação (Butler, 2007). Em termos políticos, as feministas enfrentam um problema relacionado com a conotação do termo “mulheres”, que deveria representar uma identidade comum, mas acaba por traduzir uma angústia pelos anos de submissão e opressão. Como nenhuma categoria conseguiria abranger a complexidade que o termo encerra, para muitas feministas, a categoria das mulheres assumiu-se como um pressuposto universal apenas para responder a interesses políticos (Butler, 2007).

As normas de género, instituídas cultural e politicamente, têm como objectivo definir a forma como cada indivíduo deve comportar-se. Esta performance de género, assumida por cada indivíduo, é reproduzida por actos colectivos, de acordo com as directivas existentes antes dos próprios actos e gestos em si. Assumir um género é, por isso, repetir uma norma instituída (Butler, 2002). Apesar de existirem formas individualizadas de manifestar um

género, o seu carácter colectivo é notado pelo facto de existirem também sanções para quem assume uma performance diferente da instituída. Esta performatividade de género, mantida por meio de restrição, segue normas sociais e envolve um processo de repetição regularizada (Butler, 2002). O conceito de género enquanto essência, natural, estável e diferenciado está assente numa “política social de regulamentação e controlo do próprio género” (Butler, 1990, p. 311). As normas sociais “operam como um standard implícito da *normalidade*” (Butler, 2004, p. 41) e são independentes das acções que delineiam. Butler (2004) defende que o género, enquanto norma social, “é um mecanismo através do qual as noções do masculino e do feminino são produzidas e naturalizadas” (p. 42) mas que pode também ser o veículo da sua desconstrução e desnaturalização.

Chodorow (1978) afirma que a organização social de género depende da relação social da parentalidade que, por sua vez, não é reproduzida de forma individual pelos sujeitos, mas sim enquadrada num contexto cultural que determina a organização do género e da economia. Conforme indica Fanon (1952) “há conexões próximas entre a estrutura da família e a estrutura de uma nação (...) quando a criança emerge da sombra dos pais, ele encontra-se perante as mesmas leis, os mesmos princípios, os mesmos valores” (p. 109). A reprodução social é então garantida pela participação dos indivíduos na medida em que reproduzem o que está instituído no seu contexto cultural (Chodorow, 1978). Como o género engloba comportamentos conscientes e inconscientes, bem como componentes da interacção social, o mundo interpessoal em que o indivíduo está inserido deve ser considerado para a sua compreensão (Harris, 2000). No que concerne ao corpo, as teorias do desenvolvimento da feminilidade que consideram a importância das experiências somáticas, psíquicas e sexuais, defendidas por vários autores, devem ser integradas no contexto relacional, cultural e social em que emerge a consciencialização desse corpo (Harris, 2000). Baseando-se na ideia de Beauvoir da mulher como uma situação histórica, Butler (1990) defende que o facto do género ser um conceito culturalmente construído, que define a forma como cada um deve agir e perceber o seu corpo, dificulta a distinção entre género e sexo, em termos culturais.

A mudança no papel social da mulher é cada vez mais significativa (Marmor, 2004), principalmente no mundo de trabalho (Meissner, 2005). Estas mudanças têm permitido às mulheres, desde a infância, assumir uma posição mais activa, como, por exemplo, nas brincadeiras infantis, no contacto mais liberal entre os dois sexos na adolescência, nas profissões desempenhadas na vida adulta e, inclusive, na posição assumida dentro do lar (Marmor, 2004). Importa ressaltar que o papel de ambos os pais no desenvolvimento de

competências competitivas e ambiciosas nas mulheres é importante – nomeadamente de uma mãe competente, confiante, com uma personalidade forte, que incentiva o sucesso da filha sem sentir inveja ou intimidação e de um pai atencioso, que reconhece o género da filha e respeita-o, permitindo a ela identificar-se com o seu papel activo na sociedade (Shane, 2006).

Não obstante este papel cada vez mais activo, em algumas sociedades, principalmente com uma cultura mais familiar, como é o caso da africana, o casamento ainda é visto como uma forma da mulher desempenhar o seu papel feminino na plenitude e constitui uma forma da mulher alcançar a “dignidade integral social” (Beauvoir, 1949b, p. 78). Os casamentos tendem, actualmente, a assumir um modelo mais igualitário (Meissner, 2005), caracterizado pela divisão das tarefas domésticas e da educação dos filhos; tarefas que eram desempenhadas em exclusividade pela mulher. O facto da organização familiar estar a mudar mostra que o conceito da parentalidade como exclusivo das mulheres não é universal nem imutável e, por isso, não deve constituir um obstáculo para a posição social da mulher (Chodorow, 1978). No entanto, importa referir que a identidade da mulher como esposa e como mãe permanece sempre, independentemente da profissão desempenhada (Marmor, 2004). Apesar da igualdade de direitos e da divisão de tarefas, em áreas como a política, determinados cargos empresariais, entre outros, existe um “domínio reservado masculino” (Héritier, 1996, p. 27). Já Horney, em 1926(1967), indicava que a exclusividade masculina em algumas profissões reforça o sentimento de inferioridade nas mulheres e, como tal, a sua subordinação social, o que enaltece a importância de se considerar os factores culturais no estudo da mulher.

## **1.6. Transmissão Transgeracional do feminino**

O nascimento de um bebé é o sinónimo da continuidade geracional de uma família. Quando as mulheres têm filhas, a tendência é tentar moldá-las à sua semelhança (Beauvoir, 1949b). Se com a maternidade a mulher reproduz, na relação com o bebé, a história com a sua mãe, conforme defendido por Deutsch (1944, cit. por Chodorow, 1974), e se o carácter é formado a partir das relações objectais mantidas desde a primeira infância (entre outras variáveis), pode então considerar-se que a feminilidade vai sendo transmitida de geração em geração, de forma intensa e inconsciente, considerando as especificidades culturais. Estruturas sociais assentes em valores e crenças culturais constituem uma organização inconsciente que foi internalizada pelas famílias e passada de geração em geração a partir das relações objectais da primeira infância (Chodorow, 1974).

Conforme mencionado por Leal (2001), “do ponto de vista societário a transgeracionalidade é um valor muito mais definitivo que a individualidade” (p. 66). As relações familiares, embora compreendam um desempenho individualizado na forma como transmitem as normas de género instituídas, estão inscritas em relações culturais pré-existentes (Butler, 1990). O acto performativo de cada género precede ao próprio indivíduo que o desempenha. Em relação ao corpo, conforme indica Lemma (2010) “a forma como [o sentimos] é moldada pelos significados e fantasias dos outros, pelo que o nosso corpo conta a história de várias gerações” (p. 71). A mãe também experienciou o seu corpo em relação ao corpo da sua mãe e assim sucessivamente. Numa linhagem feminina, estas fantasias e significados inconscientes vão sendo passados de geração em geração.

A relação da menina com a mãe e com outras figuras femininas desenvolve-se em situações interpessoais que promovem a identificação da menina com o género feminino e que facilitam a aprendizagem do papel de género numa determinada sociedade (Chodorow, 1974). A participação das meninas num meio intergeracional tende a ser superior que a dos rapazes. É num contexto de interacção e identificação pessoal com a mãe e com outras figuras femininas, como avós, tias que a menina aprende a ser mulher (Chodorow, 1974, 1978). Apesar das mulheres terem, actualmente, mais acesso a oportunidades profissionais, estimuladas pelo incentivo intelectual desde o período escolar, tais oportunidades não devem interferir com a aprendizagem da “feminilidade”, que vai permitir que desempenhe os papéis de esposa e de mãe, que prevalecem mesmo com uma vida profissional activa (Chodorow, 1978). Ao serem reproduzidos de geração em geração, pelas próprias mulheres, através da qualidade da relação física, psicológica e emocional com os filhos, estes papéis perpetuam-se e contribuem para a manutenção da hierarquia existente entre os géneros (Chodorow, 1978).

### **1.7. Pertinência e objectivo do estudo**

Apesar de muitos movimentos feministas datarem do século XIX devido à revolução industrial que fez com que a mulher deixasse de se dedicar ao lar por exclusividade para trabalhar nas fábricas, é com a Primeira Guerra Mundial que a luta pela emancipação da mulher ganha outra intensidade. Como é sabido, as guerras provocam grandes alterações sociais, políticas e culturais. Considerando a interpenetração que o contexto cultural pode ter com o mundo interior do indivíduo, os movimentos políticos e sociais que Angola atravessou durante este último século podem representar uma componente importante a considerar para a

compreensão do feminino. Angola, país situado no continente africano, viveu sob um regime colonial desde o ano da sua descoberta (entre 1482 e 1486) até à data da sua independência. Conforme indica Fanon (1952), o “colonialismo inclui não apenas as inter-relações das condições históricas objectivas mas também as atitudes humanas em relação a essas condições” (p. 62). Com a colonização, a identidade dos nativos deixa de existir, assim como os seus mecanismos psicológicos (Fanon, 1952). A Independência, a 11 de Novembro de 1975, foi conquistada após uma guerra pela libertação do país, que começou a 1961. Depois da Independência seguiu-se uma longa Guerra Civil pelo poder de 1975 a 1991; e de 1992 a 2002, após as primeiras eleições democráticas. Actualmente, Angola vive um período de paz, embora com grande carências sociais e estruturais.

Pensando sobre a sociedade angolana e o feminino, deparamo-nos com várias questões, como, por exemplo: Qual é a representação do feminino em mulheres angolanas? O que é ser feminino para as mulheres angolanas que viveram quatro movimentos político-sociais (colonização, revolução, guerra civil e paz)? O que é o feminino para mulheres cuja educação incidiu não só num domínio masculino, mas também num regime colonial? O que é o feminino para mulheres cuja história assentou sempre numa opressão? O que é o feminino para as mulheres que foram educadas por outras mulheres que viveram a opressão colonial? Se as experiências das fases iniciais, as ansiedades, desejos, fantasias e conflitos influenciam a organização psíquica do sujeito então um contexto cultural com uma forte história de opressão influencia a construção de género e a forma como é transmitido de geração em geração? Se “o Negro é em todos os sentidos da palavra uma vítima da civilização branca” (Fanon, 1952, p. 148) então o contraste da cor é importante para a valorização do feminino? Quais as semelhanças e as diferenças entre as diferentes gerações de mulheres de uma família angolana na forma como representam o feminino?

Postas estas questões, os objectivos centrais deste estudo são: 1) estudar a representação do feminino em mulheres angolanas; 2) estudar a relação entre o contexto cultural e a representação do feminino; 3) estudar as diferenças e semelhanças entre três gerações de mulheres de uma mesma família.

## II – Método

### 2.1. Delineamento

Como o objectivo do estudo incidiu na representação do feminino em mulheres angolanas e considerou uma dinâmica entre o mundo exterior e o mundo interior do(s) sujeito(s), seleccionámos o método qualitativo FANI (*Free Association Narrative Interview*) de Wendy Hollway e Tony Jefferson (2000, 2008).

Hollway e Jefferson (2000, 2008) desenvolveram este método a partir da noção de “sujeito defensivo”, i.e., sempre que algum assunto ou memória suscita ansiedade, o sujeito defende-se através de mecanismos inconscientes que mantêm a memória recalcada e/ou alteram-na para que fique mais suportável a nível consciente. Estas defesas mobilizadas inconscientemente interferem não só com a narrativa, mas também com a interpretação dos resultados. Nesse sentido, para uma melhor adequação do tipo de entrevista a utilizar e para uma melhor compreensão dos resultados, Hollway e Jefferson (2000, 2008) concluíram que os estudos qualitativos sobre o sujeito deviam seguir uma metodologia que permitisse aceder ao seu inconsciente. O método de associação livre de ideias da psicanálise permite aceder ao mundo interior do sujeito, aos seus pensamentos e sentimentos conscientes e inconscientes, desde que seja ele a estruturar a sua narrativa. Este método considera também a dinâmica intersubjectiva inconsciente desenvolvida pela presença e envolvimento subjectivo do entrevistador, que constitui um dos intervenientes implicados no processo de investigação, desde a recolha de dados até à sua interpretação. As narrativas devem, por isso, ser interpretadas considerando sempre a complexidade dos assuntos em estudo, a organização do funcionamento psíquico do sujeito e a inter-relação com o investigador. Os resultados das narrativas “são sempre um produto da relação entre o entrevistador e o entrevistado” (Hollway & Jefferson, 2000, p. 45) pelo que conceitos como os de transferência e contra-transferência, reconhecimento e contenção devem ser considerados. Os dois intervenientes “estão sujeitos a projecções e introjecções de ideias e sentimentos provenientes da outra pessoa” (Hollway & Jefferson, 2000, p. 25). A postura e o discurso desenvolvem-se a partir de “fantasias internas que derivam das (...) histórias de relacionamentos significativos” (Hollway & Jefferson, 2000, p. 45). Este método assenta também em princípios gestálticos. A narrativa do indivíduo deve ser interpretada como um todo e não por uma desconstrução do texto em função de categorias pré-estabelecidas. As partes do texto codificadas e

descontextualizadas só podem ser compreendidas pela sua relação com a narrativa como um todo. A intersubjectividade mantida pela presença do entrevistador, tal como os seus conhecimentos técnicos, culturais e sociais devem ser considerados. Neste método são elaborados temas que dependem do discurso do sujeito e da base teórica em análise. Considerando que, com este estudo de natureza exploratória, o objectivo foi analisar a subjectividade de mulheres de uma cultura fortemente caracterizada por uma história de opressão (e guerra) e a articulação desta vivência com o plano intrapsíquico, considerámos o método FANI como o mais indicado.

## **2.2. Participantes**

A amostra deste estudo foi constituída por três mulheres (uma Avó, uma Mãe e uma Filha) de nacionalidade angolana, de três gerações diferentes de uma família de classe média, em termos socioeconómicos. Para selecção da amostra foram pré-estabelecidos os seguintes critérios: ser mulher, ser angolana, residir em Luanda, com relação de parentesco directa entre si e o elemento mais novo da tríade, a Filha, teria que ter mais do que 30 anos, de forma a termos acesso a um ego mais estruturado e a uma representação do feminino mais consistente.

A Avó, já viúva, tinha, na altura da entrevista, 89 anos. O seu casamento durou cerca de 50 anos e teve quatro filhos (2 meninas e 2 meninos, um dos quais faleceu). Estudou até à 4ª classe e foi durante toda a vida dona de casa. Tendo nascido no ano de 1928 ou de 1929 significa que vivenciou os quatro movimentos políticos e sociais de Angola: colonização, guerra colonial seguida da independência, guerra civil e a paz.

A Mãe, com 61 anos, tem o curso superior de contabilidade e é contabilista de profissão. Tem três filhas do primeiro casamento que durou 20 anos. Actualmente, está casada há 14 anos com o segundo marido. Viveu muito tempo fora de Luanda, em Itália e Estados Unidos, por motivos profissionais. Pela idade que tinha na altura da entrevista, nasceu entre 1956 e 1957, mesmo antes da luta pela libertação de Angola começar.

A Filha, membro mais novo, é engenheira de profissão, tinha 32 anos na altura da entrevista e estava grávida de cinco meses do seu primeiro filho (já passou pela experiência de um aborto espontâneo). Mantém uma relação amorosa há onze anos, três dos quais como casada. Viveu dois anos em Itália como estudante de Mestrado e regressou a Luanda, em Outubro de 2017. Pela sua idade, verificamos que nasceu durante a guerra civil.

### **2.3. Instrumento**

Com base no método qualitativo FANI (*Free Association Narrative Interview*) de Wendy Hollway e Tony Jefferson (2000, 2008), assente em princípios psicanalíticos e gestálticos, a entrevista foi composta apenas por uma questão livre:

“O que é para si o feminino?”

Pretendeu-se, com esta questão, permitir à entrevistada pensar e elaborar a sua teoria sobre o feminino. A única lógica consciente que imputámos ao estudo prendeu-se com o “feminino” e a partir daí seguimos, estudámos e analisámos a elaboração, manifesta e/ou latente, de cada participante. Elas seguiram os seus pensamentos, fantasias, idealizações e debruçaram-se sobre as várias conceptualizações consideradas por si como inerentes e/ou importantes para a compreensão do feminino. Isto significa que a narrativa de cada participante foi estruturada de acordo com as respectivas motivações, sentimentos, fantasias e/ou crenças. O objectivo do estudo incluía compreender que temas é que cada participante ia elaborar para enquadrar o feminino e se o contexto cultural estaria presente nesse enquadramento. A análise e interpretação, sendo sustentada por um corpo teórico, considerou tanto os principais temas abordados por cada participante, como a narrativa na sua plenitude, incluindo a inter-relação com o entrevistador.

### **2.4. Procedimento**

As entrevistas foram realizadas, no mês de Março de 2018, nas residências das respectivas participantes, em Luanda, Angola, em dias diferentes. O tempo da entrevista foi determinado pela participante: a entrevista da Avó durou 39 minutos; a da Mãe 9 minutos; e a da Filha 25 minutos. De modo a permitir uma melhor análise e compreensão do material recolhido, as entrevistas foram gravadas, após as participantes lerem e assinarem o Consentimento Informado. Considerando a idade da participante mais velha, li-o em voz alta. Foram garantidas as condições de anonimato e confidencialidade dos dados. A primeira entrevista efectuada foi a da Filha, seguida pela da Mãe e, por fim, a da Avó, sem nenhuma intenção causal para o efeito, apenas por questões de disponibilidade das participantes.

### **III – Análise dos Resultados**

#### **3.1. Entrevista da Avó**

##### **3.1.1. A inter-relação.**

A Avó, uma senhora mestiça de estatura baixa de altura, com uma excelente capacidade locomotora para a sua idade, recebeu-me, inicialmente, de forma bastante apreensiva. Não a tinham informado da marcação da entrevista e, como tal, entretida nas suas lides domésticas, sentiu a minha presença como uma invasão à sua rotina. Questionei se pretendia reagendar, visto que o meu objectivo era solicitar a sua colaboração e não causar transtornos. A avó mudou de postura e concordou em fazer a entrevista naquela data, “visto que eu já me encontrava lá”. Quando li o consentimento informado, lamentou não ter sido informada com antecedência porque o tema implicaria que tivesse mais tempo disponível para mim. Felizmente, após iniciar a sua narrativa, o tempo não mostrou ser um factor problemático. Guardei comigo uma representação mental desta Avó, que até eu senti “como a minha Avó”, aquela avó que não conheci, aquela avó idealizada, fascinante, capaz de transbordar sabedoria pelos poros, de nos cativar pelo seu discurso e de nos fazer sentir “as donas do mundo”. A dado momento da narrativa mostrou uma grande preocupação em saber se estava a ir ao encontro do pretendido na investigação. Tal como eu senti que era a “minha Avó”, também ela me posicionou como uma neta, como alguém a quem deveria transmitir a sua sabedoria e contribuir para o sucesso do estudo e, por isso, do meu futuro. Após concluirmos a entrevista, desejou que eu me tornasse uma excelente psicóloga e referiu que passou a maior parte da sua vida em estado depressivo.

##### **3.1.2. Análise dos resultados.**

A organização do funcionamento dinâmico da Avó, quanto à questão em estudo, reside na oposição entre o manifesto e o latente, entre o mundo exterior e o mundo interior. O discurso foi estruturado no feminino, na medida em que toda a linhagem apresentada foi feminina. Foi possível identificar oito temas gerais: 1) Definição do feminino; 2) Génesis do feminino; 3) Bissexualidade psíquica; 4) Contexto cultural e a mudança; 5) O que se manteve; 6) Organização e função social; 7) Idealização da mulher e cena primitiva; e 8) Poder.

Relativamente ao primeiro tema – definição do feminino – começa por defini-lo como o oposto ao masculino, demonstrando assim a necessidade, em termos do mundo exterior, de posicionar o género de acordo com o sistema binário.

“Para mim o feminino é o **oposto** ao masculino”

Define o feminino pelo sentimento de maternidade e pelo sentimento de família. O sentimento de maternidade é considerado como inato em todas as mulheres e constitui o sentido básico da feminilidade. Sentimento este que é, para si, exclusivo do feminino. Constitui, inclusive, a essência do feminino. Esta definição denota o carácter psicológico e sociológico do feminino e não o cariz biológico inerente ao aparelho reprodutor feminino.

“o **sentimento de maternidade**, o **sentimento da família**, não é igual no feminino como no masculino” ; “Aquilo faz parte da personalidade dela. Portanto, a mulher ainda que não seja mãe, **ela tem o sentido materno**. Ainda que não seja mãe ou que não venha a ser mãe mas aquele sentimento materno está lá. Vem de milénios. Ela não está a influir. Aquilo vem da **constituição da própria feminilidade**”

Este sentido materno vem munido de sabedoria (a sabedoria materna), de bondade e boa consciência que permite à mulher educar os seus filhos pelo melhor. Esta sabedoria materna é característica de toda a linhagem feminina.

“A mulher **faz sempre no melhor**. Sempre, sempre, sempre.” ; “**uma mãe tem que saber as tendências natas de cada ser saído do seu ventre**” ; “**A feminina avó ou mãe mesmo tem que saber**”

O sentido materno inato faz com que defina ainda o feminino pela sua função dupla de “arrecadar” e de “instruir” que constitui a base da sua sabedoria.

“Porque a mulher tem um **trabalho duplo**, que eu digo. Milénio, está lá. Ela faz aquilo já **por intuição**. E vai arrecadando aquilo que vem **para ela se instruir**, mesmo sendo analfabeta, e **para depois instruir**, mesmo sendo analfabeta, mas a inteligência está lá, para **poder criar os seus filhos**, no melhor!”

Considera que uma igualdade entre o masculino e o feminino corresponderia a uma inversão da própria natureza, visto que é a natureza que veta essa igualdade. Tal pode ser

compreendido tanto do ponto de vista biológico, pela diferenciação anatómica, como pelo sistema binário de género transmitido culturalmente, de forma intemporal, pelas gerações.

“Porque haverá sempre **a natureza a vetar** algo que não é igual entre o masculino e o feminino” ; “Teria que **virar-se** então **a natureza**. Pronto há coisas que é impossível mesmo”

A gênese do feminino, segundo tema, é atribuída à natureza. Inclusive, ao longo de todo a narrativa a questão da natureza é invocada com bastante regularidade.

“Porque haverá sempre a natureza a vetar algo que não é igual entre o masculino e o feminino” ; “Ensinaamentos que ela colheu onde? Na própria natureza” ; “Mas aquele feminismo bonito que ela trouxe da natureza”

O feminino é considerado como inato. Como algo que já nasceu com a mulher.

“pronto, há coisas que realmente nasceram já com a mulher”

Se por algumas das observações relacionadas com a natureza julgamos que está a referir-se ao biológico; por outras, identificamos a importância da transmissão cultural na formação da personalidade feminina na sua narrativa. As transmissões geracionais ao longo do tempo criaram uma definição de feminino e atribuíram tarefas e papéis sociais à mulher que se enraizaram na sua personalidade, na sua concepção de *self*.

“Talvez por **vivência milénia**, não é? Então **enraizaram-se** mesmo **na personalidade da mulher** e então foi fazendo mesmo... foi fazendo algo dentro da mulher que mesmo que ela fuja e que tenha a convicção da igualdade, nunca é igual” ; “não vai dizer que é trabalho. Aquilo **faz parte da personalidade** dela” ; “**Vem de milénios** (...) Aquilo vem da constituição da própria feminilidade”

Esta passagem relativa à formação de carácter da mulher e a definição do feminino pelo sentimento maternidade e de família, ou seja, pela vertente psicológica e social da maternidade mostra-nos que, para si, o biológico deriva do sociológico e do psicológico.

O terceiro tema corresponde à bissexualidade psíquica. Caracteriza-a como inata e define-a como uma plataforma que permite um melhor entendimento entre o género masculino e feminino. Coloca a questão pela relação binária entre os géneros. Este tema, foi

para mim, o mais surpreendente da entrevista, pela capacidade da Avó abordar e elaborar uma teoria sobre um tema tão complexo como o da bissexualidade psíquica.

“como nós, penso eu, não sou grande letrada, mas **há uma parte masculina no feminismo e há uma parte feminina no masculino** (...) é uma **plataforma para a gente entender** o masculino e eles entenderem o feminismo então a própria na natureza nos pôs isso, dentro de nós”

O quarto tema está relacionado com o contexto cultural e a mudança. No discurso da Avó foi visível uma articulação entre o contexto sociopolítico e o mundo psíquico. Devemos considerar que ela viveu as quatro fases sociopolíticas de Angola. Para si, estes movimentos sociais permitiram a emancipação da mulher. Constituíram não só um mecanismo de mudança para as mulheres, como possibilitaram uma “nova” concepção do feminino.

“no nosso país veio... começou então a luta para... ao mesmo tempo para a emancipação da mulher” ; “nós já éramos socialistas, só não sabíamos que se chamava assim” ; “hoje são as mulheres, os homens deste País”

As guerras vividas e a destruição massiva verificada ao longo de vários anos afectaram a concepção de país pela estrutura arquitectónica destruída, o sentimento de pertença e identidade pelas recordações associadas a locais que deixaram de existir, e a vivência psíquica dos indivíduos. A existência de um passado com as suas marcas é vital para o mundo interior e para o mundo exterior.

“Nós **destruímos** muita coisa neste País... muita coisa. (...) **Um País tem que ter passado**” ; “Porque é o nosso passado. É a nossa raiz”

A colonização é apresentada como um movimento social de repressão da identidade cultural de Angola e de recalçamento da identidade da mulher. Com a colonização, por meio de imposição e repressão, os nativos tiveram que se desligar da sua própria cultura (linguagem, costumes, rituais) para abraçar outra cultura. Há, portanto, um recalçamento da identidade colectiva e da identidade individual.

“as nossas dinastias do passado, elas estão a vir ao de cima. E **eu gosto disso. Porque é o nosso passado. É a nossa raiz**. Não vale a pena”; “E então... **África tem história**. Não digam que... ela estava descoberta já (...) **porque o colonizador tapou, manobrou-nos, mas nós temos uma história**”

O recurso ao tema do socialismo deixou-me receosa de que estivesse a afastar-se do tema central da investigação então questionei se estava a falar do papel das mulheres na altura. Tive receio, pela sua idade, de que fosse um sinal de um discurso desorganizado, sem qualquer ligação entre os temas por si enumerados, quando na realidade eu é que não me tinha apercebido, até esse momento, da organização do funcionamento psíquico da Avó. Após ela responder que sim e localizar-me, percebi que eu, pela minha inexperiência, é que não tinha conseguido acompanhar o fascinante mundo interior desta senhora. O socialismo expressa o lugar que a mulher ganhou no mundo social, através de movimentos sociais, por características inerentes ao próprio feminino.

“Da maneira como **eu procedia** em volta, com a família (...) **Pela nossa vivência** e pelo jeito como a gente caminhava e como procedia **afinal éramos socialistas só não sabíamos que se chamava assim**” ; “E.: Mas está a falar do papel das mulheres nessa altura? Avó: Sim, das mulheres! Mesmo analfabetas!”

Apresenta duas identidades: a angolana (cultural) e a mulher (individual). Ambas ligadas a uma internalização do feminino pelo sacrifício. As duas identidades foram oprimidas: a cultural pela colonização e a individual, i.e., a de mulher pelo falocentrismo. Importa referir que o excerto abaixo foi mencionado no seguimento da sua referência ao período colonial e à forma como o colonizador “tapou” e “manobrou” os nativos. Na sequência da narrativa verificamos o impacto que a opressão teve sobre o mundo interior da Avó, sobre o papel do género assumido e sobre o seu carácter.

“As vaidades às vezes entorpecem as pessoas, mas eu orgulho-me de **ser angolana e de ser mulher**. Saber calar quando devo. **Eu tive um marido 50 anos. Tem que se saber calar quando se deve**”

Considera-se o produto de várias culturas, o que deve ser percebido como o resultado da colonização em que o povo nativo abraça uma outra cultura, mas que, com os movimentos sociais para a libertação do país, teve a oportunidade de recuperar a sua própria cultura. Esta recuperação é feita pela negação e por um sentimento de patriotismo.

“nós temos um país muito diversificado de culturas (...) Mas tu também não vais ficar ai fechado. Vais tirar um bocado aqui desta etnia ou desta tribo” ; “Por isso é que nós não andamos em guerras tribais, nem étnicas” ; “Eu amo a minha terra, a minha Pátria”

Verificadas estas mudanças sociais, o que se mantém? Esta questão corresponde ao nosso quinto tema. Para a Avó, a transmissão geracional deve ser responsável pela passagem de ensinamentos. Identifica a linhagem feminina e a transmissão da feminilidade como central na vida humana. Se, por um lado, as mudanças sociais foram a base para uma concepção diferente do feminino, é importante preservar o passado. É importante manter a história, pois só através desta é que se adquire uma existência no mundo exterior e no mundo interior.

“mérito para aqueles que me criaram” ; “E criámos a família que teve depois as mulheres... a sequência da vida natural: maridos, filhos” ; “Um País tem que ter passado” ; “passar o seu feminismo para os seus filhos”

O sexto tema identificado na entrevista diz respeito à organização e função social. O feminino, de acordo com a Avó, tem funções específicas. A sabedoria inata, que deriva do seu sentido materno e de família, faz com que tenha um domínio sobre a sua família. A mulher deve modificar o seu companheiro, ser o pólo de agregação e de convergência da família.

“E muitas vezes também **modificando os nossos companheiros**. Isso é o trabalho da mulher. No feminino. É o trabalho da mulher” ; “Nisso, a gente, a mãe, a mulher **faz a ligação mesmo os filhos sendo diferentes**. Ela procura sempre uma coisa para ligar” ; “temos sempre aquela pessoa, mesmo ela analfabeta, **aquela pessoa a quem todos vão convergir** para colher isto ou aquilo”

Então, embora no seu mundo exterior, a organização patriarcal predomine; no seu mundo interior, a Avó rejeita a ideia do falocentrismo conhecida por si desde sempre como base da estrutura familiar, porque é a mulher que tem a função de moldar, instruir, educar e apoiar a sua família.

“Mas conseguíamos, mesmo sendo analfabetas a maioria, nós conseguíamos transmitir aquilo que era necessário para uma família e essa família fazer o alicerce de um País” ; “Então a família africana assenta mesmo mais na mulher”

Esta função social da mulher, firmada pelo sacrifício e mágoa em prol da família, faz com que a mulher seja muito forte, que tenha responsabilidades e o dever de transmitir tanto o conhecimento como a feminilidade. A responsabilidade aumenta em conformidade com a idade, o que denota a importância do papel das gerações mais velhas.

“**a mulher africana é muito forte.** A mulher africana é muito forte. Mas isto sem vaidade! Sem vaidade! Às vezes, **até com mágoa.** É muito forte. Ela não tem nada de nada e aqueles filhos criam-se” ; “Ela tem... na altura própria... por isso é que nós os africanos, **nós os africanos,** nós... **preservamos...** temos sempre aquela pessoa, mesmo ela analfabeta, **aquela pessoa que todos vão convergir** para colher isto ou aquilo. E ela tem muita responsabilidade. **Eu sinto essa responsabilidade em mim, pela idade que tenho**” ; “Eu digo, por outras palavras, **tens que sacrificar naquilo que mais gostas,** mas em benefício, **em prol da tua família** que um dia vai fazer esses pedaços bons é que vão fazer este País bom ou mau. Então está o feminino lá! Porque é ela **sacrificou-se pelo marido,** mas naturalmente ela pensa... não diminui a mulher, por amor de Deus” ; “Mas há uma parte que nós africanas mesmo até a doutora, ela **vem à Avó do kimbo buscar ensinamentos** que já lhes estão a falhar” ; “É mais uma coisa que a gente tem dentro de nós para a gente dizer eu tenho isto e com isto eu posso fazer aquilo e **transmitir aos nossos filhos ou filhas**” ; “Mas a avó também **tem deveres a cumprir. Ela tem que fazer por conservar aquilo.** É uma... então é um livro que eles vão desfolhar. **Porque a avó bebeu também de alguém. É a transmissão.** É a transmissão, pois”

Este dever de transmitir conhecimento foi transferido também para a relação comigo que, tal como as suas netas, recorri a ela em busca de ensinamentos.

O dever de transmitir o feminismo é, tal como ser mulher na íntegra, nomeado por si como as missões do feminino. É curioso que utilize o termo “feminismo” que corresponde ao movimento social, político e filosófico da luta das mulheres pelo direito à igualdade. Podemos sugerir que ser mulher na íntegra para a Avó, a nível do mundo exterior, passa por desempenhar todas as tarefas inerentes à maternidade e à formação da família (cuidar dos filhos, instruir, etc.); e a nível interior, é transmitir aos filhos o respeito pelas mulheres e os mecanismos para que o poder feminino seja reconhecido pela sociedade.

“Olha, é ser **mulher na íntegra** e **passar o seu feminismo para os seus filhos.** Mas aquele **feminismo bonito** que ela trouxe da natureza”

Ainda quanto à função social, a mulher deve servir de exemplo, para que possa transmitir a feminilidade para os seus descendentes. Inclui a transmissão do sacrifício, o “ter que engolir”. Considerando uma linhagem feminina, como já é bisavó teve que transmitir para

as filhas, para as netas e bisnetas. As filhas como já são avós, teve que transmitir considerando o papel delas de filhas, de mães e depois de avós e, assim, sucessivamente. Tal situação, considerando as várias identidades sociais que vai desempenhando ao longo da vida (esposa, mãe, avó, bisavó) e as várias identidades das suas descendentes (filha, esposa, mãe, avó) e, o facto de representar a geração mais velha, faz com que seja um trabalho constante.

“Passar e saber compreender também como passar isso, não é? Por exemplo, eu tenho filhas, mas eu tenho que saber andar. **Têm que saber, porque eu sei**” ; “A feminina avó ou mãe **tem** mesmo que **saber. Tem que engolir. É aquela missão dela**” ; “Então a mãe tem que saber... quando também já é avó. Cada uma nasce com as suas aptidões. Pronto... então a avó tem uma batalha. **A vida da mulher é sempre uma batalha.** Nunca sabe o suficiente, mas faz por saber”

Como sétimo tema identificamos a idealização da mulher e a cena primária. A mulher é caracterizada, por si, pela sua inteligência, espelhada na sua capacidade de gerir as emoções, mesmo com pouca instrução. Separa desta forma a emoção da cognição. O sentido materno inato permite, à mulher, reagir sempre da melhor forma.

“as pessoas às vezes confundem o analfabetismo com a burrice. Não tem nada a ver! Porque no analfabeto, a **inteligência está lá, nas suas reacções**” ; “Mas conseguíamos, mesmo sendo **analfabetas** a maioria, nós conseguíamos **transmitir aquilo que era necessário para uma família** e essa família fazer o alicerce de um País”

“mesmo sendo analfabeta, mas a inteligência está lá, para poder criar os seus filhos no melhor!”

Dispensa, ao nível do mundo exterior, o feminismo como necessidade de afirmação, pois considera que a mulher tem um valor natural, mesmo que firmado pelo sacrifício. No entanto, em termos da organização do mundo interior, a Avó é feminista. Considera que o feminino e o masculino nunca serão iguais, porque as características psicológicas e sociológicas femininas (sentido materno e de família) sobrepõem-se ao biológico (ter um pénis).

“então, eu digo que nós realmente não precisamos ser tão feministas assim porque **nós já nascemos com valor**” ; “Porque ela sacrificou-se pelo marido, mas naturalmente ela pensa... **não diminui a mulher**, por amor de Deus.

Não!” ; “Não é uma missão que a desvaloriza, não. Pelo contrário. **O valor vem depois.** O valor de depois”

No seu mundo exterior, a Avó considera que o valor social do feminino só é alcançado através do casamento e dos filhos.

“E criámos a família que teve depois as mulheres... sequência da vida natural: maridos, filhos.”

No seu mundo interior, utilizando uma metáfora com os adornos utilizados pela mulher no casamento, a Avó considera que a identidade da mulher sobrepõe-se ao casamento. Se a nível social é necessário casar-se para alcançar o valor imposto culturalmente; a nível psíquico, a mulher tem tudo em si e não carece de um masculino, de um casamento para ter uma identidade.

“porque despidas das grinaldas, dos véus, de tudo, fica a mulher. E ela tem lá tudo. Ela tem lá tudo.”

A representação interna que a Avó tem do feminino é apresentada pela história que conta da sua Mulher Idealizada – a Rainha Ginga. Num País dominado pela colonização e soberania masculina, a figura idealizada que ganhou, para a Avó, uma dimensão mítica, é uma mulher que não aceitou ser subjugada por homens e que enfrentou de forma digna, heróica e exímia os colonizadores portugueses. Esta mulher idealizada constituiu o seu ideal de ego. Surpreendida pela organização do funcionamento dinâmico desta Avó e pela capacidade para se representar através de uma mulher idealizada, senti necessidade de questionar se a Rainha Ginga foi uma figura de referência para todas as mulheres.

“A Rainha Ginga pertencia ao reino Ndongo e Matamba. Esse é feminino! É um exemplo que eu fui buscar. Foi uma grande Rainha!” ; “E.: A Rainha Ginga foi uma figura de referência para todas as mulheres? Avó: Sim, por isso é que eu chamei este exemplo! O que ela fez! O que a guerra dela fez.”

A Rainha representou, por um lado, a necessidade da mulher ser tratada com dignidade; e, por outro, o simbolismo do poder feminino num mundo dominado por homens e num mundo que foi conhecido por si como dominado pelo colonizador (que dominou a terra como dominou a mulher). A mulher, tal como a terra, é, no entanto, da natureza. Não é nem do colonizador, nem do homem.

“quando foi à administração, ela levava as suas escravas e ela quis se... e lá o administrador ou não sei, não foi capaz, ela era uma Rainha! Ela era de um reino, não foi capaz de ter uma... uma cadeira para ela se sentar. Mas ela chamou as suas escravas e elas puseram-se de cócoras e ela sentou-se por cima das escravas” ; “Sim, por isso é que eu chamei este exemplo! O que ela fez! O que a guerra dela fez” ; “Foram muitos anos... a terra é da natureza”

A materialização do seu ideal torna real a sua fantasia de que o poder feminino pode imperar num mundo centrado no poder fálico, bem como possibilita a afirmação do seu ideal de ego. Passados vários anos a ouvir e a pesquisar a história da mulher que idealizou, é com descoberta da existência do túmulo que tem a confirmação de que a Rainha efectivamente existiu, tal como toda a luta contra o domínio do colonizador e do masculino.

“Então... mas nunca realmente soube... este ano ou o fim do ano passado é que soube realmente que o túmulo da Rainha Ginga está preservado. Poucas pessoas sabem. Agora sabem. Mas afinal quantos anos? A gente não sabia (...) eu gostei de saber que afinal que ela estava num *kimbo* e estava lá a campa.”

A Rainha Ginga é referida como representação da mulher idealizada e Rei D. Pedro como representação do colonizador. A referência a este Rei é resumida e ganha expressão através da capa que se mantém guardada num Museu. A repressão colonial conduziu a uma secundarização da mulher: o túmulo da Rainha, símbolo do poder feminino, da dignidade e do sacrifício, está preservado numa aldeia, mas a informação foi ocultada durante muito tempo; O símbolo da colonização, da repressão, do falo, do recalçamento está exposto num Museu. Da mesma forma, que a Avó sente a necessidade de materializar o sua mulher idealizada, também sentiu necessidade de materializar a figura do colonizador.

“Poucas pessoas sabem. Agora sabem. Mas afinal, quantos anos? A gente não sabia” ; “o Rei D. Pedro, que foi o último Rei, está ai no Museu Nacional, ali ao pé das Madres... A capa do D. Pedro está ai no Museu Nacional”

Encontramos na relação Rainha Ginga, mulher idealizada, e Rei D. Pedro, símbolo do poder fálico, a cena primitiva. É uma cena primária com figuras idealizadas mas com um conflito entre o feminino (figura materna idealizada) e o masculino (representação do colonizador, símbolo da repressão e do poder fálico). Esta fantasia da Avó manifesta a história do País, as imagos parentais por si internalizadas e constitui-se como organizador da sua vida psíquica. A sua história cruza-se com a de Angola e das outras mulheres. Na vida da

Avó, o Rei D. Pedro, colonizador, é uma representação da figura paterna, com o qual mantinha uma relação distante e pouco afectiva. Sendo colono, tratado como “senhor”, tal como o Rei D. Pedro, reinava no seu lar entre várias mulheres.

“No tempo, as... os senhores, os colonos, tinham as suas companheiras, umas eram namoradas mas pronto e outras eram companheiras... Viviam mesmo em casa”

Este ponto remete-nos para a ambiguidade da sua relação com o pai: por um lado, é seu pai, com quem deveria manter uma relação afectiva e, por outro, é o “senhor”, o “colono”, com quem deveria manter uma relação de hierarquia. Pela representação do Rei D. Pedro e do administrador, o pai assume a identidade da figura que reprime e oprime o povo nativo, que reprime e oprime a mulher. A figura paterna assume assim as duas identidades responsáveis pela opressão e pela repressão: a identidade de colono e a identidade masculina.

“o administrador ou não sei, não foi capaz (...) de ter uma... uma cadeira para ela se sentar” ; “No tempo, os senhores, os colonos”

Remete-nos também para uma ambiguidade da sua relação com a família: ela pertence e não pertence à família. Esta pertença ambígua desenvolveu-se pela falta de relações afectivas suficientemente boas no seio familiar e por ter um tom de pele diferente, o que constituiu a evidência de uma relação extraconjugal com uma mulher de uma classe socioeconómica não só diferente, como inferior (conforme considerado na época da colonização). Ao constituir a evidência de uma relação sexual proibida, a Avó defende-se através de uma dessexualização da cena primária. O sentimento de pertença é substituído pela sensação de atribuição à família, como se tivesse sido adoptada aleatoriamente. A necessidade que sente de fazer o contraste da cor da família e a utilização do termo “calcar” remete-nos para a importância que esta diferença representou no seu mundo interior.

“(tosse) pronto, eu... **fui criada mesmo por brancos** (tosse)... No tempo, as... **os senhores, os colonos**, tinham as suas companheiras, umas eram namoradas mas pronto e outras eram companheiras... Viviam mesmo em casa. Então e também **calhei** numa família que já vinha ilustrada. Portanto foi **ai naquele meio em que eu cresci** e procurei saber mais” ; “eu fui **criada** por duas **madrastas brancas**” ; “de tanto termos sido calcados”

Do ponto de vista social e relacional, a cena relatada entre o administrador e a Rainha Ginga, remete-nos para uma oposição binária, em que o homem e colono representa a posição de superioridade, de tentativa de subjugação das mulheres e de não reconhecimento do poder da Rainha; enquanto que a Rainha é destacada pela perspicácia com que combate a tentativa de subjugação, fazendo prevalecer a sua dignidade. Da mesma forma que a Rainha não viu o seu poder e estatuto reconhecido pelo administrador, o colonizador; também a Avó não viu o seu estatuto como filha reconhecido pelo seu pai, também colonizador, nem pela restante família.

“quando foi à administração, ela levava as suas escravas e ela quis se... e lá o administrador ou não sei, não foi capaz, ela era uma Rainha! Ela era de um reino, não foi capaz de ter uma... uma cadeira para ela se sentar. Mas ela chamou as suas escravas e elas puseram-se de cócoras e ela sentou-se por cima das escravas.” ; “fui criada mesmo por brancos” ; “calhei numa família” ; “ai naquele meio em que eu cresci”

A mãe é uma figura ausente na narrativa. A idealização da Rainha Ginga, uma mulher que foi capaz de enfrentar os colonos, não se deixando subjugar, nem mesmo quando a sua dignidade foi posta em causa (pese embora mais tarde tenha sido baptizada) ganha então o poder simbólico das qualidades ou características que uma figura materna deve possuir. Assistimos a uma sobre-compensação da ausência da figura materna. Esta idealização da figura materna permite-lhe também estruturar o seu ideal do ego.

A questão do baptismo da Rainha Ginga mostra-nos novamente a repressão cultural vivida com a colonização e a sobreposição do colonizador em relação aos indivíduos colonizados, do poder fálico sobre o poder feminino, do homem sobre a mulher.

“O que ela fez! O que a guerra dela fez. Depois mais tarde ela foi baptizada.”

As madrastas, figuras maternas reais, surgem no discurso, por um lado, de forma ambivalente, com características boas e más; e, por outro, em clivagem com a tia paterna, uma figura persecutória. Esta relação com as imagos maternas é abordada após fazer referência à rivalidade feminina que pode manifestar-se no seio de um casamento. Esta sequência no discurso remete-nos para uma expressão da participação da avó no conflito edipiano. Remete-nos para um ambiente de conflito feminino em que ela constituía o centro do conflito. A ausência da mãe, a presença de uma figura feminina persecutória e de imagos maternas ambivalentes denotam a pobreza da relação desta Avó com uma figura materna.

“eu fui criada por duas madrastas brancas, uma morreu. Havia muitas injustiças, coisas assim, mas elas também eram humanas e o humano tem sempre o lado bom e o lado mau. (...) Tive uma tia até que era pior que uma madrasta, irmã do meu pai. A ponto da madrasta dizer ‘se fosse eu que sou madrasta dela, mas a tia...’ então a gente faz de conta que vai caldeando aquele ferro para fazer um objecto”.

Desde a infância que a Avó viveu num ambiente de conflito feminino permanente, em que ela assumia um papel de inferioridade pelo tom de pele (oposição negro/branco da época da colonização) e por ser a prova de uma relação extraconjugal, da junção de duas classes socioeconómicas distintas.

Em suma, a cena primária surge na narrativa como um conflito permanente entre o feminino e masculino. É uma cena primária de agressividade onde o homem submete a mulher. Há uma articulação constante entre o plano intrapsíquico e o cultural. A relação homem/mulher que conheceu é a de opressor (masculino) e a de vítima (feminino). Ela é testemunha desta opressão, vítima e a prova física da relação colonizador/colonizado.

O oitavo e último tema corresponde ao poder feminino. Como visto anteriormente, a Avó, embora rejeite, no seu mundo exterior, a ideia do feminismo, a nível interno defende um domínio feminino. É um poder latente, não declarado. Um poder exercido sobre os maridos e sobre a família, mas com sacrifício. É ela, através do seu sentido materno e de família, que tem o poder, pela sua função social, de moldar as famílias, que vão estruturar a política e a organização do país. Este poder é atribuído pela natureza, mas mantido com sacrifício.

“nós conseguíamos transmitir aquilo que era necessário para uma família e essa família fazer o alicerce de um país.” ; “Então a família africana assenta mesmo mais na mulher” ; “É só ir puxando esse valor... e criar os nossos filhos com muita dificuldade, não é?” ; “E muitas vezes também modificando os nossos companheiros” ; “Se tu queres ser a matriarca tens... agora diz-se engolir sapos, isso é vulgar. Eu digo, por outras palavras, tens que sacrificar naquilo que mais gostas, mas em benefício, em prol da tua família que um dia vai fazer esses pedaços bons é que vão fazer este País bom ou mau” ; “Tem que se saber calar quando se deve. E a gente que é da nossa... mais tarde a vitória vai ser tua. Mas é verdade. Por trás de um grande homem, está uma grande mulher” ; “não, isto não dá. Vai prejudicar a este, aquele”

E este poder é manifestado no reconhecimento pela sua descendência feminina.

“Eu sou a Avó de todo o mundo!” ;“E eu digo: riquezas eu não tenho nenhuma. Mas elas dizem que eu tenho muita, que sou eu [risos]!”

Ainda sobre a questão do poder, nomeia a mulher como o coração, a defesa, a força de África, rejeitando assim, mais uma vez, a teoria falocêntrica.

“Porque África... África tem uma defesa... África e os seus habitantes, digamos então a mulher, o feminino, na própria natureza”

### **3.1.3. Resumo da narrativa.**

O feminino é definido pela Avó como oposição ao masculino. Não de forma submissa ou passiva, mas como uma identidade que se sobrepõe ao casamento e ao masculino. Embora, no seu mundo exterior, predomine um sistema patriarcal, que implica que a mulher se sacrifique e que assuma uma posição de passividade e de submissão ao “engolir” e “calar-se”; no seu mundo interior, o poder feminino, mesmo que latente, prevalece sobre o masculino. Como a génese do feminino está na natureza, esta é responsável por vetar as diferenças entre o masculino e o feminino, beneficiando o feminino. Beneficia ao dotá-lo de um sentido materno e de um sentido da família que não só é exclusivo do feminino, como é, de facto, a sua essência. O cariz psicológico e sociológico na sua teoria sobrepõe-se ao biológico. Tal como o feminino (sentido materno) se sobrepõe ao masculino (poder fálico). O sentido materno, que é inato e por isso transcende à cognição e ao grau de instrução, faz com que seja detentora de uma sabedoria materna, tanto inata como enriquecida pela história de vida psicológica da mulher, que lhe permite criar a família, homens e mulheres, sempre com boa consciência e bondade, de modo a que eles sejam responsáveis pela organização política, social e económica do país no futuro. Apesar da família ter uma estrutura patriarcal, é à mulher que todos convergem à procura desta sabedoria. É desta forma que, no seu mundo interior, o poder feminino se manifesta. Este poder feminino ganha lugar no mundo exterior pelo reconhecimento do seu valor pela sua linhagem feminina descendente.

Para alcançar este poder, a mulher tem várias funções sociais: ser mulher na íntegra, modificar os maridos, criar a família, funcionar como um pólo de agregação e mecanismo unitário para a família, funcionar como ponto de convergência, servir de exemplo, transmitir ensinamentos e transmitir a feminilidade (possível pela a sua função dupla inerente ao feminino de “arrecadar” e “instruir”). A matriarca, por isso, a mulher da geração mais velha é

responsável pela transmissão da feminilidade. Rejeita, no seu mundo exterior, a necessidade de afirmação do feminismo, pois defende que a mulher tem um valor natural, que considera ser, ao nível do seu mundo interior, o sentido materno e da família, capaz de lhe fazer alcançar a sublimação. A bissexualidade psíquica é abordada enquanto plataforma que permite um melhor entendimento entre os géneros binários, pela convergência de traços semelhantes, atribuídos pela natureza. A natureza tanto pode surgir no seu discurso como significante de biológico como da transmissão geracional intemporal dentro da cultura que influenciou a formação de carácter do feminino.

Os movimentos sociais ganham expressão pela importância das mudanças reflectidas no feminino e pela interpenetração com a vivência psíquica destas mulheres, oprimidas tanto pela colonização como pela cultura patriarcal. A emancipação da mulher flui da revolução, permitindo uma “nova” concepção do feminino. A colonização foi um meio de reprimir a identidade cultural do país e recalcar a identidade da mulher. A existência de um passado individual e colectivo é fulcral para a existência no mundo interior e no mundo exterior. Tal como a terra é da natureza e não do colono; também o feminino também é da natureza e não do colono nem do masculino. A identidade feminina é firmada pelo sacrifício.

Com a representação da Rainha Ginga e do Rei D. Pedro acedemos à cena primária. O Rei D. Pedro, colonizador, representação da figura paterna, simboliza o poder fálico, a repressão e o recalçamento; a Rainha Ginga, idealização da figura materna, é um símbolo do poder feminino, da dignidade e do sacrifício. Tal como a Rainha Ginga, também ela se sacrificou. E tem o dever, como matriarca, de transmitir a toda a sua linhagem feminina descendente que o sacrifício é a missão do feminino. A sua infância foi caracterizada por um ambiente de conflito permanente em que ela constituía o centro do conflito. O pai assume duas identidades: a de colonizador e a masculina. Ambas interpenetradas com a opressão e repressão. A relação mantida com o pai foi pouca afectiva e ambígua. A mesma ambiguidade está presente na relação com a família de origem, pois não se verifica um sentimento de pertença. A figura da mãe, ausente do discurso, reforça a necessidade de encontrar na Rainha Ginga a sua imago materna idealizada, que lhe permitiu estruturar o seu próprio ideal de ego. Pela relação com as madrastas internalizou uma figura materna ambivalente. Uma das madrastas surge ainda no discurso em clivagem com uma tia paterna, representação persecutória do feminino. Se, por um lado, os pais reais estão ausentes do discurso, o que nos remete para uma existência duvidosa, a materialização das duas figuras idealizadas, Rainha Ginga e Rei D. Pedro, constitui a prova que, pelo menos, eles existiram.

## 3.2. Entrevista da Mãe

### 3.2.1. A inter-relação.

A Mãe, uma senhora de estatura média de altura, pele mulata, recebeu-me de forma bastante acolhedora. Num discurso bastante assertivo, objectivo e calculista, a Mãe posicionou-se relativamente ao tema de forma técnica. Se na entrevista com a Avó senti que estava a transmitir-me uma lição de vida, enriquecida pela sua “vivência ilimitada”, com a Mãe senti que estava a transmitir-me conhecimentos técnicos sobre o tema. Como se inconscientemente ela tivesse assumido a posição de “professora” e, por isso, eu a da “aluna”. Como forma de contornar a sua objectividade, as respostas curtas e aceder ao plano intrapsíquico, senti-me responsável pela continuidade da entrevista e fiz questões adicionais a partir da narrativa dela. No entanto, o discurso manteve-se ao nível do plano manifesto. Depois da entrevista terminar e de parar a gravação, a Mãe, sem sair do modo manifesto, continuou a falar sobre o tema e reforçou a sua teoria sobre o feminino.

### 3.2.2. Análise dos resultados.

Na narrativa da Mãe, o feminino é invocado pelas diferenças com o masculino. Pode dizer-se, que relativamente ao tema em estudo, o contraste binário entre o feminino e o masculino é central na sua narrativa. Identificámos quatro temas centrais: 1) Definição do feminino; 2) Génese do feminino; 3) Idealização do feminino; e 4) Contexto cultural e a mudança.

O primeiro tema, definição do feminino, surge pela maternidade e pela constituição anatómica. A Mãe define o feminino, em primeira instância, como sinónimo de “ser mulher”. O facto de ser mulher, por sua vez, faz com que tenha a obrigação e o dever da maternidade. A forma como se refere ao carácter biológico da maternidade remete-nos para uma obrigatoriedade do desempenho da função materna.

“**é ser mulher** e a mulher acarreta logo a seguir os seus **deveres e obrigações**” ; “**gerar** um filho, ter um filho, **cuidar** do filho, tratar dele, **educá-lo**, dar-lhe a instrução, dar-lhe a devida educação”

O carácter inato do feminino é marcado, na sua organização psíquica, pela diferença com o masculino. O carácter biológico da maternidade sobrepõe-se, a nível psíquico, aos

desejos e fantasias da mulher e, a nível social, condiciona o seu papel e posição. Mesmo que tente ter os mesmos direitos que o masculino, a sua constituição anatómica não permite.

“nasceu diferente do homem” ; “a mulher tem as **suas próprias especificidades, independentemente de ela ser, de ela querer ser**, portanto, ter direitos iguais aos do masculino” ; “o feminino **não é igual** mesmo ao masculino”

O segundo tema corresponde à gênese do feminino. Visto que a definição do feminino prende-se com a sua anatomia, então a gênese está no biológico.

“gerar um filho, ter um filho” ; “Para já há diferenças no corpo”

Esta diferença anatómica entre os géneros faz com que a formação de carácter da mulher seja diferente também do masculino. Ressalta que as diferenças psicológicas derivam, portanto, da anatomia e aumentam a polarização entre os géneros.

“O corpo feminino é diferente do masculino então a partir dai também interiormente as mulheres, portanto, no feminino, as suas atitudes, os seus actos, o seu carácter, a bondade que se gere, a ajuda ao próximo já é diferente do masculino. Ai há grandes diferenças entre ser feminino e masculino.”

A idealização feminina surge como o terceiro tema. A mulher é por si caracterizada como mais inteligente e com uma maior resiliência, com uma maior capacidade para a luta. Considera que o feminino é superior ao masculino pelas suas capacidades cognitivas.

“tem uma **capacidade muito superior de assimilação** que o masculino, porque quando ela chega, **consegue chegar a um determinado ponto, pela luta, por sua luta própria**, ela consegue **ser mais inteligente do que o masculino**. Portanto na inteligência acho que é mais um carácter e uma qualidade que o feminino tem.”

O quarto tema corresponde ao contexto cultural e à mudança. Pela sua narrativa verificamos que considera que o papel da mulher foi condicionado pela guerra. A guerra surge como um obstáculo à afirmação da identidade da mulher, que assumiu um papel secundário, de assistência aos homens. A importância das mulheres foi colocada para segundo plano devido aos problemas que o país atravessava. Considera que a mulher sempre foi humilhada.

“Na sociedade angolana viveu-se muitos anos de guerra” ; “Então houve uma guerra de 40 anos para ai ou mais (...) **atrasou** muito o desenvolvimento feminino” ; “Ela sempre foi um ser que sempre foi **vexada** por todo o resto da humanidade” ; “a mulher ficaria na **retaguarda para suportar os homens**” ; “as mentes **não estavam viradas para a mulher**. Era só querer resolver problemas de outras situações, de outros problemas, muito menos de querer pôr a mulher na ribalta”.

A política desempenha um papel importante na sua teoria. Foi a alteração de regime, resultado da guerra civil, que possibilitou o desenvolvimento da mulher a nível social. Podemos então indicar que nesta narrativa a guerra desempenhou um papel duplo: de obstáculo, enquanto decorria, e de impulsionador com a implementação de um regime multipartidário, benéfico para a mulher.

“Mas depois da independência até aqui, até há um certo tempo, de mudança de política (...) então já gerámos uma sociedade democrata e então o sentido de desenvolvimento da mulher já é... já está muito diferente dos 40 anos atrás” ; “Mas claro tudo depende da política também. Porque quando há um desenvolvimento na política também há um desenvolvimento em todos os sectores então a mulher está acompanhando neste momento essa situação”

A luta que as mulheres têm desenvolvido no sentido de verem os seus direitos e posição social reconhecidos passa pela presença em meios sociais influentes, como as escolas, locais de diversão, empregos, onde a sua voz possa ser ouvida e a sua presença notada.

“Ela junta-se nos ciclos nas escolas, junta-se nos ciclos dos empregos, junta-se nos ciclos de divertimento (...) qualquer ciclo da sociedade ela já aparece e ela faz força de aparecer e já há discussões”

Esta luta e a aproximação da igualdade só é possível com uma masculinização da mulher. É necessário que assuma atitudes masculinas, uma posição fálica, para conquistar o seu lugar na sociedade.

“Um homem que anda na rua de calça, a gente também anda de calça (...) há determinados movimentos que uma mulher com saia não faz e com a calça faz então ai vai fazer aquilo que um homem faz com a calça”

Existe um reconhecimento masculino desta masculinização das mulheres, da possibilidade de assumirem uma posição fálica e, por isso, de serem agentes sociais com a mesma capacidade de acção que eles. Este reconhecimento facilita a mudança.

“O próprio masculino já está muito mais consciencializado que a mulher tem possibilidades de ser igual a ele em relação a muitas/determinadas situações na sociedade. Então vamos avançando.”

Apesar da mulher conseguir uma determinada posição por luta própria e pelo reconhecimento masculino, a mudança só é possível porque a política do país permite. Estas mudanças têm sido significativas para a mulher, principalmente, no mundo de trabalho.

“Mas claro tudo depende da política também. Porque quando há um desenvolvimento na política também há um desenvolvimento em todos os sectores então a mulher está acompanhando neste momento essa situação” ;  
“Está a haver aberturas mesmo para as mulheres se inteirarem e estão a ser lutadoras e guerreiras (...) já há muitas mulheres que por exemplo nas engenharias (...) mulher que sobe num poste. Mulher que arranja um carro”

### **3.2.3. Resumo da narrativa.**

Ser feminino é sinónimo de ser mulher e ser mulher significa ter deveres e obrigações relacionadas com a maternidade. Ser feminino, para a Mãe, é diferenciar a mulher do homem devido à sua configuração anatómica. A mulher pode gerar um filho. A mulher tem o dever de criar e educar esse filho. A maternidade e os deveres associados condicionam a mulher socialmente. Mesmo que queira ter os mesmos direitos que o homem, não consegue devido à sua constituição anatómica. A diferença anatómica, por sua vez, desenvolve diferenças a nível de carácter, dotando a mulher de sentimentos mais bondosos e altruístas. A nível cognitivo, a mulher é mais inteligente e resiliente que o homem. Se o homem conquistou o seu lugar na sociedade por simplesmente possuir o falo, a mulher tem conquistado por “luta própria”, por mérito. No entanto, nessa luta para a aproximação da igualdade, a mulher teve que masculinizar-se. Foi necessário assumir atitudes masculinas para obter tanto o reconhecimento masculino, como a permissividade da política. A mulher tem conseguido ganhar o seu lugar no mundo do trabalho, o seu lugar na sociedade. A guerra em Angola surge, na sua teoria, tanto como bloqueador da identidade da mulher pelo seu aparecimento,

como de impulsionador da emancipação pela sua resolução. Considera que a mulher sempre foi humilhada no mundo inteiro.

### **3.3. Entrevista da Filha**

#### **3.3.1. A inter-relação.**

A Filha recebeu-me de forma calorosa e amigável. Tratou-me sempre por “tu” (2ª pessoa do singular) e deu-me liberdade para que fizesse o mesmo. Em comparação com as entrevistas anteriores, a Filha manteve a narrativa próxima de uma conversa casual de amigas, como se tivéssemos, inconscientemente, assumido a posição de “amigas confidentes”. Esta proximidade e descontração pode também ser compreendida pelo facto de estarmos dentro da mesma faixa etária. Expressões como “não é?” foram recorrentes e espelham a procura do meu reconhecimento ou concordância em relação aos diferentes temas por si abordados. Considerando o discurso, foram feitas duas questões adicionais. A última pergunta foi elaborada, provavelmente, como uma tentativa de direccionar o tema de modo a tentar perceber o impacto que as fases sociopolíticas de Angola tiveram na representação do feminino. Estas perguntas adicionais também podem ser compreendidas à luz da minha inexperiência e ansiedade por ser a primeira entrevista.

#### **3.3.2. Análise dos resultados.**

Da narrativa da Filha foi possível identificar cinco temas principais: 1) Definição do feminino; 2) Génese do feminino; 3) Estrutura Familiar; 4) Função Social; e 5) Mudança.

A definição do feminino, primeiro tema, é elaborada e demarcada pela performance de género, manifestada em elementos visuais, como a roupa, os sapatos, a maquilhagem, os cabelos; em atitudes e expressões; e em elementos auditivos.

“ah os seus sapatos altos identifica-a, ou, por exemplo, a maquilhagem identifica (...) com um corte a rapazinho pode ser muito feminista (...) com cabelos longos (...) veste-se de forma” ; “um olhar feminino, consegue ter gestos femininos” ; “mas consegues identificar pela voz, pelo seu lado, pela sua persona... pela sua entoação, aquilo que... na forma como... como ela... passa a mensagem, mas tu não a vês.”

Mas mais do que a performatividade de género imposta socialmente, a Filha define o feminino pelo sentimento de pertença ao sexo biológico.

“**Sentir-se bem consigo mesma, estar dentro do seu**, do seu estilo, do seu... e que **consiga ser mulher, acima de tudo**, não é? Independentemente do corte de cabelo, independentemente da roupa que veste ou dos saltos ou sapatos que usa, se pinta as unhas ou se não pinta”

Ainda para definir o feminino sente necessidade de apresentar um contraste entre uma mulher e um gay, em que ambos podem assumir atitudes femininas. Um gay, sendo um homem, pode ser feminino, o que dificulta, para si, a manutenção dos parâmetros de imposição e exclusividade de como cada género deve agir, comportar-se e vestir. Se um homem pode assumir padrões femininos, então a performatividade de género, que traduz a feminilidade, imposta culturalmente, não é exclusiva nem obrigatória para as mulheres.

“analisando os **gays**, por exemplo, eles **são homens** mas têm, **têm o seu lado feminino** então já... já choca um bocadinho com a definição (...) conservadora de uma mulher que tem que ser, que tem que ter certos padrões”

O feminino não deve ser definido isoladamente por cada um dos elementos que constituem a performatividade de género, mas sim pela interligação entre eles e pelo sentimento de pertença ao género. A feminilidade ou identidade feminina pode ser expressa de várias formas.

“o **modelo típico**, mas **não é o único**, não é o correcto de identificar só ai” ;  
“Porque tu já não olhas só, já não fixas só a voz, mas **olhas para um conjunto**, é diferente”

O segundo tema corresponde à génese do feminino. Por um lado, a apresentação do feminino pelo sentimento de pertença remete-nos para um núcleo da identidade de género, i.e., para uma interpenetração dos factores biológicos, com os culturais e psicológicos.

“Sentir-se bem consigo mesma, estar dentro do seu, do seu estilo, do seu... e que consiga ser mulher, acima de tudo, não é?”

Por outro, a performatividade de género remete-nos para a imposição cultural da forma como cada género deve agir e comportar-se.

“definição (...) conservadora de mulher que tem que ser, que tem que ter certos padrões para ter certas... prontos... definições, certas habilidades”

O terceiro tema corresponde à estrutura familiar angolana. A família angolana assenta na cultura patriarcal. Num contraste de papéis, a Filha indica que o homem é considerado com o “chefe da família”, responsável pelo sustento, enquanto a mulher é responsável pela educação dos filhos e pelo lar.

“eu digo em Angola que é uma **sociedade muito machista**” ; “se vais de norte a sul neste país, **a base de família conservadora** é a mesma. A mulher fica em casa, cuida dos filhos, dá educação. O marido põe a comida na mesa (...) é o chefe de família”

A mulher é submissa e deve respeitar o marido, pois ele representa a autoridade máxima. Trata-se de um respeito unilateral. A manutenção da família deve prevalecer sobre o desejo individual da mulher. O marido é livre para seguir os seus desejos, a mulher, por sua vez, deve aceitar isso em prol da sua família. Caso os votos do casamento não sejam cumpridos por parte do homem, é aceitável; mas se for a mulher, passa a ser caracterizada de forma negativa.

“saber engolir, depois pôr para fora noutra sítio” ; “o homem pode fazer tudo, pronto foi malandro, mulherengo. A mulher se faz é bandida, é mau carácter, é não sei quê” ; “independentemente do que o marido possa fazer ou não tem que conservar aquele, ‘tás a ver, aquele... humm... aquela fotografia” ; “E depois tens que ter sempre o respeitinho. Não é ser submissa. É respeitar o marido”

Nesta estrutura familiar predomina não só um respeito para com o masculino, mas também entre gerações. As figuras mais velhas são idealizadas e representam a autoridade. Na narrativa da Filha, a avó, figura mais velha e idealizada, matriarca da família, assume uma atitude disruptiva e desorganizadora no seio familiar. A mesma figura que promoveu a idealização ao longo dos anos, provoca não só a sua desidealização, como também a desorganização entre as gerações e da estrutura familiar.

“a primeira vez que eu vi a minha avó a dizer um ‘porra’, a minha avó tinha 80 anos (...) e a minha avó diz ‘porra’ e todo o mundo ficou... olhou, mas todo o mundo assim olhou para ela, mas ninguém teve coragem de repetir o ‘porra’, entendes? É que ninguém teve coragem de dizer ‘oh avó disseste

isto?’ Não... Todo o mundo olhou uns para os outros e engolimos, fomos para a cozinha e começámos a fofocar ‘mas a avó disse mesmo aquilo’”

A família e, por isso, as gerações mais velhas têm o dever e responsabilidade de transmitir os valores.

“alguns anos podia se dizer que a juventude, prontos os pais criam de uma forma e depois (...) os filhos desviam-se e punha-se os próprios costumes, hábitos, valores... mas eu não concordo muito. Se isso acontece é porque os valores não foram bem passados”

Esta estrutura familiar está relacionada com a cultura de cada país. É a cultura, portanto, que determina o papel de género.

“porque isso para os outros países é normal, porque têm uma cultura e uma vivência diferente”; “Na Itália (...) os homens sabem cozinhar... crescem a saber cozinhar, fazem a limpeza de casa, dividem... dividem tudo com a mulher, as lides de casa. Aqui não.... aqui nunca fomos habituados a isso”

Temos então o nosso quarto tema que corresponde à função social. Apesar de identificar que há mudanças na organização familiar, nomeadamente, os dois (casal) trabalham e dividem as despesas, o lar continua a ser responsabilidade da mulher. O marido pode fazer, mas é uma “ajuda”.

“Eu posso pedir ao meu marido para ajudar, mas eu sei que **não é a função do meu marido**” ; “Eu sei que a casa, independentemente se eu trabalho no mesmo horário que o meu marido, **a casa é responsabilidade minha**”

Esta função da mulher é transmitida culturalmente de geração em geração. Inconscientemente a mulher assume o seu papel de género, considerado como uma obrigação.

“Só que quando nós juntámo-nos, **eu passei a assumir esse papel mas involuntariamente**, porque é o **papel da mulher**” ; “não está estabelecida como obrigação dele diária. Mas eu sim” ; “estou cansada mas faz parte da minha tarefa. Já é **uma coisa incutida**”

A mulher é responsável pela casa, pelos filhos e pelo marido.

“a mulher cuida do resto, inclusive do marido.”

O quinto tema desta entrevista corresponde à mudança. Questões relacionadas com a transmissão de valores mostram ter grande importância nesta narrativa. No início da análise da entrevista, parti do princípio que como a Filha estava grávida, questões relacionadas com a educação dos filhos, com os valores morais a transmitir tinham uma grande relevância no seu funcionamento psíquico. Sendo a família o veículo através do qual os valores são transmitidos, a responsabilidade pela transmissão inconsistente está na família.

“Mas o problema está nas famílias. Eu acho. O problema... É a base”

No caso da sua família, a geração mais criticada é a de sua mãe, no entanto, a Avó, matriarca da família e figura idealizada, é que constitui a figura que rompe os limites estabelecidos pela sua própria geração, i.e., pela geração mais velha. Quando os limites estabelecidos e os valores transmitidos geracionalmente são quebrados, dá-se uma desorganização familiar.

“Os pais de outrora, **idades da minha mãe**, sessenta e tais, não têm mais paciência para os miúdos” ; “**Não há limites**. Não há limites! E ‘tá tudo assim... (...) como se diz aí na gíria, ‘**está tudo à toa**’”

Actualmente, os valores estão invertidos e as mulheres, responsáveis pela educação dos filhos, têm assumido prerrogativas masculinas, o que as impede de transmitir os valores de forma correcta. Tendo sido educada a partir de uma família patriarcal, com fortes premissas assentes no respeito, em que a mulher deve preservar a sua imagem, dedicar-se à família e ser responsável pela educação dos filhos, esta “nova” concepção de mulher, representa, para si, uma desorganização psíquica.

“Mulheres adultas, mais velhas, que andam com miúdos que têm idade para ser filhos. Mulheres casadas andam com miúdos que têm idade de ser filhos” ;  
“Se uma mãe faz isto, que valores é que ela passa para os filhos?”

A representação da mulher tem alterado por questões económicas. Ou seja, por uma estabilidade económica ou influências políticas, as mulheres da sociedade angolana têm aceite manter relações polígamas, com homens casados. A generalidade com que este fenómeno tem se manifestado na sociedade mostra ser de grande preocupação e desconforto para a Filha.

“Vão por coisas materiais. É o tio que do saldo, é o tio da igreja (risos), é o tio da faculdade, é o tio do carro, é o tio das viagens, é o tio... quer dizer... são todos tios (...) Há mulheres que gostam” ; “depois sabe-se que aquela tia é

fulana, é namorada do fulano x, a outra é amante do fulano x e tal. E muitos por conveniência até nem chamam às vezes à atenção, muitas famílias. Por quê? Porque... hum... privilegiam-se de alguma forma”

A mudança em termos de estrutura familiar tem se verificado pelo facto da mulher trabalhar e, como tal, ter poder económico para contribuir para as despesas de casa. A Filha apresenta-nos a actual estrutura familiar através da diferenciação de papéis. A igualdade verificada actualmente beneficia apenas o homem. A tarefa que era da responsabilidade exclusiva do marido, passou a ser dividida pelos dois (despesas), no entanto, a responsabilidade pelo lar continua como exclusiva da mulher. Apesar das mudanças, a identidade da mulher pelo papel de esposa e de mãe prevalece sempre.

“hoje, obviamente há uma evolução em termos de mentalidade. Pronto, trabalhamos os dois, dividimos os dois as despesas e tal, mas se o marido quiser ajudar nas lides de casa, ajuda, não há problema nenhum. Eu posso pedir ao meu marido para ajudar, mas eu sei que não é a função do meu marido, ‘tás a perceber? Eu sei que a casa, independentemente se eu trabalho no mesmo horário que o meu marido, a casa é responsabilidade minha” ; “é o papel de mulher”

A mudança do país em termos sociais tem se caracterizado como negativa. Tem promovido valores sociais negativos e uma perda da identidade cultural angolana.

“seguimos muito a cultura, os hábitos portugueses, brasileiros, dos PALOP, principalmente dos brasileiros. Tudo que é brasileiro a gente copia (...) Nós somos um povo que absorve muito. Mas o problema é que absorvemos o errado. Quer dizer, a maior parte absorvemos o errado. Queremos fazer tudo que pensamos que como é de uma sociedade muito mais desenvolvida é porque está bom”

### **3.3.3. Resumo da narrativa.**

Apesar de existir uma performance do género feminino, tida como “conservadora”, que determina a forma como a mulher deve vestir, agir, usar o cabelo, falar, etc. a Filha define o feminino pelo sentimento de pertença ao sexo biológico, por uma consonância entre o biológico e o psicológico. Os elementos visuais do feminino não limitam as expressões que a feminilidade pode assumir. Mais do que seguir as imposições culturais da performance de

género, é necessário que a pessoa “consiga ser mulher, acima de tudo”. O seu sentimento e a sua personalidade definem a feminilidade.

A estrutura familiar angolana antiga assenta numa cultura patriarcal em que os papéis de género são bem definidos e distintos: homem considerado o chefe de família, responsável pelo sustento e a mulher responsável pelo lar e educação dos filhos. A mulher deve ser submissa, respeitar o marido e a manutenção da família deve sobrepor-se sempre aos seus interesses ou desejos pessoais. O respeito existe também entre gerações. As figuras mais velhas são idealizadas e representam a autoridade. Esta estrutura sofreu mudanças com o tempo. Actualmente, a mulher já trabalha fora de casa e, como tal, as despesas são divididas pelo casal, no entanto, permanece como a única responsável pelo lar. Isto significa que a sua identidade como esposa e como mãe prevalece sempre, independentemente da sua situação profissional. Em relação às gerações, a sua avó, matriarca, figura mais velha idealizada, surge como disruptiva ao promover a desorganização familiar, o rompimento dos limites entre as gerações e a sua desidealização. A mesma mulher responsável pelos valores estabelecidos no seio familiar é que os quebra. No entanto, a geração mais criticada é a da sua mãe. A família constitui o veículo através do qual os valores são transmitidos. Sendo a mulher responsável pela educação dos filhos e estando ela a assumir prerrogativas masculinas, muitas das vezes associadas a questões financeiras, a Filha faz uma crítica e responsabiliza a mulher pela transmissão incorrecta de valores.

### **3.4. Interligação das entrevistas**

#### **3.4.1. Semelhanças.**

A superioridade feminina, embora evidenciada de forma diferente, está presente nas entrevistas da Avó e da Mãe. Na entrevista da Avó manifesta-se pelo poder feminino não declarado e na entrevista da Mãe pelas características cognitivas e mérito feminino. O feminino (por características psicológicas ou cognitivas) é superior ao masculino (possuir o falo). Apesar de associarem motivos diferentes, ambas consideram que não é possível haver uma igualdade entre o feminino e o masculino. Importa referir que ambas (Avó e Mãe) posicionam o feminino de acordo com o sistema binário de género. A bondade está presente nas duas narrativas tal como a inteligência. A Avó considera que a inteligência da mulher provém das capacidades relacionais e a Mãe associa-a a componentes cognitivas. A

personalidade feminina é focada em todas as entrevistas. Tanto a Avó como a Mãe consideram que as mulheres foram humilhadas. Para a Avó esta humilhação manifestou-se no seu seio familiar pela discriminação racial (madrastas e tia brancas e Avó mestiça) e por ser a evidência de uma relação proibida, durante a época colonial. Para a Mãe, a humilhação manifestou-se socialmente um pouco por todo o mundo. A situação sociopolítica do país é abordada com maior intensidade nas entrevistas da Avó e da Mãe. Consideram que a emancipação da mulher flui dos movimentos sociais, embora considerem momentos temporais diferentes (cf. Diferenças). Nas entrevistas da Avó e da Filha encontramos o sacrifício em prol da família (“engolir”; tomar decisões em prol da família). Não o definem como uma submissão ao marido, mas como um sacrifício pelos valores morais da família. O papel da mulher como responsável pela educação dos filhos está presente nas três entrevistas. A geração mais velha tem um papel central na transmissão de valores e organização familiar nas entrevistas da Avó e da Filha. Em termos da transmissão da feminilidade, de acordo com o papel de género determinado culturalmente, verificamos que as entrevistas da Avó e da Filha estão mais próximas. Identificamos, também em todas as entrevistas, uma exclusão dos companheiros. Na entrevista da Filha, o marido é mencionado, mas apenas para demarcar os de papéis género, na da Avó apenas para fazer referência ao tempo que esteve casada e que teve, portanto, que se sacrificar e na entrevista da Mãe, está totalmente ausente. Esta ausência, nas três entrevistas, é curiosa porque a sociedade angolana está fortemente enraizada numa cultura patriarcal. Remete-nos para uma possível necessidade de manterem um mundo feminino. Para a necessidade de terem um espaço psíquico reservado só para o feminino.

### **3.4.2. Diferenças.**

O feminino é definido de forma diferente nas três entrevistas. Na da Avó e da Mãe é definido pela maternidade, mas por motivações diferentes: a Avó enaltece a vivência psicológica da maternidade, enquanto a Mãe o carácter biológico. A Filha define o feminino pelo sentimento de pertença ao sexo biológico. As diferenças na definição correspondem a diferenças nas teorias sobre a génese do feminino. Apesar de invocar várias vezes a natureza, verificamos, pelo discurso da Avó, que o biológico deriva do psicológico e sociológico, pois enaltece o carácter psíquico da maternidade e defende que as características inerentes ao feminino enraizaram-se na personalidade da mulher por “vivência milénia”. Para a Mãe, a génese do feminino está na biologia, na configuração anatómica, a partir da qual o carácter é

formado. Na narrativa da Filha, por sua vez, temos uma interpenetração do biológico com o psicológico. A diversidade de expressões que o feminino pode assumir deve, para a Filha, prevalecer sobre a performatividade de género imposta culturalmente.

Os movimentos sociais estão presentes nas entrevistas da Avó e da Mãe mas a articulação com o psíquico é mais visível na narrativa da Avó. Nesta entrevista há uma relação clara entre a repressão da identidade cultural do país com a colonização e o recalçamento da identidade da mulher (cf. Análise dos resultados da Avó). Na entrevista da Mãe é a guerra que surge como obstáculo para a afirmação da mulher, no entanto, também possibilita a afirmação social da mulher, pela alteração de regime político. São, portanto, considerados dois momentos temporais distintos, relacionados com a vivência de cada participante. A Filha faz menção algumas vezes ao facto de terem saído da guerra há pouco tempo mas sem grande expressão a nível psíquico.

#### IV – Discussão

O material recolhido, através da entrevista baseada no método da narrativa por associação livre de Hollway e Jefferson (2000), mostrou ser bastante rico e diversificado. A diversidade de conceptualizações é sustentada pela diversidade de corpos teóricos que existem sobre o tema, dentro e fora da psicanálise. A génese do feminino é encontrada tanto no biológico (Mãe) como no cultural (Avó) como na interpenetração entre o biológico, psicológico e cultural (Filha). A diversidade destas teorias subjectivas espelha a controvérsia existente dentro da psicanálise (Birksted-Breen, 1996). A maternidade surge em duas narrativas, Avó e Mãe, “como um Projecto central do *Ser Mulher*” (Alvarez, 1995, p. 33), como a essência do feminino, embora associada a teorias diferentes. Na narrativa da Filha, o feminino é definido pela sentimento de pertença ao sexo biológico, ou seja, pelo sentido de feminilidade nas mulheres. A ausência da maternidade, tanto pelo seu carácter biológico e/ou social e psicológico, num momento em que está grávida, remete-nos para a possibilidade da Filha não conseguir elaborar ou pensar sobre o assunto, apenas viver a fase. O facto de já ter sofrido um aborto espontâneo pode dificultar esta elaboração.

A génese do feminino pela vertente biológica e, por isso, considerando uma definição da maternidade pelo carácter biológico, conforme articulado na narrativa da Mãe, pode ser

encontrada nas teorias mais clássicas da psicanálise, como, por exemplo, em Helene Deutsch (1925) que define o feminino pelo aparelho reprodutor da mulher. Nesta teoria, a vagina tem a função de receber a criança e só quando reconhece-a como seu órgão sexual por excelência é que se torna mulher. Apesar da Mãe considerar que o aparelho reprodutor da mulher é que define o feminino, ela não conota a gratificação associada à maternidade da teoria de Deutsch (1925). Pelo contrário, a Mãe considera a maternidade como uma obrigação, como um obstáculo à posição social da mulher. De acordo com Chasseguet-Smirgel (2005), devido esta obrigatoriedade e necessidade de afirmação do feminino, é que a literatura americana feminista tem rejeitado o carácter materno da feminilidade. Sempre que se limita a maternidade ao seu carácter biológico, induz-se obrigatoriedade à função materna (Chasseguet-Smirgel, 2005), o que desvaloriza o poder materno conforme espelhado, por exemplo, na narrativa da Avó.

A Avó enaltece o carácter psicológico e social da maternidade. Refere, inclusive, que o sentimento da maternidade e da família faz parte da “constituição da própria feminilidade”. Ao contrário da Mãe, a Avó não limita a maternidade pela sua vertente biológica. Ela valoriza o poder materno enquanto meio de expressão do poder feminino. Chasseguet-Smirgel (1986, 2005) indica que é este poder materno e desejo de se separar da imago materna onipotente que faz com que a criança projecte o seu poder no falo paterno. O falocentrismo surge, portanto, como uma forma de negação ou de defesa do poder da mãe. Na narrativa da Avó encontramos a gratificação associada à maternidade em falta na narrativa da Mãe. Podemos associar à conceptualização de Deutsch (1925) da maternidade como meio de sublimação para a mulher, mas não pelo carácter biológico.

É importante referir que a Avó tão depressa apresenta a origem do feminino pela “natureza” e, por isso, pode depreender-se pelo biológico, como justifica pela “vivência milénia”, que nos remete para a vertente cultural (cf. Análise dos resultados da Avó). A mesma dúvida permanece quando assume a função materna como instintiva ou como inata. Como a Avó refere, “mesmo que a mulher não seja mãe ou não venha a ser mãe, ela tem o sentido materno”. Segundo Chodorow (1978), essa qualificação transparece o carácter universal atribuído à maternidade como sendo algo imutável, algo exclusivo das mulheres, por questões biológicas. Contudo, na narrativa da Avó, esta intuição e/ou carácter inato podem ser resultado de uma transmissão geracional da feminilidade e identificação com o papel de género feminino. Conforme a Avó indica “há coisas que realmente nasceram já com a mulher. Talvez por vivência milénia (...) enraizaram-se mesmo na personalidade da

mulher”. Verificamos que a Avó atribui, portanto, um carácter cultural à formação da personalidade e desenvolvimento da feminilidade. O sentimento materno enraizou-se “na personalidade da mulher”, “faz parte da personalidade dela”, “vem de milénios”, “vem da constituição da própria feminilidade”. Por estas passagens e pela valorização da maternidade pela sua componente social e psicológica é que considerámos que a génese do feminino, na narrativa da Avó, está na cultura, embora reconheçamos que determinados excertos podem levar-nos a ponderar sobre o real significado da “natureza” para si. Conforme indica Chodorow (1978), os valores e crenças culturais, incluindo os papéis de género, constituem uma organização inconsciente que é transmitida pelas famílias de geração em geração, a partir das relações objectais iniciais.

A personalidade feminina é mencionada nas três narrativas. A bondade surge nas narrativas da Avó e da Mãe como relacionada com a função materna. Em ambas, o feminino é caracterizado por características positivas, altruístas e direccionadas para o mundo objectal. Apesar da Mãe considerar que a formação de carácter deriva da diferença anatómica, podemos interpretar com base na teoria das relações objectais de Chodorow (1978, 1989). A Mãe refere inclusive que, ao nível da personalidade, as diferenças entre o feminino e o masculino são mais significativas. Segundo Chodorow (1989), o sentido de self é desenvolvido a partir da relação inicial com a mãe e difere em rapazes e raparigas (Chodorow, 1989). As meninas desenvolvem um self direccionado para o mundo objectal. Como são criadas também por mulheres, com quem mantêm uma relação intensa e uma identificação contínua, inclusive no período edipiano, em que não têm que abandonar o objecto interno pré-edipiano, desenvolvem capacidades relacionais que as sensibilizam e preparam para a função materna (Chodorow, 1978, 1989). Considerando que as mães são, em todas as entrevistas, as responsáveis pelos cuidados primários e educação dos filhos, o sentido de self da criança, neste caso, das meninas, foi desenvolvido a partir desta relação inicial com a mãe, o que tornou a identificação ao papel de género mais intensa (Chodorow, 1978). A ambivalência que pode manifestar-se na vivência da maternidade em que a mulher pode sentir prazer devido às qualidades empáticas desenvolvidas pela função materna, ao mesmo tempo que sente que esta função condiciona a sua posição social (Chodorow, 1989), está presente na narrativa da Mãe. Ela tem conhecimento das capacidades relacionais desenvolvidas na mulher, a partir, para si, da anatomia, no entanto, considera que a maternidade em si constitui um obstáculo para a sua afirmação social.

A maternidade enquanto condicionante da posição social da mulher representa os “efeitos profundos na vida das mulheres, na ideologia sobre as mulheres, na reprodução da masculinidade e desigualdades sexuais e na reprodução de formas particulares de força de trabalho” (Chodorow, 1978, p. 11). É a maternidade e as responsabilidades inerentes atribuídas à mulher que perpetuam as desigualdades sexuais na teoria da Mãe (Chodorow, 1978). Tal como indica, as especificidades relacionadas com o facto de gerar um filho e ser responsável pela sua educação condicionam os seus desejos e fantasias individuais que podem passar por ambicionar ter os mesmos direitos que o homem. Encontramos mais um ponto semelhante à narrativa da Avó. Ambas, Mãe e Avó, consideram que a igualdade entre o feminino e o masculino não é possível. A Mãe considera que esta impossibilidade manifesta-se ao nível do mundo exterior, i.e., considera que a obrigatoriedade e dever da maternidade, desde a gestação à educação do filho, devido à sua configuração anatómica e competências relacionais desenvolvidas a partir dessa diferença, fazem com que os direitos sociais de uma mulher nunca consigam ser iguais ao de um homem. Esta visão foi desenvolvida por Chodorow (1978), não como resultado da biologia, conforme já mencionámos, mas a partir da relação inicial com a mãe que desenvolve na menina um sentido de self com capacidades que a comprometem com a maternidade, perpetuando assim a responsabilidade social das mulheres pela parentalidade. É a reprodução geracional dos papéis atribuídos culturalmente ao género, internalizados desde a relação inicial com a mãe e, por isso, ao nível de uma organização inconsciente, que perpetuam a hierarquia entre os géneros (Chodorow, 1978). Na narrativa da Avó, a natureza veta o que não pode ser igual entre o masculino e o feminino, mas, se na narrativa da Mãe esta desigualdade constitui um obstáculo para a afirmação do feminino, aqui, beneficia-o. A impossibilidade de igualdade, na entrevista da Avó, surge ao nível do mundo interior. A “natureza”, seja entendida pela vertente biológica ou cultural, dotou a mulher de competências psicológicas e sociais que a permitem desenvolver a função materna, sempre com boa consciência e de modo a que o poder feminino possa ser perpetuado. As mesmas competências são avaliadas pelas duas participantes, Avó e Mãe (mãe e filha, em termos de parentesco), de forma diferente. O que uma considera uma vantagem, a outra considera uma desvantagem. A valorização da mulher presente nas narrativas de Avó e da Mãe é descontinuada pela narrativa da Filha, ao apresentar uma imagem da mulher angolana actual como disruptiva, na medida em que está a assumir prerrogativas masculinas, que condicionam o bom desempenho da função materna – “Se uma mãe faz isto, que valores é que ela passa para os filhos? Nenhum!”. Segundo Chodorow (1978), a identificação à mãe

implica uma apropriação de valores e traços de carácter. É um processo contínuo e inconsciente.

Numa narrativa mais distante da Avó e da Mãe, a Filha define o feminino pelas várias expressões que a feminilidade pode assumir. Mais do que a performatividade de género imposta culturalmente, acredita que a feminilidade compreende um sentimento de pertença ao sexo biológico, i.e., a uma consonância entre o biológico, o psicológico e, inclusive, o cultural na medida em que os desejos e fantasias dos pais, internalizados a partir de uma matriz cultural inconsciente, também influenciam. Este sentimento de pertença foi conceptualizado por Robert Stoller (1993) como núcleo da identidade de género, i.e., “sentido que temos do nosso sexo – da masculinidade nos homens e da feminilidade nas mulheres” (Stoller, 1976, “Core Gender Identity”, para. 1). É um sentimento de pertença que não tem “quaisquer implicações de papel e/ou relacionais, [inscrito por isso ao nível do ] plano do Narcisismo” (Alvarez, 1955, p. 35). Este núcleo é influenciado pela “força” biológica, pela designação do sexo à nascença, pela atitude parental em relação ao bebé, por fenómenos biopsíquicos e pelo desenvolvimento do ego corporal (Stoller, 1976, 1993).

A Avó e a Mãe, para definirem o feminino, recorrem a um contraste com o masculino, seja por oposição (Avó) ou como forma de demarcar as diferenças (Mãe). A Filha recorre a um contraste com um gay, um homem que, para si, pode assumir uma performance característica do género feminino. Esta mudança no discurso, em termos geracionais, transpõe a desconstrução do género a que se assiste na actualidade e à dificuldade e complexidade da sua definição (Butler, 2007; Corbett, 2008). Para Butler (1990), a performatividade de género imposta culturalmente, ao longo dos tempos, teve como objectivo garantir a manutenção de um sistema binário polarizado (masculino vs feminino). Um gay é um homem, que pode ter atitudes femininas. Um homem assumir atitudes femininas demonstra uma descontinuidade, uma rotura entre o corpo e o género. Demonstra que os parâmetros que definem a forma como o género feminino deve agir não são exclusivos das mulheres. A Filha considera, por isso, que mais do que a performatividade de género imposta culturalmente, ser feminino é conseguir “ser mulher”, é “sentir-se bem consigo mesma”. Stoller (1976) define a feminilidade desta forma, ou seja, como “o produto de um núcleo de identidade de género sólido, permanente e com identificações aconflituais com a mulher feminina” (“Conclusion”, para. 1).

Na narrativa da Filha, avaliar a feminilidade por elementos visuais ou auditivos significa limitar, estereotipar e condicionar a vivência psicológica de cada ser e as várias expressões que o feminino pode assumir. Define a feminilidade pela personalidade, que não deve ser medida por estes elementos, mas sim pela análise do conjunto, da pessoa como um todo. Contudo, as normas sociais que determinam o género não têm em consideração a personalidade de cada indivíduo; pelo contrário, a personalidade para se tornar viável é que depende das normas sociais instituídas num determinado contexto cultural (Butler, 2004). Por exemplo, uma imagem de uma mulher roqueira, com piercings e tatuagens entra em contradição, segundo a Filha, com uma mulher com uma voz meiga. Projectando-se para a narrativa apresenta outro exemplo: uma voz grossa, como a sua, se for acompanhada por uma indumentária tipicamente feminina, provoca uma aceitação diferente por parte do Outro. Há, portanto, um contraste entre as imagens internalizadas associadas a cada género, que encerram elementos visuais e auditivos, e a percepção real do sujeito. Os limites da percepção de género desempenham, por isso, um papel importante na sua narrativa. Tal como a interacção do que os outros vêem com o mundo interior do sujeito. Tal como impacto da primeira impressão. Conforme Lemma indica (2010, p. 28), “não importa como nos apresentemos, não podemos controlar o que o outro vê”. O que o outro vê depende das fantasias, desejos e memórias inscritas no seu plano inconsciente (Silverman, 1996, cit. por Lemma, 2010). E, conforme autoras como Chodorow (1978) e Butler (1990) afirmam, este plano inconsciente não depende só do sujeito enquanto agente individual. Este plano está inscrito numa matriz cultural de normas sociais de género internalizadas e reproduzidas pela família geracionalmente. Os traços característicos de cada género representam a humanização dos indivíduos dentro de uma determinada cultura (Butler, 1990), daí a necessidade de se estabelecer um “modelo típico”. A Filha sugere que este “modelo típico” não pode ser considerado como o único. Segundo Butler (2007), a tentativa de definição de uma identidade feminina universal constitui o mesmo tipo de opressão induzida pelo domínio masculino, pois significa a exclusão de factores que podem ser importantes numa determinada cultura e/ou a sobrevalorização de componentes que podem não se aplicar a todas as culturas. Uma identidade feminina unitária ou um “modelo típico” não considera as múltiplas facetas que o ser feminino pode assumir. Considerar a feminilidade pelo “modelo típico” significa enquadrar as mulheres na mesma categoria, desconsiderando assim variáveis económicas, sociais, culturais, relacionadas com a raça (Butler, 2007) e até as motivações pessoais. Isto remete-nos para a narrativa da Mãe, em que as especificidades associadas ao corpo da mulher,

sobrepõem-se às motivações e desejos individuais. Butler (1990) defende que a categoria “mulheres”, instituída politicamente, é que condiciona “o que a mulher quer ser”.

A política representa um papel importante na narrativa da Mãe. A guerra em Angola, primeiro pela libertação do país, seguida da guerra civil, surge no seu discurso como obstáculo da afirmação da mulher. Conforme indica, “tudo depende da política”, tanto para suprimir, como para criar e permitir oportunidades. As mulheres têm tido mais oportunidades no mundo do trabalho, não só por luta própria, mas porque existe um reconhecimento masculino e uma permissividade por parte da política. Conforme mencionado por Butler (2007), o mesmo sistema político que oprime as mulheres é o que detém o poder para promover a sua emancipação. O papel da mulher e o significado atribuído ao termo “feminino” depende, por isso, não só do contexto cultural em que o indivíduo está inserido, mas também da situação geopolítica vivida numa determinada época (Butler, 2004). Aquando da guerra, a organização do país, em termos políticos, não estava direccionada para a mulher, segundo a Mãe. Tanto com a colonização como com a guerra podemos verificar que a situação política criou um conceito social de género com o intuito de servir os interesses políticos e económicos do país (Butler, 1990), desconsiderando as repercussões que uma opressão pode representar a nível psíquico para as mulheres (Butler, 2007). Em Angola, esta opressão não se manifestou apenas pela supremacia masculina da cultura patriarcal. Ao constituir uma colónia portuguesa por muitos anos (até mesmo séculos se considerarmos desde o ano em que a terra foi descoberta até à data da sua independência) esta opressão manifestou-se também pela relação colonizador/colonizado. Fanon (1952) postulou dois alinhamentos possíveis com a colonização: negro/branco e self/outro. Pela narrativa da Avó e considerando o objectivo do estudo acrescentamos mais um: feminino/masculino. Os estudos sobre o sujeito que viveu durante a época colonial ou descendentes de famílias que viveram este período, pela intensa carga da vida fantasmática familiar, devem considerar as especificidades da época. Segundo Fanon (1952), a colonização rouba todo o valor e individualidade do sujeito. Com a colonização, a cultura nativa é reprimida em prol da cultura do colonizador. Sendo a identidade cultural/colectiva reprimida, a identidade individual é recalçada (Fanon, 1952). Esta repressão, seguida de recalçamento é visível na narrativa da Avó. Com a colonização, o nativo foi forçado a entrar no mundo branco, onde predominava a discriminação (Fanon, 1952) e a soberania masculina. Verificamos esta discriminação na narrativa da Avó pela necessidade que sente de mencionar a cor “branca” sempre que se refere à sua família. Na história de vida da Avó esta discriminação representou um valor

significativo no seu mundo interior: ela não só tinha um tom de pele diferente, como constituía o fruto de uma relação extraconjugal entre o colonizador e o colonizado, entre o opressor e o oprimido, entre o homem soberano e a mulher submissa. A Avó constituiu a evidência de uma relação proibida daí a necessidade de dessexualizá-la na sua narrativa. Importa referir que o seu pai representa as duas identidades responsáveis pela opressão: a de colonizador e a masculina. A pertença a duas realidades distintas e o facto de não ver o seu estatuto como filha reconhecido desenvolveram um sentimento de ambiguidade. Para “ganhar consciência de si, a incorporação do conceito de reconhecimento é essencial” (Fanon, 1952, p. 169), i.e., para se identificar como filha do “senhor” no seu mundo interior era necessário que fosse reconhecida como tal. A falta de reconhecimento e a ausência da mãe na narrativa remete-nos para uma dúvida relativamente à existência de figuras parentais no seu mundo interior. Para contornar esta existência ambígua, a Avó recorre a duas figuras idealizadas, que realmente existiram, nas quais projecta as suas imagos parentais (e o seu ideal de ego). Por uma cena primária de agressividade acedemos ao plano intrapsíquico da Avó, fortemente articulado com o contexto cultural do país. Esta agressividade é expressa tanto ao nível da relação homem/mulher, como ao nível da relação feminina edipiana. A rivalidade feminina evidencia-se na narrativa pelos conflitos matrimoniais que surgiram(surgem) na vida das suas filhas. A própria Avó faz a analogia com o conflito permanente que viveu na sua infância ao ser criada por duas madrastas brancas e uma tia internalizada como uma figura feminina persecutória. É esta ligação que nos remete para a rivalidade feminina edipiana. Segundo Deutsch (cit. por Chodorow, 1978) relacionamentos femininos na idade adulta podem exprimir posições edipianas. A presença de uma mulher rival no seu relacionamento matrimonial pode “resolver e recriar a ligação mãe-filha e [constitui] uma expressão das capacidades relacionais gerais das mulheres e definição do self em relação” (p. 200). No caso da Avó, ela projecta essa rivalidade para o casamento das filhas.

A humilhação associada à identidade feminina surge nas narrativas da Avó e da Mãe. Na da Mãe como um fenómeno social mundial e na da Avó como resultado da colonização e da discriminação vivida por si não só pela subjugação masculina, mas também pela diferença racial no seio familiar. Conforme indica Fanon (1952) “o negro não tem apenas que ser negro; ele tem que ser negro em relação ao homem branco” (p. 82 e 83). Apesar da classe branca constituir a minoria numa colónia, pelo poder exercido “nunca se sentiram inferiores em nenhum aspecto” (Fanon, 1952, p. 68). A necessidade da Avó referenciar a cor da sua família para se posicionar reforça a afirmação de Fanon (1952) de que “o racismo é que [cria] a sua

inferioridade” (p. 69). Tal como este autor verificou com a colonização de Madagáscar, também aqui, pela vivência da Avó, confirmamos que, para além das consequências psicológicas, “existem relações internas entre a consciência e o contexto social” (p. 72). Mais. Pela narrativa da Avó, acrescentamos que verificamos uma articulação constante entre o plano intrapsíquico e o contexto cultural. “O colonizador tapou e manobrou” os nativos para que o único destino que conhecessem fosse a supremacia do colonizador, a supremacia do mundo branco (Fanon, 1952) e (uma continuação da) supremacia masculina. Com a Independência, o povo recuperou a sua identidade cultural embora já influenciada pela cultura do colonizador.

O facto da Mãe considerar que a guerra é que condicionou a posição da mulher, enquanto a Avó considera que foi a colonização, deve ser compreendido pelo contexto e situação política vivida em cada época. No entanto, podemos verificar que em ambas as narrativas, a guerra funciona como impulsionador da emancipação da mulher: na da Avó foi a guerra pela libertação de Angola e na da Mãe foi a guerra civil, que culminou com a implementação de um regime multipartidário. A Mãe nasceu poucos anos antes da luta pela libertação de Angola iniciar, o que significa que o mundo exterior foi apreendido de forma diferente do da sua mãe. O seu desenvolvimento, embora tenha incidido sobre premissas de uma cultura patriarcal, não foi inscrito, com a mesma intensidade que no caso da Avó, numa cultura colonizadora. Diferente da Avó, na geração da Mãe, a identidade cultural não foi reprimida. A repressão manifestou-se, principalmente, ao nível da identidade feminina que, pela humilhação sofrida, teve que ser recalcada. A opressão experienciada, pela Mãe, manifestou-se ao nível do sistema binário masculino/feminino que, em termos de oportunidades sociais, favoreceu os homens. Visto que as atitudes fálicas foram sobrevalorizadas na sua geração, a Mãe considera que a aproximação entre os géneros só é possível como uma masculinização da mulher. Na narrativa da Filha, embora mencione algumas vezes que o país viveu em guerra muitos anos, não confirmamos a mesma influência sobre a representação do feminino que nas gerações anteriores. Esta articulação com o contexto cultural demonstra a importância de considerá-lo para a compreensão do funcionamento psíquico do sujeito, neste caso, das mulheres angolanas, de épocas diferentes, visto que partilham uma forte história de opressão, da mesma forma que devemos considerar as relações interpessoais, as ansiedades, desejos, fantasias e conflitos das fases iniciais do desenvolvimento (Harris, 2000).

Analisando a estrutura familiar e identificação com os papéis de género, tal como a Avó menciona, na sua família, a linhagem feminina é educada para a sequência natural da vida que é ser esposa e ser mãe. Estes papéis constituem a identidade primária da mulher, perpetuada pela organização familiar instituída culturalmente (Chodorow, 1978). As meninas são preparadas psicologicamente, desde a fase inicial do desenvolvimento, para assumirem o papel feminino (Chodorow, 1978). Segundo a Filha, quando começou a viver com o seu marido, inconscientemente, assumiu a responsabilidade pelo lar, pois “é o papel da mulher”. O papel de género, internalizado pela Filha, assenta numa organização cultural inconsciente, de valores que foram passados pela família, de geração em geração, e que acabam por perpetuar a cultura patriarcal (Chodorow, 1974, 1978). Aliada a esta responsabilidade materna de criar os filhos, o facto da Avó e da Filha afirmarem que uma das funções sociais da mulher passa por cuidar/modificar os maridos, vai no sentido do defendido por alguns autores, de que as “mulheres enquanto esposas e mães reproduzem pessoas” (Chodorow, 1978, p. 36). Analisando as três entrevistas, verificamos que, em termos profissionais, as mulheres tornaram-se mais activas e estimuladas intelectualmente: a Avó dona de casa, a mãe contabilista e a filha engenheira. No entanto, o papel que a mulher desempenha no seio familiar permanece (Marmor, 2004). Se o marido desempenhar alguma tarefa doméstica é considerado como uma ajuda, porque a responsabilidade é da mulher, conforme indica a Filha. Mesmo trabalhando os dois e dividindo as despesas, os papéis de género mantêm-se diferentes. “Mesmo quando o homem e a mulher passam para a esfera do outro, os seus papéis permanecem diferentes. Dentro da família, ser o marido e o pai é diferente de ser a esposa e mãe” (Chodorow, 1978, p. 179). Tal significa que “a organização e ideologia familiar ainda produz estas diferenças de género e geram expectativas de que a mulher mais do que o homem encontrará a identidade primária na família” (Chodorow, 1978, p. 175). Podemos concluir que a feminilidade, seja pela vertente biológica, psicológica e/ou cultural, em todas as narrativas, relaciona o papel da mulher como esposa e/ou mãe. Kestenberg (1980) indica que a feminilidade só é alcançada quando a mulher integra os papéis de esposa e de mãe.

O tema da constituição psíquica bissexual é abordada apenas na narrativa da Avó, como um meio de entendimento entre o género feminino e o masculino. Freud (1925) defendeu que homens e mulheres partilham características comuns como resultado de uma bissexualidade psíquica. De acordo com Kestenberg (1980), ao assumir uma posição fálica, durante a fase inicial do desenvolvimento, a menina não perde a sua feminilidade, apenas

fortalece a sua constituição bissexual. Na perspectiva da Mãe, a masculinização da mulher não corresponde a uma bissexualidade psíquica, mas à necessidade de assumir atitudes fálicas para afirmar o seu lugar na sociedade. A superioridade feminina está presente nas narrativas da Avó e da Mãe. Na da Avó manifesta pelo poder materno e na da mãe pela capacidade de assimilação e luta própria. Em ambas, a mulher é mais inteligente: na da Avó por características emocionais e psicológicas e na da filha por questões cognitivas. No entanto, em ambas este poder foi reprimido pela cultura falocêntrica. Ambas consideram que, enquanto a superioridade feminina deve-se ao mérito das próprias mulheres, a soberania masculina da cultura patriarcal expressa-se por simplesmente possuir o falo. A crítica da Filha para com a geração da Mãe pode ser compreendida pela necessidade de se separar da mãe para construção da sua identidade como mãe, visto que está grávida (Bernstein, 1990).

### **Conclusões**

Este estudo teve como principal objectivo analisar a representação do feminino em mulheres angolanas, da mesma família, de três gerações diferentes, e a possível articulação com o contexto cultural, i.e., analisar uma possível relação entre o mundo exterior e o mundo interior. Confirmámos que as conceptualizações em relação à definição e à génese do feminino são diferentes nas narrativas, o que transparece as controvérsias que existem dentro e fora da psicanálise. Foi dado ênfase ao psicológico, ao biológico, à interpenetração do biológico com o psicológico. A performatividade de género, imposta culturalmente, foi também mencionada. Em termos de semelhanças, nas três entrevistas, a mulher é valorizada pela sua personalidade e como responsável pela família (desde a gestão do lar até à educação dos filhos), i.e., pela sua identidade como esposa e/ou mãe. A mulher é caracterizada, em traços gerais, pela sua bondade, como sendo mais inteligente e com capacidades relacionais mais significativas. A maternidade, pela componente biológica ou pela psicológica, é associada à essência do feminino em duas narrativas. A performance de género e o sentimento de pertença ao sexo biológico são mencionados na entrevista da Filha. Verificamos também uma tendência, na narrativa da participante mais nova, para a desconstrução do género, contrapondo assim com sistema binário de género polarizado presente nas entrevistas das participantes mais velhas. A figura masculina está ausente nas três entrevistas (a referência na narrativa da filha é significativa apenas para a diferenciação de papéis). Esta ausência remete-

nos para a necessidade, numa cultura patriarcal, da mulher manter um espaço psíquico reservado apenas para o feminino.

Verificamos, em todas as narrativas, uma relação com o contexto cultural. A articulação entre a colonização e o plano intrapsíquico é mais intensa no discurso da Avó. É nesta narrativa que verificamos a vivência psíquica do feminino no longo contexto histórico de opressão. Na narrativa da Mãe há uma articulação com a guerra. O regime político, após a Independência, surge como impulsionador do desenvolvimento social feminino. Tanto a Avó como a Mãe consideram que a emancipação da mulher flui da guerra, no entanto, a Avó considera a luta pela libertação do País como movimento social impulsionador e a filha a guerra civil, pela implementação de um regime multipartidário. Apesar da permissividade política, a mulher, para a Mãe, tem conseguido aproximar-se de uma igualdade com os homens através de uma masculinização. A articulação com a cultura, na narrativa da Filha, é feita pela performance de género e pelos valores morais que são transmitidos a partir de uma estrutura familiar inconsciente.

A representação da mulher angolana actual é-nos apresentada pela participante mais nova que faz um contraste entre a estrutura familiar angolana antiga e a actual. A mulher surge como desorganizadora da estrutura familiar, na medida em que assume prerrogativas masculinas, muitas vezes por questões financeiras, que a impossibilitam transmitir os valores correctos para os seus descendentes. É, por isso, a responsável pelo rompimento dos limites estabelecidos pela cultura patriarcal. Esta imagem da mulher actual apresentada pela Filha, que procura na relação com homens casados um meio de subsistência, entra em contradição com a imagem da mulher apresentada pela Mãe que se masculiniza para conquistar direitos sociais.

Reconhecendo as limitações desta investigação, seria interessante entrevistar mais mulheres das três gerações, de meios socioeconómicos diferentes, de outras províncias do País e, talvez, incluir uma geração mais nova. Seria igualmente interessante estudar a representação masculina em homens das mesmas regiões e dentro da mesma faixa etária que as mulheres. Como continuação deste estudo e da articulação com a colonização, seria interessante entrevistar mais mulheres, filhas de colonizadores, e mulheres filhas de colonizados. A ausência dos companheiros no discurso e a possibilidade de existência de um mundo psíquico feminino como forma de refúgio da cultura patriarcal deve também ser investigada.

## Referências Bibliográficas

- Alizade, A. M. (1999). *Feminine sensuality*. Londres, Inglaterra: Karnac Books.
- Alvarez, M. G. (1995). Esboços do feminino: Procura do materno? *Análise Psicológica*, 1-2 (XIII), 33-37.
- Balsam, R. (2001). Integrating male and female elements in a woman's gender identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49 (4), 1335-1360. Retrieved from <http://eds.a.ebscohost.com/eds/detail/detail?nobk=y&vid=6&sid=2b459ce3-90dc-4312-88b7-03e5b45cd996@sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1lZHMtbGl2ZS-ZzY29wZT1zaXRI#AN=APA.049.1335A&db=pph>.
- Beauvoir, S. (1949a). *O Segundo sexo – Os factos e os mitos*. Amadora, Portugal: Livraria Bertrand.
- Beauvoir, S. (1949b). *O Segundo sexo – A experiência vivida*. Amadora, Portugal: Livraria Bertrand.
- Benjamin, J. (1991). Father and daughter: Identification with difference – A contribution to gender heterodoxy. *Psychoanalytic dialogues*, 1 (3), 277-299. Retrieved from <http://web.b.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=6&sid=a983e787-29b2-4da8-8bda-dfbf2a31ded2%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saX-ZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=PD.001.0277A&db=pph>.
- Benjamin, J. (2004). Deconstructing femininity: Understanding “passivity” and the daughter position. *Annual of Psychoanalysis*. 32, 45-57. Retrieved from <http://web.b.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=8&sid=a983e787-29b2-4da8-8bda->

[dfbf2a31ded2%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=AOP.032.0045A&db=pph](http://www.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=2&sid=37c32077-40d8-4ea9-b170-3bdaa3817218%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=AOP.032.0045A&db=pph).

Bernstein, D. (1990). Female genital anxieties, conflicts and typical mastery modes. *International Journal of Psycho-Analysis*, 71, 151-165. Retrieved from <http://eds.b.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=2&sid=37c32077-40d8-4ea9-b170-3bdaa3817218%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IJP.071.0151A&db=pph>.

Birksted-Breen, D. (1996). Unconscious representation of femininity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 44, p. 119-132. Retrieved from <http://web.b.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=10&sid=a983e787-29b2-4da8-8bda-dfbf2a31ded2%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=APA.044S.0119A&db=pph>.

Butler, J. (1990). Actos performativos y constitución del género: Un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In S.-E. Case (Ed.), *Performing feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre* (pp. 270-282). Retrieved from <https://lamalcria.files.wordpress.com/2014/09/butler-judith-actos-performativos-y-constitucic3b3n-del-gc3a9nero-1990.pdf>.

Butler, J. (2002). *Cuerpos que importan – Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

Butler, J. (2004). *Undoing gender*. New York, NY: Routledge.

Butler, J. (2007). *El género en disputa – El feminismo y la subversión de la identidad*. Buenos Aires, Argentina: Paidós.

Chasseguet-Smirgel, J. (1986). *Sexuality and Mind: The role of the father and the mother in the psyche*. Londres, Inglaterra: Karnac.

Chasseguet-Smirgel, J. (2005). *The body as mirror of the world* (S. Leighton, Trans.).  
Londres, Inglaterra: Free Association Books.

Chodorow, N. (1974). Family structure and feminine personality. In M. Z. Rosaldo & L. Lamphere (Eds.), *Women, Culture, and Society* (pp. 43-66). Standford, CA: Standford University Press. Retrieved from <http://www.rlwclarke.net/Theory/SourcesPrimary/ChodorowFamilyStructureandFemininePersonality.pdf>.

Chodorow, N. (1978). The Reproduction of Mothering – Psychoanalysis and the Sociology of Gender. Califórnia: University of Califórnia Press. Retrieved from <https://toleratedindividuality.files.wordpress.com/2015/10/the-reproduction-of-mothering.pdf>.

Chodorow, N. (1989). What is the Relation between the Psychoanalytic Psychology of Women and Psychoanalytic Feminism. *Annual of Psychoanalysis*, 17, 215-242. Retrieved from <http://web.b.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=12&sid=a983e787-29b2-4da8-8bda-dfbf2a31ded2%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=AOP.017.0215A&db=pph>.

Corbett, K. (2008). Gender now. *Psychoanalytic Dialogues*, 18 (6), p. 838-856. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=PD.018.0838A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site>.

Deutsch, H. (1925). The psychology of women in relation to the functions of reproduction. *International Journal of Psycho-Analysis*, 6(4), 405-418. Retrieved from <http://web.b.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=14&sid=a983e787-29b2-4da8-8bda->

[dfbf2a31ded2%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IJP.006.0405A&db=pph](http://www.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=16&sid=a983e787-29b2-4da8-8bda-dfbf2a31ded2%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IJP.006.0405A&db=pph).

Deutsch, H. (1984). The menopause (Roazen, Paul, Ed. & Trans.). *International Journal of Psycho-Analysis*, 65, 55-62. Retrieved from <http://web.b.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=16&sid=a983e787-29b2-4da8-8bda-dfbf2a31ded2%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IJP.065.0055A&db=pph> (Original work published 1925).

Dimen, M. (1991). Deconstructing difference: Gender, splitting, and transitional space, *Psychoanalytic Dialogues*, 1, 335-352. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=PD.001.0335A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site>.

Fanon, F. (1952). *Black Skin White Masks* [Adobe Digital Editions version]. Retrieved from: [http://abahlali.org/files/Black\\_Skin\\_White\\_Masks\\_Pluto\\_Classics\\_.pdf](http://abahlali.org/files/Black_Skin_White_Masks_Pluto_Classics_.pdf).

Freud, S. (1969a). Identificação. In S. Freud, *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*, Vol. 18 (pp. 115–120). Rio de Janeiro, Brasil: Imago (Original work published 1921).

Freud, S. (1969b). Sexualidade feminina. In S. Freud, *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*, Vol. 21 (pp. 231–251). Rio de Janeiro, Brasil: Imago (Original work published 1931).

Freud, S. (1989a). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Textos Essenciais de Psicanálise*, Vol. 2: *A Teoria da Sexualidade* (pp. 138–144). Mem-Martins, Portugal: Europa-América (Original work published a 1924).

- Freud, S. (1989b). Algumas consequências psíquicas da diferença anatómica entre os sexos. In S. Freud, *Textos Essenciais de Psicanálise, Vol. 2: A Teoria da Sexualidade* (pp. 138–144). Mem-Martins, Portugal: Europa-América (Original work published 1925).
- Freud, S. (1989c). A feminilidade. In S. Freud, *Textos Essenciais de Psicanálise, Vol. 2: A Teoria da Sexualidade* (pp. 156–177). Mem-Martins, Portugal: Europa-América (Original work published 1933).
- Harris, A. (2000). Gender as soft assembly: Tomboy’s stories. *Gender and Sexuality, 1*(3), 223-250. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=6&sid=d5465345-5b8f-4598-93cae7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=SGS.001.0223A&db=pph>.
- Haudenschild, T. R. L. (2003). The “green continent: the constitution of femininity in a clinical case. In A. M. Alizade (Ed.), *Studies on femininity* (pp. 103-117). Londres, Inglaterra: Karnac Books.
- Héritier, F. (1996). *Masculino-Feminino – O pensamento da diferença*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free association, narrative and the interview method*. Londres, Inglaterra: Sage Publications.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In L. M. Given (Ed.), *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods* (pp. 296-315). Sevenoaks, CA: Sage.
- Horney, K. (1967a). On the genesis of the castration complex in women. In H. Kelman (Ed.), *Feminine Psychology* (pp. 37-53). New York, NY: W. W. Norton & Company (Original work published 1923).

- Horney, K. (1967b). The flight from womanhood – the masculinity-complex in women as viewed by men and by women. In H. Kelman (Ed.), *Feminine Psychology* (pp. 54-70). Nova York: W. W. Norton & Company (Original work published 1926).
- Horney, K. (1967c). The denial of the vagina – A contribution to the problem of the genital anxieties specific to women. In H. Kelman (Ed.), *Feminine Psychology* (pp. 147-161). Nova York: W. W. Norton & Company (Original work published 1933).
- Kestenberg, J. S. (1968). Outside and inside, male and female. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 16, 457-520. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=8&sid=d5465345-5b8f-4598-93cae7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=APA.016.0457A&db=pph>.
- Kestenberg, J. S. (1980). The three faces of femininity. *Psychoanalytic Review*, 67(3), 313-335. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=10&sid=d5465345-5b8f-4598-93cae7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=PSAR.067.0313A&db=pph>.
- Kestenberg, J. S. (1982). Regressão e reintegração na gravidez. In H. Blum (Ed.), *Psicologia feminina, uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 152-177). Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Klein, M. (1935). A contribution of the psychogenesis of manic-depressive states. *International Journal of Psycho-Analysis*, 16, 145-174. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=10&sid=e0315eff-8da1-4afd-a8cd-a411ca753fcd%40sessionmgr4008&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IJP.016.0145A&db=pph>.

- Klein, M. (1945). The Oedipus complex in the light of early anxieties. *International Journal of Psycho-Analysis*, 26, 11-33. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=4&sid=e0315eff-8da1-4afd-a8cd-a411ca753fcd%40sessionmgr4008&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IJP.026.0011A&db=pph>.
- Klein, M. (1969). Os efeitos das primeiras situações da angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina. In *Psicanálise da Criança* (Trans. P. Civelli) (pp. 259-311). São Paulo, Brasil: Mestre Jou (Original work published 1932).
- Klein, M. (1996). Estágios iniciais do conflito edípico. In Money-Kyrle (Ed.). *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos* (217-227). Rio de Janeiro: Imago (Original work published 1928).
- Laplanche, J. (2007). Gender, sex, and the sexual. *Studies in Gender and Sexuality*, 8(2), 201-219. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=12&sid=d5465345-5b8f-4598-93cae7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=SGS.008.0201A&db=pph>.
- Leal, I. (2001). O feminino e o materno. In M. C. Canavarro (Coord), *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 51-74). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Lemma, A. (2010). *Under the Skin: A psychoanalytic study of body modification*. New York, NY: Routledge.
- Marmor, J. (2004). Changing Patterns of femininity: Psychoanalytic implications. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 32 (1), 7-14. Retrieved from <http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=14&sid=d5465345-5b8f-4598-93cae7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=SGS.008.0201A&db=pph>.

[e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=JAA.032.0007A&db=pph.](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=6&sid=0348eb25-1069-4efa-8d64-c90d51c57a5e%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=JAA.032.0007A&db=pph)

Meissner, W. W. (2005). Gender identity and the self: II. Femininity, homosexuality, and the theory of the self. *Psychoanalytic Review*, 92(1), 29-66. Retrieved from [http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=6&sid=0348eb25-1069-4efa-8d64-c90d51c57a5e%40sessionmgr4010&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=PSAR.092.0029A&db=pph.](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=6&sid=0348eb25-1069-4efa-8d64-c90d51c57a5e%40sessionmgr4010&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=PSAR.092.0029A&db=pph)

Meyers, H. C. (2002). The challenges and options of menopause. In A. M. Alizade (Ed.), *The Embodied Female* (pp. 99-108). Londres, Inglaterra: Karnac.

Mitchell, S. A. (1996). Gender and sexual orientation in the age of postmodernism: The plight of the perplexed clinician. *Gender and Psychoanalysis*, 1(1), 45-73. Retrieved from [http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=GAP.001.0045A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site.](http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=GAP.001.0045A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site)

Ogden, T. H. (2012). La relación edípica transicional en el desarrollo femenino. *Revista de Psicoanálisis*, 66, 37-60. Retrieved from [http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=APM.066.0037A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site.](http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=APM.066.0037A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site)

Piccioli, E. & Bartolomei, G. (2003). A clandestine identity: pathways of contemporary femininity. In A. M. Alizade (Ed.), *Studies on femininity* (pp. 119-135). Londres, Inglaterra: Karnac Books

Pines, D. (1993). *A woman's unconscious use of her body*. New Haven, Inglaterra: Yale University Press.

Schafer, R. (1990). *Aspects of internalization*. Madison, NY: International Universities Press.

Schlesinger-Kipp, G. (2003). A “pause” for changing life: climacteric change and menopause.

In A. M. Alizade (Ed.), *Studies on femininity* (pp. 41-51). Londres, Inglaterra: Karnac Books.

Shane, E. (2006). Girls, their fathers, and their mothers: patterned links to ambition and

prohibition in women. *International Forum of Psychoanalysis*, 15, 99-109. Retrieved

from [http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=17&sid=d5465345-5b8f-4598-](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=17&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IFP.015.0099A&db=pph)

[93ca-](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=17&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IFP.015.0099A&db=pph)

[e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1sa](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=17&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IFP.015.0099A&db=pph)

[XZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IFP.015.0099A&db=pph](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=17&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=IFP.015.0099A&db=pph).

Stoller, R. J. (1976). Primary femininity. *Journal of the American Psychoanalytic*

*Association*, 24S, 59-78. Retrieved from

[http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=20&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=20&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=APA.024S.0059A&db=pph)

[e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1sa](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=20&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=APA.024S.0059A&db=pph)

[XZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=APA.024S.0059A&db=pph](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=20&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=APA.024S.0059A&db=pph).

Stoller, R. J. (1993). Masculinidade e feminilidade: Apresentações do género (M. A. V.,

Veronese Trans.). Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.

Szpilka, J. (1999). Some reflections on identification. *International Journal of Psycho-*

*Analysis*, 80(6), 1175-1187. Retrieved from

[http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=IJP.080.1175A&lan](http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=IJP.080.1175A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site)

[g=pt-br&site=ehost-live&scope=site](http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pph&AN=IJP.080.1175A&lang=pt-br&site=ehost-live&scope=site).

Wieland, C. (1991). Beauty and the beast: The father’s unconscious and the riddle of

femininity. *British Journal of Psychotherapy*, 8, 131-143. Retrieved from

[http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=22&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-](http://web.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=22&sid=d5465345-5b8f-4598-93ca-93ca-e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=BJP.08.131A&db=pph)

[e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=BJP.008.0131A&db=pph.](http://e7941feb5bcd%40sessionmgr4006&bdata=Jmxhbmc9cHQtYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZlJnNjb3BIPXNpdGU%3d#AN=BJP.008.0131A&db=pph)

# ANEXOS

## Anexo A: Consentimento Informado

Eu, Andreia Patrícia Alves Barros, finalista do curso de Psicologia Clínica, pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa, Portugal, estou a desenvolver um trabalho de investigação sobre a mulher angolana e a família para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica. Para o efeito, gostaria de contar com a sua participação na recolha dos dados necessários.

As informações serão recolhidas por intermédio de uma entrevista, que deve ser gravada apenas para permitir uma melhor compreensão e análise dos dados. Os registos serão utilizados exclusivamente para esta investigação e o tempo da entrevista será determinado pela forma como se desenvolver o tema. É garantida a confidencialidade e anonimato dos dados dos participantes e dos registos obtidos.

A presente investigação não representa qualquer risco e/ou custo para si. A participação é voluntária e não acarreta qualquer consequência caso opte por não participar.

Agradeço, desde já, pela ajuda e pelo tempo dispendido.

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela investigadora do trabalho, Andreia Patrícia Alves Barros. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequência. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando que serão utilizados apenas para esta investigação e na garantia de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

**Nome:** \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## Anexo B: Entrevista da Avó

Entrevistadora: O que é para si o feminino?

Avó: O feminino... pronto... é o oposto ao masculino. Para mim o feminino é o oposto ao masculino. E... por exemplo... falemos na igualdade. A igualdade no feminino... bom... no género feminino... eu acho que é uma coisa mal interpretada pelas mulheres e pelos homens também. Pois... Porque haverá sempre a natureza a vetar algo que não é igual entre o masculino e o feminino. Pronto, isso é a minha convicção. Então acho que ainda falta uma compreensão dentro desse... desse tabu, porque... pronto, há coisas que realmente nasceram já com a mulher. Talvez por vivência milénia, não é? Então enraizaram-se mesmo na personalidade da mulher e então foi fazendo mesmo... foi fazendo algo dentro da mulher que mesmo que ela fuja e que tenha a convicção da igualdade, nunca é igual. Não porque me sinta diminuída mas há coisas que não conseguem ser iguais. Teria que virar-se então a natureza. Pronto há coisas que é impossível mesmo. Mas sei lá... com os avanços da ciência e não sei das quantas que muitas vezes avança-se e se desavança nesses capítulos. Portanto, as mulheres devem sentir-se à vontade e dizer que são iguais... somos iguais, mas há sempre algo que não é igual. Por exemplo, o sentimento da maternidade, o sentimento da família, não é igual no feminino como no masculino. Não é igual. Portanto que eu digo que já de milénios vem aquela coisa. A mulher consegue ter aquilo que já faz parte dela, já não vai dizer que é trabalho. Aquilo faz parte da personalidade dela. Portanto a mulher ainda que não seja mãe, mas ela tem o sentido materno. Ainda que não seja mãe ou que não venha a ser mãe mas aquele sentimento materno está lá. Vem de milénios. Ela não está a influir. Aquilo vem da constituição da própria feminilidade. E então... mas devemos ficar à vontade com isso. Como há mulheres mais fortes fisicamente, também há as mais fracas fisicamente. Como os homens também. Então devemos ficar à vontade com determinadas coisas. Não nos pormos... não ser necessário sermos feministas. Que essa coisa do feminismo não vai comigo. Acho que é estarmos a, como é que se... estarmos a pôr um rótulo que às vezes não cola. E pronto... porque aquilo está mesmo dentro da... E também quero dizer... como nós, penso eu, não sou grande letrada, mas há uma parte masculina no feminismo e há uma parte feminina no masculino. Portanto não quer dizer que seja, por exemplo, não vamos por aí pelo caminho transversal para, para, para o gay ou para o lesbismo. Não tem nada a ver com isso. É uma plataforma para a gente entender o masculino e eles entenderem o feminismo então a própria

na natureza nos pôs isso, dentro de nós. Eu vejo as coisas assim. Então as famílias africanas são famílias que se sentem na obrigação de no pouco que têm dá sempre para mais alguém. Por exemplo, eu dizia assim, antes de, pronto, atravessarmos uma idade ou uma era, pronto, que o mundo para nós africanos evoluiu também, não é? Uns mais que outros. E então eu quando, por exemplo, no nosso país veio... começou então a luta para... ao mesmo tempo a emancipação da mulher, não é? De uma maneira saudável. Isso tem que ser. A emancipação tem que ser saudável se não nós vamos tropeçar com tantas coisas que não vamos a lado nenhum. Não vamos. E assim... e então... veio, por exemplo, diziam assim: “bom isso é o socialismo”. Entramos já no campo do... E então... eu via a nossa vivência africana analfabeta. A maioria ou sei lá... eu sei lá... era 80% de analfabetismo. Eu falo do nosso País. Portanto, mas as coisas estavam lá. Porque o analfabeto... as pessoas às vezes confundem o analfabetismo com a burrice. Não tem nada a ver! Porque no analfabeto, a inteligência está lá, nas suas reacções. É uma coisa que às vezes as pessoas confundem, não é? Então quando diziam assim “Ah! O socialismo assim e assado”. E eu dizia... eu fui analisar a minha vida... pronto, do meu... como é que eu hei-de dizer.. da minha vivência... pronto, mérito para aqueles que me criaram. Portanto, a gente não sabia os nomes. Da maneira como eu procedia em volta, com a família e eu cheguei à conclusão.... e disse muitas vezes e digo: nós já éramos socialistas, só não sabíamos que se chamava assim. Pela nossa vivência e pelo jeito como a gente caminhava e como procedia afinal éramos socialistas só não sabíamos que se chamava assim. Porque se eu tinha uma laranja, outrora, nós criávamos outros... nós éramos criados ou criadas e na sequência nós criávamos outros porque não havia muitas escolas. Mas conseguíamos, mesmo sendo analfabetas a maioria, nós conseguíamos transmitir aquilo que era necessário para uma família e essa família fazer o alicerce de um País.

Entrevistadora: Mas está a falar do papel das mulheres nessa altura?

Avó: Sim, das mulheres! Mesmo analfabetas! Então as coisas andavam mais devagar. Por isso que eu digo, nós muitas coisas não sabíamos o nome, não sabíamos o nome... mas nós procedíamos como os tais nomes que trouxeram. E trouxeram nomes bons. Então a família africana assenta mesmo mais na mulher. Porque a mulher tem um trabalho duplo, que eu digo. Milénio, está lá. Ela faz aquilo já por intuição. E vai arrecadando aquilo que vem para ela se instruir, mesmo sendo analfabeta, e para depois instruir, mesmo sendo analfabeta, mas a inteligência está lá, para poder criar os seus filhos, no melhor! A mulher faz sempre no melhor. Sempre, sempre, sempre. Então nós criámos, falo em mim, nós criámos a família, muitas de nós, sem saber ler nem escrever. E criámos a família que teve depois as mulheres...

a sequência da vida natural: maridos, filhos. Conseguimos criar e... hoje são as mulheres, os homens deste País que nós... falando em mim que tenho 89 anos, eu sinto-me à vontade em qualquer sítio, mas sabendo qual é o meu lugar. Então, eu digo que nós realmente não precisamos ser tão feministas assim porque nós já nascemos com valor. É só ir puxando esse valor... e criar os nossos filhos com muita dificuldade, não é? Mas sempre para o melhor. Nós no feminino, não é? E muitas vezes também modificando os nossos companheiros. Isso é o trabalho da mulher. No feminino. É o trabalho da mulher. E também... por exemplo, uma mãe tem que saber as tendências natas de cada ser saído do seu ventre, mulher... feminino ou masculino, e depois estudar... eu sei criei filhas e não só, parentes... mas cada coisa é uma coisa, cada filho é... Nisso, a gente, a mãe, a mulher faz a ligação mesmo os filhos sendo diferentes. Ela procura sempre uma coisa para ligar. E nós os africanos... a mulher africana é muito forte. A mulher africana é muito forte. Mas isto sem vaidade! Sem vaidade! Às vezes, até com mágoa. É muito forte. Ela não tem nada de nada e aqueles filhos criam-se. Aqueles filhos criam-se. E chega a altura eles não vão fazer diferença daqueles que tiveram mais coisas. Porque África... África tem uma defesa... África e os seus habitantes, digamos então a mulher, o feminino, na própria natureza. Então... não me digam, não me venham com, porque despidas das grinaldas, dos véus, de tudo, fica a mulher. E ela tem lá tudo. Ela tem lá tudo. Ela tem... na altura própria... por isso é que nós os africanos, nós os africanos, nós... preservamos... temos sempre aquela pessoa, mesmo ela analfabeta, aquela pessoa a quem todos vão convergir para colher isto ou aquilo. E ela tem muita responsabilidade. Eu sinto essa responsabilidade em mim, pela idade que tenho. Não vale a pena confundir. Não. Se tu queres ser a matriarca tens... agora diz-se “engolir sapos”, isso é vulgar. Eu digo, por outras palavras, tens que sacrificar naquilo que mais gostas, mas em benefício, em prol da tua família que um dia vai fazer esses pedaços bons é que vão fazer este País bom ou mau. Então está o feminino lá! Porque é ela sacrificou-se pelo marido, mas naturalmente ela pensa... não diminui a mulher, pelo amor de Deus. Não! Seja analfabeta, alfabetizada ou não, doutora ou não. Mas há uma parte que nós africanas mesmo até a doutora, ela vem à Avó do *kimbo* buscar ensinamentos que já lhes estão a falhar. Ensinamentos que ela colheu onde? Na própria natureza. E a natureza está ali. E eu digo assim: nós damos volta à nossa terra, fazemos, acontecemos, mas aquilo tudo sai, mas a terra está lá. Não estraguemos então aquilo que Deus nos deu. Por exemplo, pensando no nosso país, nós temos um país de bandeja. Deus, a natureza, deu-nos de bandeja. Eu amo o meu País. Eu podia viver noutra sítio, mas não... Gosto de visitar, porque eu gosto de saber, gosto de saber o que vai para ali, o que fizeram. Gosto de saber. Por exemplo, tenho ido já à América, algumas vezes. Portugal... por último

tive ai nas ilhas... que fazem parte do... não sei dizer... das Antilhas, por ali fora. E fui a Itália. Eu gostei. A Itália é um País onde a gente colhe muitos ensinamentos porque eles, ao passo que no nosso País estragámos muita coisa que não tínhamos que estragar, eu fui a Itália e eu vi. Eles, do antigo, puseram o moderno, ao mesmo tempo. Eu adorei. Aquelas igrejas, aqueles castelos transformados. Isso é ensinamento. Nós destruimos muita coisa neste País... muita coisa. E muita coisa vemo-nos às vezes às aranhas porque estragámos muitas coisas. Um País tem que ter passado! Nós estamos a destruir o nosso passado. Então em África, particularmente em Angola, estamos a destruir o nosso passado. Não se vê nada aqui por quê? Porque já não tem uma discoteca ali ou tem não sei quê. Então o resto? A discoteca vai abaixo. E o resto? Aquele passado. Por acaso até tenho visto que o nosso País está a agarrar aquilo do passado. Por exemplo, as nossas dinastias do passado, elas estão a vir ao de cima. E eu gosto disso. Porque é o nosso passado. É a nossa raiz. Está ali. Não vale a pena. É mais uma coisa que a gente tem dentro de nós para a gente dizer eu tenho isto e com isto eu posso fazer aquilo e transmitir aos nossos filhos ou filhas, porque as famílias africanas são famílias alargadas. As primas directas são primas como irmãs. Isso também no passado dos outros países havia. E as primas directas são tias dos filhos das primas. E a avó? Por exemplo, eu sou Avó de todo o mundo. E digo mais: quando eu passo na rua e eles dizem “avó”, eles vêm pela idade, aos mais velhos dizem “mãe”, mas é uma coisa... não tirem África disso.. não tirem essas coisas de África. Eu sinto-me... é avó, é avó. Mas a avó também tem deveres a cumprir. Ela tem que fazer por conservar aquilo. É uma... então é um livro que eles vão desfolhar. Porque a avó bebeu também de alguém. É a transmissão. É a transmissão, pois. Por exemplo, falando já na... isto é alargado (risos). Falando na nossa terra. Nós, por exemplo, somos das tribos *bantu*, não é? Mas além disso há outras designações, por exemplo, das tribos e das etnias nós pertencemos à etnia... hum... *kimbundo*. Então, eu nunca realmente soube até hoje onde estava enterrada essa grande rainha que nós não conhecemos. Angola, onde nasceu e reinou essa rainha... os outros, a outra África é que conhece quem foi a Rainha Ginga. Não somos nós. Porque, outrora, quando eu andei na escola, a... a história de Angola era uma coisinha assim só (exemplifica com os dedos na mesa um rectângulo pequeno). Assim, está a ver? No entanto, mais tarde... portanto, é no feminino já... Também é Rainha! A Rainha Ginga, a Rainha do Ndongo e Matamba.

Entrevistadora: O que significa?

Avó: Isso é o sítio do reinado. São as designações. Pronto esta parte pertencia à... a Rainha Ginga pertencia ao reino Ndongo e Matamba. Esse é feminino! É um exemplo que eu fui

buscar. Foi uma grande rainha! Aquela Rainha que quando chegou, é verdade, está escrito, quando foi à administração, ela levava as suas escravas e ela quis se... e lá o administrador ou não sei, não foi capaz de, ela era uma Rainha, ela era de um reino, não foi capaz de ter uma... uma cadeira para ela se sentar. Mas ela chamou as suas escravas e elas puseram-se de cócoras e ela sentou-se por cima das escravas. Isso é história. Verdadeira... é verdadeira mesmo. Também pesquisei durante muito tempo. E, por acaso, também eu soube, da parte da história, mesmo saindo daquele coisa reduzida, quando chegou a Independência, quando a gente começou a saber muitas coisas. E eu disse: afinal eu já sabia isto, isto, isto e isto. Por quê? As pessoas que viviam ao meu redor, pronto ao meu redor... (tosse) pronto, eu... fui criada mesmo por brancos (tosse)... No tempo, as... os senhores, os colonos, tinham as suas companheiras, umas eram namoradas mas pronto e outras eram companheiras... Viviam mesmo em casa. Então e também calhei numa família que já vinha ilustrada. Portanto foi ai naquele meio em que eu cresci e procurei saber mais. Então... mas nunca realmente soube... este ano ou o fim do ano passado é que soube realmente que o túmulo da Rainha Ginga está preservado (diz com indignação). Poucas pessoas sabem. Agora sabem. Mas afinal, quantos anos? A gente não sabia. O túmulo da Rainha Ginga, portanto, o seu irmão era o... eles andavam em guerra também, as dinastias eram uma coisa incrível. Eram inimigos. Então... eu fiquei, eu gostei... eu gostei de saber que afinal que ela estava num kimbo e acho que estava lá a campa... até vai-se assim de cócoras.

Entrevistadora: A Rainha Ginga foi uma figura de referência para todas as mulheres?

Avó: Sim, por isso é que eu chamei este exemplo! O que ela fez! O que a guerra dela fez. Depois mais tarde ela foi baptizada. E então... África tem história. Não digam que... ela estava descoberta já. Com a idade já me falta... hum... sou muito esquecida. Mas nas outras Áfricas sabem quem foi a Rainha Ginga mais do que nós, porque o colonizador tapou, manobrou-nos, mas nós temos uma história. Deves saber que aqui o Reino do Congo, a capital, foi aqui. A terra do Congo que antigamente era S. Salvador... pois, a capital do Reino do Congo era aqui. Então, a capital por felicidade nossa, foi em Angola. Ainda estão lá, o Rei D. Pedro, que foi o último rei, está ai no Museu Nacional, ali ao Pé das madres... A capa do D. Pedro está ai no Museu Nacional. No feminino... sem vaidade. As vaidades às vezes entorpecem as pessoas, mas eu orgulho-me de ser angolana e de ser mulher. Saber calar quando devo. Eu tive um marido 50 anos. Tem que se saber calar quando se deve. E a gente que é da nossa... mais tarde a vitória vai ser tua. Mas é verdade. Por trás de um grande homem, está uma grande mulher. Isto não é anedota, nem coisíssima nenhuma. É verdade mesmo. Mas então temos que ter

paciência, porque a mulher, o feminino trouxe duas missões ao mundo ou muitas multiplicadas. É só saber explorar.

Entrevistadora: Quais são as missões?

Avó: Olha, é ser mulher na íntegra e passar o seu feminismo para os seus filhos. Mas aquele feminismo bonito que ela trouxe da natureza. Passar e saber compreender também como passar isso, não é? Por exemplo, eu tenho filhas, mas eu tenho que saber andar. Têm que saber, porque eu sei. De antemão, eu sei como elas pensam. Eu sei. Mas por quê? Porque eu soube me calar. E, pronto, “engolir sapos”. Mesmo quando elas dizem “a sua filha assado”, mas aquela filha também é minha filha (risos). Mas ela diz “a sua filha assado” e eu “então mas também não és minha filha?”. E há muitos ciúmes entre as famílias. A feminina avó ou mãe mesmo tem que saber. Tem que engolir. É aquela missão dela. Não é uma missão que a desvaloriza, não. Pelo contrario. O valor vem depois. O valor vem depois. Então é assim, minha querida, já falámos muito.

Entrevistadora: Quer parar?

Avó: Se calhar, até nem foi ao encontro daquilo que tu querias...

Entrevistadora: Foi muito.

Avó: Eu andava desgostosa porque eu já vou nos bisnetos. Então a mãe tem que saber... quando também já é avó. Cada uma nasce com as suas aptidões. Pronto... então a avó tem uma batalha. A vida da mulher é sempre uma batalha. Nunca sabe o suficiente, mas faz por saber. E então ela vai aprendendo daqui, dali, “não, isto não dá. Vai prejudicar a este, aquele”. Olha, quer ver uma coisa, quando as minhas filhas se zangavam com os maridos, eu dizia assim “não vás para a casa de uma amiga; vem para a casa dos teus. Não vás” porque as amigas... há amigas falsas que o que elas querem é estar... elas gostam de estar e põem a outra... está a ver? Aquilo não é amizade. Eu dizia mesmo zangada (bate com a mão na mesa) “não vais para a casa... não, se precisas sair vem cá para casa, porque a cama ainda não está muito velha, se for preciso tem colchões e está ai. Não vais para a casa da amiga! Nem todas as amigas são boas”. Então foi preciso que eu própria chegasse a essa conclusão pela vivência ilimitada, sem vaidade. Pronto... pronto... mas sou pessoa de dizer, se não está bem, eu fico a pensar.. eu fico a pensar... eu fui criada por duas madrastas brancas, uma morreu. Havia muitas injustiças, coisas assim, mas elas também eram humanas e o humano tem sempre o lado bom e o lado mau. Então... agora se no lado bom ela misturava tudo, então ai eu saia já

com uma também. Mas dentro do respeito. E muitas vezes até me pediam desculpa. Tive uma tia até que era pior que uma madrasta, irmã do meu pai. A ponto da madrasta dizer “se fosse eu que sou madrasta dela, mas a tia” então a gente faz de conta que vai caldeando aquele ferro para fazer um objecto. É preciso é paciência e serenidade. Custa. Não se adquire assim. Mas há pessoas que já nasceram assim com aquela tendência, então a gente cultiva essa tendência. Mas não podemos deixar calcar... isso não. Disso... de tanto calcar, de tanto termos sido calcados é que depois muitos de nós não reagiram da mesma maneira na altura de dizer agora estamos nós mais fortes. Foram muitos anos... a terra é da natureza. Temos essa terra. Foram muitos anos. Mas é tudo na serenidade. Há certos momentos que a feminina tem que ter vaidade. Tem de ter orgulho. Mas tem que saber também quando esse orgulho é prejudicial e pô-lo de parte. De outro jeito não conseguimos nada. Nem nas famílias, nem fundamos... Porque a família... aquele núcleo é que depois vai andando e vai fazendo, por exemplo, as etnias e vai andando e faz o País. Por exemplo, nós temos um país muito diversificado de culturas... Muito! E estamos aqui todos. E sabe por quê que Angola tem tribos, etnias? Nós temos tudo. Não ficamos agarrados a isso... Não, não ficamos. Por isso é que nós não andamos em guerras tribais, nem étnicas. Não tem. Porque alguém esclarecido, tivemos sorte, disse: é o mesmo povo. Então vamos respeitar. Mas tu também não vais ficar ai fechado. Vais tirar um bocado aqui desta etnia ou desta tribo. Eu amo a minha terra, a minha Pátria. Porque eu digo mesmo e tento transmitir um bocado aos meus netos, que os meus filhos já estão formados. E eu digo “riquezas eu não tenho nenhuma”. Mas elas dizem que eu tenho muita, que sou eu (risos)! Para elas. Isso não é bom?

Entrevistadora: É ótimo!

Avó: Então... essas são as minhas riquezas. Minhas riquezas vêm à Avó... e chegam e saúdam “Avó”. Até a minha empregada chama-me de Avó. Tenho muito carinho. O rapaz que veio lá do Cunene (funcionário de casa) também chama de Avó porque já encontrou. É uma maneira de a gente aproximar as tais desigualdades que nós temos no mundo e no nosso país em particular. Mas é sempre uma coisa que elas sabem que têm que me respeitar. Mas impor à força não dá. Tens que fazer o trabalho de casa de princípio, porque realmente o pepino depois de grande não torce (risos)! Vai partir, não é? Então minha vida é essa. No feminino isto é o que eu colhi pela vida.

Entrevistadora: Obrigada. Obrigada pela ajuda

## Anexo C: Entrevista da Mãe

Entrevistadora: O que é para si o feminino?

Mãe: Hum... Para mim o feminino significa dizer... pronto é um ser humano que tem as suas especificidades e as especificidades são as seguintes: é ser mulher e a mulher acarreta logo a seguir os seus deveres e obrigações que são portanto... hum... gerar um filho, ter um filho, cuidar do filho, tratar dele, educá-lo, dar-lhe a instrução, dar-lhe a devida educação, não é? Outra vertente do ser, do ser... do feminino é que, portanto, acho que desde os primórdios das gerações a mulher... hum.. nasceu diferente do homem, do ser feminino, não é? Portanto de um ser masculino. E daí... ah... a mulher tem as suas próprias especificidades, independentemente de ela ser, de ela querer ser, portanto, ter direitos iguais aos do masculino. Mas isso é uma luta constante, uma luta muito acérrima, uma luta que tem estado a ser feita ao longo dos anos e que não termina por agora. Já se deu muitos passos, mas os passos dados ainda não estão a 50%. Devem estar aí a 40% 'prai. Mas há esperança porque esses 40% alcançados já foi, já é uma vitória para as mulheres.

Entrevistadora: Essa vitória refere-se a?

Mãe: A tudo. Ao papel na sociedade. A ela ser feminina. E o feminino também acarreta diferentes, diferentes caracteres porque o feminino não é igual mesmo ao masculino. Para já há diferença no corpo, não é? O corpo feminino é diferente do masculino então a partir daí também interiormente as mulheres, portanto, no feminino, as suas atitudes, os seus actos, o seu carácter, a bondade que se gere, a ajuda ao próximo já é diferente do masculino. Aí há as grandes diferenças entre ser feminino e masculino.

Entrevistadora: (depois de algum silêncio) Acrescentaria mais alguma característica do feminino para além das faladas há pouco?

Mãe: Característica do feminino é... eu creio que, por estudos já feitos há muitos anos, o feminino, não quero dizer que é um ser mais inteligente que o masculino, mas tem uma capacidade muito superior de assimilação que o masculino, só lhe falta é oportunidades, porque quando ela chega, consegue chegar a um determinado ponto, pela luta, por sua luta própria, ela consegue ser mais inteligente do que o masculino. Portanto na inteligência acho que é mais um carácter e uma qualidade que o feminino tem.

Entrevistadora: (depois de algum silêncio) Uma vez que toca nesse ponto, como são essas oportunidades na sociedade angolana?

Mãe: Na sociedade angolana viveu-se muitos anos de guerra e, portanto, toda esta estrutura ainda está um pouco atrasada. Portanto, tem uma diferença ainda grande da Europa ou América, não é? Que também ainda lutam, não é? Ainda não está a 100%, mas 100% também não há de ser alcançado em nenhuma parte do mundo, porque os seres são mesmo diferentes. E a perfeição também como ser humano em si, feminino / masculino, não é igual, nunca há-de ser a 100%, mas um aproximado. Então houve uma guerra de 40 anos para ai ou mais, e isso atrasou muito a inteligência, atrasou muito o desenvolvimento no feminino por quê? Ela sempre foi um ser que sempre foi vexada por todo o resto da humanidade. Sempre foi mulher que... portanto, nós aqui em guerra seria a mulher que ficaria na retaguarda para suportar os homens, portanto os homens ou até as mulheres que iam para as frentes de combate. Mas depois da independência até aqui, até há um certo tempo, de mudança de política, portanto éramos partido único e agora há mais de 20 anos já é, já são... já somos multipartidários então já gerámos uma sociedade democrata e então o sentido de desenvolvimento da mulher já é... já está muito diferente dos 40 anos atrás. Ela tem estado a alcançar e por quê? Por luta própria. Ela luta com quê? Ela junta-se nos ciclos nas escolas, junta-se nos ciclos dos empregos, junta-se nos ciclos de divertimento, nos ciclos, em qualquer ciclo da sociedade ela já aparece e ela faz força de aparecer e já há discussões, portanto, entre uns e outros, estás a perceber? Então ai... portanto... o atraso foi considerado. Mas agora já está a aproximar-se muito do que é o desejado, já estamos muito naquilo que nós desejamos, por quê? Porque nós vamos em frente, nós vamos à luta. Um homem que anda na rua de calça, a gente também anda de calça mas não é isso que significa, não é? Mas só dizendo que há determinados trabalhos, há determinados movimentos que uma mulher com saia não faz e com a calça faz então ai vai fazer aquilo que um homem faz com a calça. Hum... era é o que eu estava a dizer... há uma interacção do dia a dia da mulher ter a vontade de o ser e as estruturas também estão muito mais consciencializadas. O próprio masculino já está muito mais consciencializado que a mulher tem possibilidades de ser igual a ele em relação a muitas/determinadas situações na sociedade. Então vamos avançando. Mas claro tudo depende da política também. Porque quando há um desenvolvimento na política também há um desenvolvimento em todos os sectores então a mulher está acompanhando neste momento essa situação. Está a haver aberturas mesmo para as mulheres se inteirarem e estão a ser lutadoras e guerreiras... em Angola estão. Já há muitas mulheres que por exemplo nas

engenharias, eram só os homens que faziam, elas já querem os cursos de engenharia, já querem os cursos de todo o tipo, de mecânicas, das electricidades. Mulher que sobe num poste. Mulher que arranja um carro. As mulheres jovens já se atiram a tudo isso, porque há uma abertura na sociedade. Aqui em Angola houve uma guerra que durou muitos anos e que fez muito o atraso. Então as mentes não estavam viradas para a mulher. Era só querer resolver problemas de outras situações, de outros problemas, muito menos de querer pôr a mulher na ribalta, não é?

Nota: Depois da entrevista terminar, de agradecer pela participação e de parar a gravação, **a mãe acrescenta que o género feminino é mais inteligente que o masculino, mas que antigamente não havia oportunidades para as mulheres demonstrarem isso.**

Voltou a reforçar informações já prestadas anteriormente: das diferenças ao nível do corpo entre um homem e uma mulher, do papel tradicional da mulher que cuida das lides domésticas e dos filhos (afirma que sempre foi assim, desde os primórdios da humanidade) e fala do facto das mulheres actualmente optarem por serem mães mais tarde devido a questões profissionais (dá o exemplo da filha, que engravidou aos 32 anos)

## Anexo D: Entrevista da Filha

Entrevistadora: O que é para ti o feminino?

Filha: (Silêncio) O feminino... (silêncio) essa é uma pergunta muito subjectiva... (silêncio... risos...)... hum... (silêncio)... olha... eu sou um bocado para o conservadorismo e... dada a definição de feminismo agoora daria uma... hum... uma definição um bocado deturpada (risos) mas... hum... (silêncio) para mim o feminismo é... é... como é que eu posso explicar... é algo do qual se possa... a mulher se possa identificar... humm... porque não, não basta ver, não basta só dizer que “ah os seus saltos altos” identifica-a ou, por exemplo, que a maquilhagem identifica, que nós chamamos as dondocas, mais ou menos, não é? Não... Uma mulher, uma mulher com um rapazinho, com um corte a rapazinho pode ser muito feminista, com uns olhos, de cabelos compridos, por exemplo, com cabelos longos. Eu acho que é o sentir-se bem consigo mesma... independentemente da roupa que veste, independentemente... porque até um, que nós chamamos maria-rapaz consegue ter um lado feminino. Quer dizer, ela é mulher, veste-se de forma... hum... pronto um bocado mais, mais diferente do habitual que costumamos a ver as mulheres, mais para o rapaz mas consegue ter um toque feminino, por exemplo, um olhar feminino, consegue ter, gestos femininos... hum... por exemplo, quando eu... ahhh... no, no início quando eu te disse que poderia, que hoje em dia poderia ser uma definição um bocado... ahhh... deturpada é que analisando para os gays, por exemplo, eles são homens mas têm, têm o seu lado feminino então já... choca um bocadinho com a definição vá de... de... hum... como é que se diz? Conservadora de uma mulher que tem que ser, que tem que ter certos padrões para ter certas... prontos... definições, certas habilidades, mas eu acho que é sentir-se bem consigo mesma, eu acho. Sentir-se bem consigo mesma, estar dentro do seu, do seu estilo, do seu... e que consiga ser mulher, acima de tudo, não é? Independentemente do corte de cabelo, independentemente da roupa que veste ou dos saltos ou sapatos que usa, se pinta as unhas ou se não pinta. Eu acho que consegue ter o seu lado feminino, eu acho.

Entrevistadora: Por exemplo, quais seriam as características do feminino para ti?

Filha: Hum... (silêncio)... olha, tratando-se do género mulher, humm... A personalidade. O carácter. Digo... não sei se é a definição mais correcta, o ponto mais correcto, mas a sua... a sua... personalidade, é isso. Porque... hum... no fundo, é isso que a, eu acho, minha opinião, é isso que a define, porque tu podes estar a ouvir alguém, a dois metros, não estás a ver, mas

estás a ouvi-la e consegues identificar de alguma forma que é gay, que é mulher ou que é um homem, mas consegues identificar pela voz, pelo seu lado, pela sua persona... pela sua entoação, aquilo que... na forma como... como ela... passa a mensagem, mas tu não a vês. Tu quando a vires pode ser completamente diferente daquilo que estás acostumado, por exemplo. Podes ouvir uma voz muito meiga, mas quando a vires está cheia de piercings, por exemplo que nós antigamente era uma imagem de, por exemplo, de roqueira que já não assentava muito bem e tu pronto... tu ficas... era um contraste, não é? Mas se, por exemplo, se tu ouvires uma voz grossa como a minha que eu acho que tenho a voz grossa e olhares para ela e depois de saltos altos, o modelo típico de... do feminismo, o modelo típico, mas não é o único, não é o correcto de identificar só por aí, mas se tu a veres de saltos altos e não sei quê... o embate já é diferente, não é? Porque tu já não olhas só, já não fixas só a voz, mas olhas para um conjunto, é diferente... então... também vai muito pelo que as pessoas avaliam, a mente das pessoas, o impacto que causa a primeira impressão, não é? É muito por aí.

Entrevistadora: E, por exemplo, o papel na sociedade da mulher, principalmente, na sociedade angolana, como é que tu vês?

Filha: (sem deixar a entrevistadora acabar a pergunta) Olha agora está muito... muito... está péssimo, hoje em dia está péssimo. Eu cresci... pronto, a minha família é muito conservadora... em que existe o chefe de família, sempre existiu o chefe de família em que os papéis são muito distintos, independentemente de se a dona de casa ou a mãe é trabalhadora ou doméstica. Os papéis são muito distintos. E cada um sabia o seu lugar, independentemente da... da... da confiança, da intimidade que há, que possa haver, todo o mundo sabe o seu papel, no respeito, há desavenças, óbvio, mas ninguém... a desavença é... não é, por exemplo, passar para os filhos ou é tudo, saber engolir, depois pôr para fora noutra sítio... quer dizer, é tudo no respeito, na... há arranca rabos, mas eu nunca me apercebi... olha só para tu veres, a primeira vez que eu vi a minha avó a dizer um “porra”, a minha avó tinha 80 anos, todo o mundo olhou para ela, estávamos numa reunião de família... fomos visitá-la e estávamos a ver televisão e qualquer coisa assim, passou alguma coisa e eu já não me lembro o que era e a minha avó diz “porra” e todo o mundo ficou... olhou, mas todo o mundo assim olhou para ela, mas ninguém teve coragem de repetir o “porra”, entendes? É que ninguém teve coragem de dizer “oh avó disseste isto?” Não... Todo o mundo olhou uns para os outros e engolimos, fomos para a cozinha e começámos a fofocar “mas a avó disse mesmo aquilo?” quer dizer... estás a ver como é que é. Hoje em dia não é assim. E... alguns anos podia se dizer que a juventude, prontos os pais criam de uma forma e depois as pessoas desviam-se... os filhos

desviam-se e punha-se os próprios costumes, hábitos, valores... mas eu não concordo muito. Se isso acontece é porque os valores não foram bem passados, é a minha opinião, não é? Não aponto o dedo aquele e aquele, porque cada um sabe de si e se fez ou se foi para um outro caminho deve ter a sua razão, mas é porque não foram bem passados. Porque eu vejo na minha família que os valores são passados de geração em geração. Hoje, o que eu, nós ensinamos a minha sobrinha, a minha irmã passa para os filhos é exactamente o que nós aprendemos e se alguma de nós por exemplo e acontece, algumas vezes, ninguém é perfeito, por facilitar, deixa andar... “não deixa lá”, não sei quê... se isso acontece as tias repreendem, dão cacete, tipo chamam atenção à miúda e depois puxam a irmã e dizem “olha tu não devias fazer isso, não aprendeste isto, nós crescemos assim e assim”. Hoje em dia está tudo deturpado. Hoje em dia os pais não têm paciência, mas estou a dizer pais... não é pais jovens. Os pais de outrora, idades da minha mãe, sessenta e tais, não têm mais paciência para os miúdos, ‘tás a ver? não têm paciência... já não repreendem os filhos, deixam tudo andar, deixam tudo fazer e depois dizem ah... nós temos que acompanhar o modernismo. ‘Tá bem, mas modernismo tem o seu limite, né? Eu acho. Quer dizer, aqui é tudo, dar porque depois... agora vem a moda do bullying. Antigamente qual bullying qual quê? Isso é frescura do bullying que... Agora o miúdo faz isso, o miúdo faz aquilo... qual miúdo faz aquilo? Nós não tínhamos nada disso. Tudo bem que os hábitos, pronto as pessoas evoluem... os costumes e hábitos, a sociedade evolui, tem outros costumes e tal, mas eu sou da opinião que tudo bem, entende-se os costumes, percebes porquê que se faz mas não quer dizer que tenhas que seguir os costumes. É aquela velha moda, aquele velho ditado que diz todo o mundo, essa é a moda porque ando de... porque a moda agora é calças rasgadas até ao rabo, tens que seguir. Não é bem assim, não é? Eu sigo se me der para seguir, se achar correcto. mas agora ninguém tem paciência para ninguém. Os filhos fazem o que querem. Os filhos dormem... Já não se conhece os pais dos amigos. Os filhos saem de casa para ir... já têm chaves de casa muito cedo. 12 anos? Têm chaves de casa? Onde é que se pensa nisso? E depois... dai criam-se os vícios lá fora, os pais não acompanham. Quando é para coiso, já é tarde demais. Já está tudo feito, já está tudo... já aconteceu tudo (risos), já vêm grávidas, já vêm com vícios, vêm com (tosse), com certas... e depois não se consegue dar freio e é tudo assim... ‘tá tudo e depois virou uma sociedade agora para os mais jovens, quer dizer para os miúdos, muito mais, agora depois da guerra reestruturou-se alguma coisa. Já temos shoppings e tal e tal e tal e nós fomos sempre... hum... pela... seguimos muito a cultura, os hábitos portugueses, brasileiros, dos PALOP, principalmente dos brasileiros. Tudo que é brasileiro a gente copia. Os brasileiros, os portugueses... então temos, absorvemos muito. Nós somos um povo que absorve muito. Mas o

problema é que absorvemos o errado. Quer dizer, a maior parte absorvemos o errado. Queremos fazer tudo que pensamos que como é de uma sociedade muito mais desenvolvida é porque está bom. Mas o problema está nas famílias. Eu acho. O problema... É a base. Porque eu tive amigos drogados. Eu tive amigos que fumavam. Eu tive amigos... e digo amigas que tinham hábitos de andar com aquele e cicrano e não sei quê. Mas não é por isso que eu me... que andei com cicrano e fulano, que eu fumei, que não sei quê. Não tinha nada disso e levava os amigos à minha casa. A minha mãe conhecia. Quer dizer... é... saber o que é certo e o que é errado e agora não se passa isso. Agora é tudo a moda das tecnologias. O pessoal fica anti-social mesmo em casa. Os pais não reparam. Não há hora para nada. Quer dizer, não há hora para estudar, não há hora para jogo, não há hora para nada. A pessoa vai para dentro de casa não se consegue socializar, por quê? Porque está sempre no videogame. Não há limites. Não há limites! E ‘tá tudo assim... ‘tá tudo assim... como se diz aí na gíria, “está tudo à toa”. Quer dizer, todo o mundo faz o que quer, todo o mundo... eu acho que, para mim, a base é a família. E hoje... antigamente, as pessoas ficavam com vergonha de ser amantes. Era um assunto que não se, que não se falava assim abertamente. Podia se saber entre as entrelinhas nas famílias que aquela era a namorada do tio fulano, que aquela é não sei quê, mas assim assumidamente, não se sabia. Quer dizer, as pessoas ficavam com vergonha e respeitavam... os homens respeitavam muito mais a família. E aqui sempre... pronto, eu digo em Angola que é uma sociedade muito machista. Que o homem pode fazer tudo, pronto foi malandro, mulherengo. A mulher se faz é bandida, é mau carácter, é não sei quê. Então... e sempre tivemos, conservamos o conceito que a mulher cuida do lar, cuida dos filhos e independentemente do que o marido possa fazer ou não tem que conservar aquele, ‘tás a ver, aquele... humm... aquela fotografia. Tem que conservar aquela imagem para todo o mundo que é assim... e tal e tal e tal. E agora... mesmo se alguém absorve isso, e não estou a dizer que é uma das famílias das mais perfeitas, mas cada um depois geria conforme... conforme desse, conforme pudesse gerir. Nem todos tinham as mesmas condições, sendo que viemos da guerra. Há pouco tempo é que saímos. Há alguns anos. Mas... se vais de norte a sul nesse país, a base de família conservadora é a mesma. A mulher fica em casa, cuida dos filhos, dá educação. O marido põe a comida na mesa e é o do... é o homem. É o chefe de família. E depois tens que ter sempre o respeitinho. Não é ser submissa. É respeitar o marido. Porque quando tiver que haver arranca rabos, ninguém vê... mas ela dá arranca rabos, ‘tás a ver? Agora aqui, hoje em dia, é tudo à frente dos filhos, do tio, de não sei quê. Não há respeito nenhum. Mandam para aquilo, mandam para acolá. É sério... eu vejo com cada coisa. Ou eu é que estou a ficar xaxá, já velha ou tipo andamos aqui, mas é sério. E depois... perdi-me

(risos)... (participante perdeu-se; entrevistadora: estavas a dizer que antigamente havia respeito, preservavam-se os valores). Pois... Hoje com a mania do modernismo, porque todo o mundo é moderno e não sei quê... já começa... não estou a dizer que... ah começam a dizer “Ah! Somos os dois... trabalhamos os dois”, porque agora a mulher trabalha muito mais “Trabalhamos os dois, eu chego cansada” isso... eu defendo... estou a dizer, Angola... porque isso para os outros países é normal, porque têm uma cultura e uma vivência diferente. Nós somos diferentes. Eu se for para Portugal, é normal, ou mesmo para Itália... é normal, eu ver... Na Itália não têm... não têm... Mesmo sendo domésticas, porque não têm o hábito de ter empregadas, pessoas para ajudá-la em casa, os homens sabem cozinhar... crescem a saber cozinhar, fazem a limpeza da casa, dividem... dividem tudo com a mulher, as lides de casa. Aqui não... aqui nunca fomos habituados a isso, é o tal conceito que o homem põe... é o cabeça da família, põe a comida em casa e a mulher cuida do resto, inclusive do marido (risos). Então... hoje, obviamente há uma evolução em termos de mentalidade. Pronto, trabalhamos os dois, dividimos os dois as despesas e tal, mas se o marido quiser ajudar nas lides de casa, ajuda, não há problema nenhum. Eu posso pedir ao meu marido para ajudar, mas eu sei que não é a função do meu marido, ‘tás a perceber? Eu sei que a casa, independentemente se eu trabalho no mesmo horário que o meu marido, a casa é responsabilidade minha, percebes? Se o meu marido quiser... o meu marido cozinha, por exemplo... o meu marido cozinha, o meu marido arruma, o meu marido cozinha porque ele viveu muitos anos sozinho e está habituado a fazer. Só que quando nós juntámo-nos, eu passei a assumir esse papel mas involuntariamente, porque é o papel de mulher. Então ele deixa se estar, não quer dizer que não faça. Se eu lhe disser “oh mor põe a roupa na máquina, faz favor” ele põe a roupa na máquina. “Mor estou cansada de cozinhar, de fazer o almoço... estou cansada do dia (por exemplo), faz só uma coisa rápida para nós” ele vai à cozinha e faz uma coisa rápida. Mas não é... não está estabelecida como obrigação dele diária. Mas eu sim. Eu vou trabalhar, mas tenho que saber que tenho que ver as senhoras se vieram trabalhar, o que é o almoço, se o marido gosta ou não, se puseram a roupa a lavar, se engomaram como eu gosto, ‘tás a ver? Tenho que ver tudo. E isso eu não digo... eu chego a casa e digo “mor ’tou cansada”, ele diz “está bem vou te fazer uma coisa rápida”. Mas não... estou cansada mas faz parte da minha tarefa. Já é uma coisa incutida. Que eu tenho amigas que dizem “Não!”, que cresceram em Portugal, “Não! Eu faço, ele também tem que fazer, eu cheguei cansada, eu também cheguei cansada. Não! Ele... por quê que não pode pôr ele?” do género que são um casal mas cada um põe a sua roupa na máquina, cada um faz o seu cozido... cada um... é... é... perde um bocado. Nós não somos assim, mas não quer dizer que quem o faça seja errado, mas

é... o seu modo... E hoje em dia está muito... está muito. Dizia das amantes, por exemplo, está muito... que já não há respeito. Quer dizer, está tudo muito evidente, mas não só agora para os homens. O pior é que as mulheres também fazem. Mas não digo mulheres jovens. Mulheres adultas, mais velhas, que andam com miúdos que têm idade para ser filhos. Mulheres casadas andam com miúdos que têm idade de ser filhos. Então... isto está tudo... com contrário. Quer dizer... está tudo mal. Os valores estão todos invertidos. E são mulheres que tiveram a educação de antigamente, como nós dizemos. Agora se foi assimilada isso é outra história. Mas que foram do tempo, foram. Então que educação? Se uma mãe faz isto, que valores é que ela passa para os filhos? Nenhum! O filho faz e desfaz ou a filha faz e desfaz, ela não... até apoia, se calhar. Vai com a filha ali, com a filha acolá, não quer dizer que não possa ir com a filha a uma discoteca, pelo amor de Deus. Mas... tem que saber limites, né? A filha tem que saber que está a sair com a mãe, não pode fazer certas coisas. Mas se está tudo junto e tudo misturado, aqui, né? Está tudo assim. Depois é tudo aberto. Gostam de ser amantes e... e... uma coisa... está tudo... depois, ficam orgulhosas de ser amantes. E... depois... dizem que... se o teu marido... também, pronto, o homem sempre foi, aqui, e digo o africano, até. Posso já generalizar nesse sentido. O homem sempre foi do género de ter sempre um rabo de saia, tem sempre essa tendência. Não quer dizer que todos o tenham. Mas tem essa tendência. Se descobrir que o meu marido tem, eu parto-o... mas pronto. Mas tem... Antigamente dizia-se que eram os homens que iam atrás, porque tinha-se esse coiso. Hoje em dia é evidente que a mulher é que vai atrás, ‘tás a ver? Mas vão por coisas materiais... é tudo... E o pior é que eles sabem. Vão por coisas materiais. É o tio que do saldo, é o tio da igreja (risos), é o tio da faculdade, é o tio do carro, é o tio das viagens, é o tio... quer dizer... são todos tios. Todos assim, todos juntos, todos misturados. E gostam. Há mulheres quem gostam. Mas também há outras, é bem verdade... não é que aponte o dedo... que pronto, apaixonam-se e etc, mas não quer dizer que seja certo. Mas também não sou eu que vou apontar o dedo, dizer.... Eu, hoje, sou casada e obviamente... eu dizia, antes de ser casada, dizia “essa gente... com tanto homem que tem no mundo. Uma mulher tão bonita, por quê que tem que ir ter com os outros?”. Mas mesmo que eu soubesse que alguém fizesse, até poderia falar com essa pessoa, normalmente, aconselhava “assim, assim”. Mas também se ela não deixasse para mim era igual. Mas hoje casada, já vejo diferente e eu imagino-me eu lá. Se alguém vier desturpar o meu... não sei o quê que eu faço. E antes de ser... por isso temos que passar na pele, porque antes dizia “se encontro isso faço aquilo” hoje, casada, já penso duas vezes “será que eu seria capaz de fazer isso? Será que eu seria capaz de fazer aquilo?” mas porque são... são... são... reacções de momento. Nunca sabes até passar por elas. Mas... pronto... está tudo à toa, como se diz, está

tudo horrível. Depois tornam-se assuntos discutidos assim banalmente. Porque que eu sei, eu faço isto, faço aquilo, porque saí com o fulano de tal e tal... são coisas... antigamente tinha se vergonha, né? Por causa dos princípios. Hoje em dia é tudo assim. Não quer ouvir, paciência. Tudo a andar... e depois sabe-se que aquela tia é fulana, é namorada do fulano x, a outra é amante do fulano x e tal. E muitos por conveniência até nem chamam às vezes à atenção, muitas famílias. Por quê? Porque... hum... privilegiam-se de alguma forma... por mais que podem até não ir com a fuça do indivíduo, mas se o indivíduo agrada de uma forma ou outra, já é o Denzel Washington (telefone toca, é o marido, a participante pede para desligar a gravação e atende, desliga a chamada e continua). E pronto... está tudo assim. Acho que estamos com uma inversão de valores muito grande. Ambos os gêneros, homem e mulher... tipo é.. acho que é... é minha opinião... está muito mal... mas há quem veja com bons olhos... mas eu acho que está muito mau.